

A detailed illustration of a young man with wavy brown hair and light blue eyes, looking directly at the viewer with a slight, enigmatic smile. He is dressed in 18th-century fashion, wearing a dark blue coat over a white shirt with a large, ruffled cravat. The background is a warm, golden-yellow interior of a grand building, featuring classical architectural elements like arches and columns, which are slightly out of focus to emphasize the character.

Irresistível

(Lorde Adam)

J. DE LA ROSA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

IRRESISTÍVEL

J. de la Rosa

© Todos os direitos reservados

Todos os direitos estão reservados. Dentro dos limites previstos na lei e sob as advertências legais previstas, é proibida a reprodução total ou parcial desta obra por qualquer meio ou procedimento, seja ele eletrônico ou mecânico, informático, aluguel ou qualquer outra forma de cessão da obra sem autorização prévia e por escrito dos titulares dos direitos autorais.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, caracteres, lugares e situações são produto da imaginação do autor ou são utilizados ficticiamente, e qualquer semelhança com pessoas, vivas ou mortas, estabelecimentos de negócios (comerciais) fatos ou situações são pura coincidência.

Título: *Irresistível*

Copyright © 2024 - *José de la Rosa*

Designer de capa: *Nune Martínez*

Tradução: *Rosângela Mazurok Vieira*

Contato:

www.josedelarosa.es

josedelarosa.v@gmail.com

Obrigado por comprar este romance.

IRRESISTÍVEL

J. de la Rosa

Cavalheiros Dissolutos #1

ÍNDICE

[Capítulo 1](#)
[Capítulo 2](#)
[Capítulo 5](#)
[Capítulo 8](#)
[Capítulo 10](#)
[Capítulo 11](#)
[Capítulo 12](#)
[Capítulo 13](#)
[Capítulo 16](#)
[Capítulo 18](#)
[Capítulo 19](#)
[Capítulo 20](#)
[Capítulo 22](#)
[Capítulo 25](#)
[Capítulo 26](#)
[Capítulo 28](#)
[Capítulo 30](#)
[Capítulo 31](#)
[Capítulo 35](#)
[Capítulo 36](#)
[Capítulo 37](#)

CAPÍTULO 1

Londres, 1812

Adam conteve um gemido e, enquanto seu corpo desfrutava dos últimos espasmos de prazer, sua boca bateu, ainda sedenta, nos lábios da mulher, que o acolheu com um sorriso satisfeito.

Tinha um princípio imóvel. Um canalha que se preze tinha que cumprir duas condições essenciais para poder ser chamado assim de maneira digna: ser dissoluto e não ter escrúpulos.

Ambas eram acometidas com especial zelo por lorde Adam Baxley, futuro conde de Dunwich, desde que seu pai tivesse a bondade e o bom gosto de morrer logo e o deixasse desfrutar da fortuna da família o quanto quisesse. Mas o velho conde, entre outras inclinações abjetas, como a caridade e a piedade, parecia não ter pressa em encontrar-se com o Todo-Poderoso, por mais que insistisse em ir à missa.

O beijo longo e úmido se prolongou no tempo, enquanto suas línguas brincavam e os corações agitados por uma intensa sessão de sexo tentavam se acalmar.

Com um suspiro profundo, o jovem e sombrio lorde saiu dela e deitou-se ao seu lado enquanto procurava sua taça de vinho, certo de que a havia deixado em algum lugar antes de começarem os jogos de amor.

— E agora vai embora, como todas as noites — reclamou ela, docemente, sem qualquer sinal de

ressentimento, porque não era da natureza dela ter sentimentos tão convencionais.

Adam tomou um longo gole de seu copo e o colocou na mesa baixa ao lado da cama. O espelho colocado acima sobre o teto do dossel refletia os dois corpos nus deitados, rodeados por lençóis amarrotados. Ele só encontrava um pouco de paz quando estava nos braços daquela mulher, o que era surpreendente considerando que era membro do Clube dos Cavalheiros Piedosos. Tudo o mais lhe causava a mesma relutância e irritação, o que o levava a um estado de mau humor perene.

Se Fídias voltasse do submundo para entregar aos mortais uma obra divina, não teria dúvidas em tomar aquela mulher como modelo. Seu corpo era uma conquista de tentações, desde os lábios carnudos, ou o tamanho certo dos seios, até o calor acolhedor de sua intimidade. E tudo isso acompanhado de uma beleza magnética, daquelas que impossibilita desviar o olhar, e onde os cabelos acobreados brilhantes e os olhos esverdeados, rodeados de cílios grossos, se tornavam tão sedutores que nenhum homem poderia estar ao seu lado sem desejá-la.

Por sua vez, Adam, apesar da perene seriedade do seu rosto, era um exemplo daquilo que na boa sociedade inglesa era conhecido como um "jovem bonito". De natureza atlética, porque matava o mau humor cavalgando ou entrando em brigas de rua, seu corpo musculoso parecia a imagem viva de uma daquelas obras de Praxíteles que tão na moda tinha se posto copiar. Além disso, tinha um rosto francamente bonito, emoldurado por ricos cachos castanhos e um olhar azul profundo que um personagem menos dado à dureza teria considerado firme. Também estava excelentemente dotado para outros assuntos como o que acabavam de ter em mãos, ou, pelo menos, era o que diziam as mulheres que insistiam em ir para debaixo dos seus lençóis e a quem ele, cavalheiresco, não tinha outra escolha senão satisfazer.

Porém, a mulher que estava ao lado dele naquele momento, aquela que acabara de recebê-lo entre as suas pernas e havia gritado seu nome no auge, aquela era especial.

Ele colocou as costas da mão na testa enquanto seu coração começava a se acalmar. Sim, ela era diferente e possivelmente a mulher mais linda que já segurou nos braços.

Talvez tenha sido precipitado, mas nunca teve tanta certeza de poucas coisas. Ele se virou de lado, apoiando o cotovelo no travesseiro e a cabeça na palma da mão. Ela ainda tinha o sorriso de prazer nos lábios e descansava, despreocupada, a poucos centímetros da pele dele.

Os dedos de Adam, mesmo tendo desfrutado dela há pouco, não conseguiram se conter e pousaram na barriga lisa da mulher. Se descessem, se enredariam naqueles deliciosos pêlos cacheados, e se avançassem um pouco mais, poderiam acariciar as bordas úmidas de seu sexo, brincar cuidadosamente com a deliciosa abertura, e mergulhar novamente naquele lugar sagrado e quente onde sua virilidade tinha descarregado o fogo untuoso do desejo há alguns instantes. Se subisse até o pescoço, aquela pele milagrosamente macia daria lugar à linha primorosa que separava os dois seios generosos, pela qual poderia subir até pousar nos mamilos, saborear o toque rugoso de suas aréolas e beliscar o cume até que, novamente, endurecessem, e provocar assim aqueles gemidos que tanto o excitavam.

No entanto, não fez nenhuma dessas duas coisas. Como tinham chegado, seus dedos voaram para longe de sua pele, e quando voltaram a ela, o punho fechado repousou sobre o ventre feminino, agrupando seus longos e grossos dedos como se fechassem um segredo.

— Se adivinhar o que estou escondendo na palma da minha mão, lhe darei tudo o que me pedir.

Ela mordeu o lábio de brincadeira, porque sabia que ele lhe concederia isso, quer ela acertasse ou não.

— A única coisa que quero é que você sorria. Acho que nunca o vi fazer isso.

A boca de Adam torceu-se numa careta, nada mais.

— Isso é pedir demais.

— Outro colar de safira?

— Minha mesada não dá para três em um único ano.

— A chave de uma casa pequena e bonita perto de Mayfair.

— Essa já tem.

Os lábios da mulher delinearam um beicinho delicioso que ele queria comer novamente.

— Bem, eu desisto.

Adam ergueu a mão, colocando-a no ar na distância certa para que, ao abri-la, não houvesse dúvidas sobre seu conteúdo. Ela esperou, mas nada aconteceu. Olhou-o, com uma curiosidade que em uma mulher de sua experiência era rara de ver em seus olhos, e ele lhe respondeu com outra careta tão leve que poderia ser só uma ilusão.

Quando a mão se abriu e seus dedos ágeis mostraram o conteúdo do punho, a bela mulher piscou sem compreender.

— Um anel?

Não era qualquer um, isso era evidente. Era antiquado, muito elaborado, e o diamante central era quase tão grande quanto um ovo de tordo.

Adam assentiu e lambeu os lábios. Tinha pensado muito sobre isso. Na verdade, era a única coisa em que pensou nas últimas semanas. Nisso e na forma de conseguir dinheiro extra de seu pai mesquinho.

— Case comigo.

A mulher piscou várias vezes, espantada. Isso era completamente incomum, para não dizer inapropriado. Ela se recompôs até ficar sentada na cama, com as costas apoiadas na cabeceira entalhada.

— Eu não...

Não conseguiu terminar a frase porque a porta do quarto se abriu naquele momento, como se um vento descontrolado quisesse arrancá-la das dobradiças, e bateu com força na parede.

Ambos se viraram e viram a silhueta de um cavalheiro idoso, vestido de maneira sombria, ainda usando a cartola sobre os cabelos brancos e com as sobrancelhas franzidas como se toda a raiva do mundo tivesse se instalado entre elas.

A mulher instintivamente cobriu o busto com o lençol. Adam não pareceu alarmado e permaneceu na mesma postura lânguida, indecentemente nu e ainda robusto após o sexo.

O velho olhou em volta e deu um passo para dentro, erguendo a bengala para apontar para o jovem aristocrata ainda na cama.

— Querida — disse Adam com uma calma cheia de aspereza — este é lorde Dunwich, o conde de Dunwich, para ser exato, meu amado pai.

A raiva do recém-chegado foi imediata.

— Então é verdade.

Adam espreguiçou-se sem vergonha e pulou da cama em busca da garrafa de vinho que devia estar em algum lugar. Ele a encontrou perto da janela e a levantou, triunfante.

— Uma taça de vinho, pai? Dizem que faz milagres com o mau humor.

O velho apontava para a rica joia que o filho havia deixado entre os lençóis, como se fosse uma bugiganga.

— Pegou o anel da sua mãe para...

— Nunca o usa — ele se serviu de uma quantidade generosa. — É uma calamidade não exibi-lo, e duvido que já tenha visto um dedo mais requintado que o desta dama.

O velho pareceu notar pela primeira vez a presença feminina. Seus olhos brilharam de indignação e sua boca

franziu-se num esgar escandalizado.

— Ela é uma prostituta.

— Protesto — respondeu seu filho depois de tomar um longo gole. — É um das *madames* mais procurada de Londres.

O rosto do conde estava vermelho. Aqueles que o conheciam sabiam que era um homem comedido, com absoluto autocontrole e famoso por sua honorabilidade. Mas seu filho Adam, o único descendente sobrevivente dos três que teve, conseguia deixá-lo louco.

O velho respirou fundo para se acalmar e voltou-se novamente para a mulher, desta vez, mais contido.

— Deixe meu filho e eu sozinhos — ordenou. — Meus homens estão no salão e irão recompensá-la pelo seu serviço.

Adam levantou a mão. Continuava completamente nu e exposto, sem nenhum pudor, tão impertinente e mal-humorado como sempre.

— Não se mexa — ele ordenou, depois se virou para o pai. — Paguei a noite inteira e gosto de desfrutar onde gasto meu dinheiro.

Ela olhou de um para o outro. Saiu da cama enrolada no lençol e olhou para os dois novamente.

— Estarei no salão — exclamou. — E digo a ambos: não concordo que me deem ordens na minha própria casa, por mais títulos que ostentem.

Sem mais delongas, se virou e, arrastando a ponta de seda do lençol, saiu pela porta sem se preocupar em fechá-la.

Adam bebeu o resto do copo de um só gole e limpou os lábios com o antebraço.

— Estragou uma noite que prometia muitas delícias, pai.

O conde ainda estava furioso, e a falta de decência do filho, que nem tentava se cobrir em sua presença, o irritou ainda mais.

— Hoje se superou — ele o acusou. — Sua mãe e eu esperamos qualquer desgraça vinda de você, mas pedir a mão de uma mulher de má vida supera em muito a terrível opinião que tínhamos de nosso filho.

Ele encolheu os ombros.

— O amor aparece quando menos se espera, pai.

— Acabou, Adam — a bengala do conde bateu no chão. — Suportamos todos os seus caprichos e mesquinhas, mas tememos que sua falta de modéstia e controle o leve por caminhos difíceis de retornar, se ainda não estiver imerso neles.

— Suas palavras me honram, pai.

Houve silêncio, e quando Adam viu um sorriso aparecer nos lábios de seu pai, um arrepio percorreu sua espinha.

— Acabei de congelar sua mesada. Não haverá mais nenhum xelim até que recupere o juízo.

— Não pode fazer isso — sua voz parecia gelada, ameaçadora.

— Não só posso, mas consegui. Chega de visitas a bordéis como este, chega de despesas desnecessárias e chega de alfaiates à nossa porta exigindo o pagamento de contas fabulosas.

A mão de Adam apertou a taça com tanta força que o vidro poderia estourar a qualquer momento.

— Isso só vai me fazer odiá-los mais do que já odeio.

O conde não percebeu o golpe, ajeitou a cartola e olhou o relógio de bolso. Estava atrasado para a reunião paroquial.

— Organizei seu casamento — informou enquanto ajustava as luvas. — Vai se casar neste domingo. E se depois de um ano se tornar um homem decente, poderá desfrutar novamente de suas mesadas. Enquanto isso, cuidarei de todas as despesas que precisar, desde que eu as aprove com antecedência.

O rosto de Adam mostrou então, e talvez pela primeira vez, verdadeiro espanto. Como ousaram? Como...?

— Não vou me casar com quem o senhor e minha mãe escolheram — disse ele com firmeza, enquanto seus dentes rangiam.

Mas o conde sabia que todas as cartas do baralho estavam em suas mãos.

— Vai fazer isso — ele ergueu uma sobrancelha, satisfeito —, ou em vez disso pode procurar um desses empregos para se sustentar. Os burgueses o fazem e dizem que vão bem.

— O senhor não me assusta, pai, com suas ameaças.

— No domingo. Às onze. Sem falta.

Se dirigiu até a porta. Havia encerrado todas as contas abertas de Adam nos clubes mais indecentes de Londres, com o aviso de que não seriam cobertas se lhe dessem crédito. Conhecia o seu filho, e concordaria com qualquer coisa para voltar à sua vida licenciosa, embora dessa vez honraria o seu nome com um casamento.

— E posso saber quem escolheu para ser minha esposa? — Adam exigiu antes que saísse.

O conde mal se virou. Isso não importava.

— A única que não pode se negar a contrair matrimônio com um canalha como você.

E se virou, deixando o filho com desdém.

CAPÍTULO 2

A batida suave na porta fez com que todas aquelas meninas olhassem para a entrada da sala de aula.

— Entre — exclamou a srta. Morrison com sua voz azeda.

A porta se abriu com firmeza, como se um general do exército tivesse dado uma ordem inquestionável, e instantaneamente a figura magra de uma mulher vestida de preto entrou na sala de aula.

Sua presença fez com que o olhar curioso das pupilas se volatilizasse e se fixasse imediatamente no chão, já que olhar diretamente nos olhos da srta. Spider era quase um sacrilégio.

A diretora do internato Saint Mary era uma mulher sóbria. Dirigia aquela instituição para senhoritas com mão rígida durante duas décadas e podia garantir que cada uma das discípulas que haviam deixado aqueles muros era um modelo de virtude e uma referência de decência em sua comunidade.

Avançou até o centro da sala, com as mãos cruzadas no colo, e dirigiu-se a tutora, que parecia tão assustada quanto todas as demais com a visita inesperada.

— Peço desculpas por ter sido forçado a interromper sua aula.

— Tê-la entre nós é sempre uma alegria —ela tentou esconder o nervosismo — certo, meninas?

Um coro de vozes assustadas surgiu imediatamente.

— Sim, srta. Morrison.

A srta. Spider olhou em volta. Tranquila e decorosa, como deveria ser uma boa aluna do seu prestigiado internato, que acolhia não só meninas das melhores famílias, mas também se orgulhava de formar mulheres desgarradas, vidas licenciosas, ou frutos do pecado que a caridade de alguns benfeitores tornava possível subjugar por meio de estudos e surras.

Olhou para o quadro negro, onde estava escrito o decálogo da boa esposa.

— Vejo que hoje está discutindo as sagradas obrigações de uma mulher casada.

A professora fez uma leve reverência nervosa.

— Isso mesmo, srta. Spider.

— Ser obediente e submissa — dirigiu-se as alunas —, cuidando e antecipando os desejos daquele que será seu mestre e senhor, lhe tornando a vida agradável e entendendo que um homem precisa de um mundo que para as mulheres é demasiado complicado, é a chave para a felicidade conjugal. Nunca se esqueçam disso.

A professora colocou a mão no peito, emocionada.

— Sabias palavras.

Mas a diretora do internato estava com pressa, como quase sempre.

— Não quero entretê-la. Preciso falar com uma de suas pupilas.

— Mas é claro.

— Com Roxanne Blyton.

Fez-se silêncio.

Uma menina comum, que passava despercebida entre as outras, se atreveu levantar a cabeça. Estavam falando sobre ela. Por que a diretora poderia estar interessada em fazer isso? Ela estava trancada dentro dos muros daquela instituição por caridade há três anos e nunca havia trocado uma única palavra com a rígida governante daquele minúsculo mundo onde qualquer inconveniente era duramente punido.

— É você — uma descontente srta. Morris abanou a mão diante da falta de coragem daquela garota.

Roxanne levantou-se, lentamente, pois sabia que qualquer erro seria severamente punido. A diretora a viu pela primeira vez e teve que franzir as sobrancelhas para tentar entender como era possível alguém sentir algum interesse por uma garota tão insípida como aquela.

Bastante miúda, de rosto límpido, onde talvez houvesse um tímido interesse nos olhos que poderiam ser considerados bonitos, cabelos escondidos sob a touca, corpo pouco voluptuoso, uma pele demasiado exposta ao sol para o bom gosto e uma atitude excessivamente curiosa confirmavam uma menina que bem podia servir de governanta ou balconista, mas nada mais.

Desgostosa, a diretora pigarreou para limpar a garganta.

— Siga-me — ordenou. — Temos que conversar. Obrigada, srta. Morrison. Continue com suas aulas.

A professora ficou preocupada, caso o erro que aquela aluna certamente cometeu pudesse afetá-la de alguma forma. Mas nada no comportamento da diretora parecia demonstrar isso, pois, sem esperar resposta, se virou e saiu da sala.

Roxanne permaneceu onde estava, de pé, como se um carpinteiro invisível tivesse pregado seus sapatos no chão. Que interesse a srta. Spider poderia ter nela? Inquieta, olhou para sua tutora, que tinha a marca da urgência no rosto, e já fazia um gesto que a incentivava a seguir a diretora rapidamente.

Roxanne levantou sua saia de pano desgastada e, sem olhar para trás, com cara de preocupada, saiu da sala de aula para imediatamente encontrar a senhorita Spider, que esperava com pouca paciência no claustro externo.

— Não é típico de uma mulher educada se apressar — a advertiu.

Ela parou, alisou a saia e olhou para o chão, como fora instruída a fazer quando se deparasse com alguém superior.

— Sinto muito, senhorita.

— Desde quando está conosco?

— Tinha acabado de completar quinze anos quando cheguei e agora tenho dezoito.

A diretora a analisou novamente. Aquilo era completamente incompreensível. Não apenas por causa de seu passado, mas por causa de sua aparência comum.

— Lembro disso — lhe disse. — Era pouco mais que uma criatura bárbara. Deve estar muito grata a nós pelo que fizemos por você.

Ela fez uma leve reverência.

— Estou, srta. Spider.

A diretora suspirou. Não lhe agradava coisas que não entendia, e essa era uma delas.

— Quais são suas intenções? — perguntou a Roxanne.

— No próximo ano deve nos deixar e procurar um emprego.

A menina ousou levantar o olhar, mas de uma forma tão tímida que parecia um cervo assustado.

— Gosto de crianças. Tinha pensado em me tornar preceptora.

A boca da senhorita Spider se abriu em uma careta sarcástica.

— Com o passado da sua família e sem referências? Duvido que alguém acolha uma garota como você sob seu mesmo teto.

Sabia-o. Tinham-se encarregado de lhe recordar de onde vinha cada um dos dias que passara naquela instituição.

— Só me restou meu tio — disse, baixando a cabeça novamente —, e fui informada há um ano que ele também morreu, assim que não saberia o que fazer então.

Não, pensou a srta. Spider, não entendia nada. Mas não cabia a ela questionar isso.

Levou uma mão ao peito ao mesmo tempo que levantava a cabeça tanto, que a olhou de cima.

— A Divina Providência zela por todos, minha filha, e colocou em seu caminho um destino que não merece.

Roxanne olhou para cima novamente. Dessa vez refletiram a mais absoluta confusão.

— Um membro da família que não conheço apareceu?

— Recebi um pedido de casamento. Pediram sua mão.

Foi difícil para ela entender. Não havia que ser muito inteligente para saber que uma mulher sem dote nem reputação, que tinha sobrevivido graças à caridade, tinha o casamento vetado para a vida toda.

— Minha mão? — repetiu. — M-mas não conheço ninguém e nunca mais saí destas paredes desde...

— Se trata de uma família das mais distintas, com posição e fortuna — a srta. Spider a interrompeu, dando a entender que não cabia a ela perguntar nada. — Na verdade, tive que me certificar várias vezes de que perguntavam sobre você e não sobre outra colega sua, porque me pareceu incrível.

— Minha mão — sussurrou.

— Lorde Dunwich a quer para o seu filho. Não me pergunte por quê. O conde poderia casar seu filho com qualquer dama de boa família, mas suponho que seu piedoso coração cristão e sua enorme generosidade tenham preferido salvar uma garota com um passado sombrio como um ato de generosidade.

O rosto de Roxanne empalideceu enquanto seus olhos adquiriam um brilho que a srta. Spider achava impossível em uma garota tão tímida.

— Lorde Dunwich?

— O conhece?

— Era amigo do meu pai.

Só de mencionar o pai, o rosto da diretora assumiu a mais vívida imagem de desgosto.

— Nem mencione isso. Estas paredes sagradas não podem ser manchadas com o nome de um pecador.

A garota já estava acostumada, então isso não a afetou mais do que das outras vezes.

— Lorde Dunwich tem três filhos, se bem me lembro.

A srta. Spider diminuiu a importância com uma aceno de mão.

— Dois deles morreram. As febres. Foi tão lamentável que toda Londres guardou luto.

— E qual deles sobreviveu?

— O Honorável sr. Adam. — Por que aquela criatura ingrata perguntava tanto? — Um senhor impecável que não te merece e que tem... — a jovem empalideceu ainda mais, e cambaleou, quase caindo. — O que há de errado, garota?

Roxanne mal conseguiu se recompor, embora a lividez de sua pele não tenha se recuperado.

— É só emoção, srta. Spider — mentiu. — Apenas a emoção.

CAPÍTULO 3

Adam entregou as luvas e a cartola ao lacaio que veio pronto para ajudá-lo.

— Todos chegaram? — perguntou.

— Sim, milorde. — O criado virou-se para outro servo com um olhar premente. — E aqui está o seu tônico revitalizante, como sempre.

Adam agradeceu com uma careta seca enquanto pegava o copo da bandeja que lhe estendia.

— Obrigado. Que preparem mais dois. Hoje precisarei deles.

Chamar uma mistura de gim, rum e suco de limão de "tônico" poderia ter sido pretensioso, mas no Clube dos Cavalheiros Piedosos nada precisava ser mencionado pelo nome.

Desde que seu pai apareceu na residência de *madame* Camille com a trágica notícia de seu casamento, um estado de fúria e mau humor crescente tomou conta dele. A astuta raposa o ameaçou com a única coisa que sabia que poderia abalar seus sólidos princípios de canalha: dinheiro. Sem ele, as festas, as fantasias, as visitas a *madame* e sua boa vida como membro daquele clube caro.

Então, se quisesse manter seus privilégios, teria que passar por um momento difícil de se casar com uma moça estúpida e engravidá-la dentro de um ano para retornar à sua existência anômala.

Tomou um longo gole e se dirigiu para a sala, onde seus cinco companheiros já o esperavam.

Eram inseparáveis e, tal como ele, pertenciam às famílias mais destacadas do Reino Unido. Conheciam-se desde crianças, embora apenas o gosto pelos prazeres corruptos tivesse forjado uma amizade que satisfazia as figuras proeminentes naquele clube.

O nome de Cavalheiros Piedosos talvez pudesse confundir, pois o objetivo principal de uma instituição tão nobre era alcançar o máximo de prazer possível e tinha uma única regra inviolável: corresponder a esse gozo obtido com outro de igual ou maior intensidade, o que era muito bem recebido pelas damas que costumavam convidar.

Nas reuniões, que era como chamavam seus encontros agradáveis, o álcool e as mulheres bonitas eram o centro de tudo, e alcançar os mais altos padrões de prazer sensorial era uma obrigação para cada um deles.

— Dunwich! — exclamou James Gorey quando o viu entrar. — Achamos que não viria.

Seu amigo era um jovem de inquestionável atratividade, por quem as damas casadas de Londres suspiravam quando ele aparecia nos bailes sazonais. Estava sentado confortavelmente, com as mangas da camisa dobradas até o cotovelo, como os outros, e saboreava um copo de tônico.

Adam atravessou a grande sala e sentou-se numa das confortáveis otomanas forrada de veludo vermelho.

— Nunca perco uma de nossas reuniões piedosas — ele suspirou antes de tomar outro gole.

Os cinco amigos se entreolharam, mas foi John Peel quem falou.

— Ultimamente, coisas terríveis estão sendo ditas sobre você por toda Londres.

Antes que pudesse responder, a porta da sala se abriu, e o mesmo criado que o atendera quando ele chegou avançou silenciosamente até se curvar diante de outro deles, o dono daquela mansão, Robert Carlisle.

— Milorde —sussurrou —, as damas mendicantes estão aqui.

— Excelente — o citado deu uma palmada satisfatória no ar. — Envie-as para dentro. Quanto mais cedo expiarem seus pecados, mais cedo libertaram seu espírito.

Com o título de *damas mendicantes* era assim que se referiam as convidadas de cada reunião. Costumavam ser mulheres de boa reputação, a maioria casadas ou viúvas, que recebiam o convite com alegria e se comprometiam fazer tudo o que fosse necessário para cumprir as rígidas regras do clube.

Enquanto elas passavam, Adam se viu na necessidade de minimizar seus problemas.

— Não daria ouvidos a rumores sobre mim.

— Isso me satisfaz — concordou Archibald Dunny, outro de seus inseparáveis — porque pensamos que havia desistido de suas intenções de casamento com *madame* Camille.

— Se é a isso que se refere, devo lhe dizer que meu pai tem sido convincente sobre a inadequação dessa decisão.

— Proibiu a união? Porque o Adam que conheço não costuma ouvir a razão.

— Pelo contrário, ele abençoou-a, embora com uma novidade que a torna completamente inaceitável.

Seis lindas mulheres entraram no salão. Adam reconheceu uma delas. Era esposa de um dos parlamentares mais enérgicos da Câmara e tinha fama de virtuosa. Usavam roupas leves, fáceis de se desfazer, conforme haviam sido instruídas. Robert, como anfitrião, levantou-se e curvou-se diante delas.

— *Miladies*, sejam bem-vindas, mas não podemos nos demorar. O prazer é um mestre exigente que não permite atrasos. Começaremos como sempre, com a piedosa prostração — sentou-se novamente, estendendo os braços fortes sobre o encosto do sofá, porque as damas sabiam o

que fazer dali em diante, e voltou-se novamente para o seu malfadado amigo. — Estava dizendo, Adam, que seu pai não entende o vínculo afetivo que existe entre você e Camille.

Sua testa se contraiu ainda mais do que normalmente.

— Não só isso. Insiste que eu deveria me casar neste domingo com alguém escolhido por ele mesmo.

— Amanhã? — Cinco vozes foram ouvidas em uníssono.

Ele lançou um olhar sinistro para a bela mulher que acabara de sentar-se ao lado dele, cujos lábios carnudos falavam de pecado. Era neta de lorde Atemborought? Era melhor não saber, porque o velho e honrado lorde era próximo de seu pai.

Rosnou e se virou para seus amigos. Cada um deles estava acompanhado de perto por uma daquelas mulheres bonitas, que pareciam não querer deixar um único espaço entre seus corpos e os de seus cavalheiros. Quem lidava com Archibald parecia tão eficiente que já havia conseguido enfiar a mão dentro da calça dele e não parecia insatisfeita com o que havia encontrado ali.

A moça que estava expurgando suas mágoas com Adam começou a beijar seu pescoço enquanto acariciava seu peito forte por baixo da camisa.

— Como te disse — tentou monopolizar a difícil atenção dos amigos —, me casarei amanhã às onze.

John se afastou da boca suculenta de sua amante por um momento.

— Receio que, se as penitências durarem tanto como de costume, não terei tempo de chegar com pontualidade.

A mão da moça já havia desabotoado o colete de Adam e agora fazia o mesmo com as fitas de sua camisa.

— Duvido que meu pai tenha te convidado. Considere que a nossa vida é licenciosa.

— Então — insistiu o anfitrião, cuja amante eficiente já havia exposto a parte mais robusta de sua anatomia e a acariciava de maneira deliciosamente repetitiva —, se ele

proibiu seu casamento com *madame*... mmm... e organizou seu noivado para amanhã..., com quem se casará?

Esse era outro problema, se não o mais inconveniente.

— Com Roxanne Blyton — quase cuspiu.

Archibald parou de amassar o seio da sua acompanhante por um momento.

— Blyton? Parece um sobrenome que já ouvi antes.

Mas esse nome não era desconhecido para John.

— Blyton? Ela não é filha de...?

Adam assentiu, deixando a garota habilidosa vasculhar dentro de sua calça.

— A mesma.

A mulher que acompanhava Robert de forma tão eficaz trocou a mão pela boca, o que fez o jovem nobre estremecer de prazer.

— Querida — teve que admirá-la — está no caminho da salvação. — E então se virou para seu amigo, deixando-a fazer isso. — Desculpe, Adam, mas nada disso faz sentido.

— Respondi a mesma coisa ao meu soberano pai.

— Acha que é uma forma de se vingar por sua vida “piedosa”?

— Meu pai é distorcido, mas não tão ruim assim.

— Pelo menos a conhece? — perguntou August Timberton, que até então estava ocupado demais com sua amante para participar da conversa.

— Se supõe que sim. — O suspiro de Adam dessa vez foi acompanhado por um estremecimento, quando a mulher que o acompanhava agarrou uma parte muito delicada de seu corpo forte entre os dedos. — Aparentemente, brincávamos juntos quando crianças. Mas se fosse verdade, devia me parecer tão insípida que nem me lembro.

— Isso é extraordinário — John ergueu o copo. — Adam Baxley casado com a filha do falecido lorde Blyton.

Não, não era um bom dia para Adam, e ter ido a reunião não estava tornando tudo melhor. Ele ergueu a mão para o criado que permanecia hierático junto à porta, como

se a poucos passos de distância, não tivesse começado uma orgia.

— Preciso de outro tônico. — Então fez uma careta amarga para a neta do honorável lorde Atemborough, pois tinha certeza de que era ela. — E, senhorita, deixaremos por hoje.

A moça piscou, confusa, mas um gesto de August, indicando que se juntasse a ele e a sua acompanhante, pareceu satisfazê-la.

Adam se levantou e começou a arrumar suas roupas.

— Ora, ora! — exclamou Robert. — Nosso amigo quer se reservar para a noite de núpcias.

— Preciso ver Camille.

— Pode recusar esse casamento — John o fez ver.

Ele havia procurado mil maneiras de fazer isso, mas seu pai tinha todas as cartas do baralho e tudo o que tinha que fazer era obedecer.

— Se eu fizer isso, meu pai me deixará sem nada.

Robert mal conseguia falar de prazer, mas fez sinal para que sua amiga parasse por um momento.

— Então case-se — aconselhou ele — e relegue essa mulher a um de seus castelos irlandeses.

Adam terminou de arrumar seu casaco.

— O acordo exige a presença de um herdeiro o mais rápido possível.

— Nesse caso, meu amigo — disse John — está perdido... — e então se dirige a sua acompanhante — e você continue para onde estava indo. Está fazendo uma excelente penitência.

Eles estavam se divertindo, pensou Adam. Todos os onze, porque quando terminassem a primeira rodada, seria a vez deles de lhes dar o máximo de prazer possível. Essa era a regra, a regra que não poderia ser quebrada em nenhuma circunstância.

Ele fez uma sóbria reverência.

— Cavalheiros, devo deixá-los. Senhoras, espero que desfrutem.

Aquela que estava com Archibald, e que era uma das repetidoras, deu-lhe um sorriso travesso.

— Geralmente não saímos insatisfeitas.

— Virá mais tarde? — Os olhos da garota da qual havia desistido brilharam, embora ela já estivesse entretida.

Ele limpou a garganta. Se *madame* o recebesse, ele não sairia de seus braços a noite toda.

— Receio que não, mas te garanto que cada um destes cavalheiros tem paixão suficiente para apagar mais do que um incêndio.

E, sem mais delongas, se virou e, ainda mais mal-humorado do que quando chegou, deixou-os se divertirem à vontade.

CAPÍTULO 4

Adam olhou novamente para o relógio de bolso. E, além disso, estava atrasada. Evitou um olhar exasperado para não se humilhar mais do que o fez diante dos poucos convidados, e guardou-o novamente no colete.

— Uma noiva nunca chega na hora certa — sua mãe, que estava ao lado dele no altar da igrejinha de Saint Eustache, tentou tranquilizá-lo.

Ele a olhou com as sobrancelhas franzidas. Certamente ela era a principal responsável por tudo isso. Há quanto tempo levava lhe dizendo que deveria se casar? Anos? Era a lamentação constante toda vez que visitava os pais, algo que fazia mais por obrigação do que por prazer.

A condessa de Dunwich era uma mulher sóbria e pouco dada à frivolidade. Aqueles que conheciam bem a família não entendiam como um personagem como Adam poderia ter florescido à sombra de pais tão rígidos. Consideravam o júbilo um pecado e a alegria um prelúdio para o inferno. Raramente afetuosa e sempre exigente, havia se empenhado para que o único de seus filhos que sobreviveu à doença, seguisse o caminho da abnegação e da penitência em que eles mesmos estavam imersos. Mas o diabo distorceu os passos de seu filho e o lançou no mais abjeto dos comportamentos.

A condessa estava convencida de que com aquele casamento pouca coisa mudaria, mas, pelo menos, adquiriria a aparência de respeitabilidade por um tempo e, se o acordo fosse cumprido rapidamente, ainda havia a

possibilidade de salvar o futuro da família com um neto com o qual ela se encarregaria de remediar os erros cometidos com o pai.

Uma comoção entre os poucos convidados fez com que mãe e filho se virassem.

— Aí vem — disse ela, com uma expressão que queria, sem sucesso, configurar um sorriso.

Adam não pode evitar o olhar de desagrado e fixou os olhos no arco gótico da entrada onde, a qualquer momento, apareceria a mulher com quem estava sendo forçado a se casar.

Mesmo assim, a noiva atrasou-se, como se pudesse haver um novo inconveniente que a impedisse de entrar na capela.

O pé de sua mãe tamborilou no chão e ele soltou outro bufo de desaprovação.

Entre os convidados, não havia ninguém digno de nota, pois o pai não tinha certeza se seu filho diria "sim, aceito" quando chegasse a hora crucial. Havia uma parte dos funcionários da mansão da família, incluindo o mordomo e a governanta, por quem ele tinha um carinho verdadeiramente terno. Havia também o médico e o vigário que cuidavam da saúde e da alma dos Dunwich. O administrador e sua esposa, e seu secretário pessoal, Daniel, que administrava seus negócios. Alguns soldados que ele não conhecia e de quem suspeitava foram avisados para prendê-lo caso tentasse fugir. E dois primos de seu pai tão secos e rançosos quanto ele mesmo.

O sinal discreto de um lacaios em direção ao coro fez com que a orquestra começasse a tocar a marcha nupcial enquanto vozes brandas subiam ao céu para indicar que uma pantomima nupcial estava prestes a começar.

Por fim, vestida com um discreto vestido de seda cinza, a noiva apareceu de braço dado com o conde, já que não havia nenhum parente masculino conhecido em nenhum ramo de sua família.

Adam franziu as sobrancelhas e, enquanto ela caminhava pelo curto corredor central recebendo elogios dos convidados, ele a estudava.

Por um lado, não havia muito o que destacar, pois o véu espesso cobria seu rosto. Se tivesse que declamar uma virtude sobre quem seria sua futura esposa, diria que a altura dela não era desagradável, o resto não lhe agradava.

Magra demais para o seu apetite, um passo que denotava timidez, a forma como estrangulava o buquê de flores silvestres indicava nervosismo, e se tivesse sido ela quem escolhera o vestido de noiva, estava claro que a moda lhe era tão estranha quanto a luz era para a sombra.

De mau humor, se mexeu no seu lugar, suprimindo a vontade de mandar tudo para o inferno e viver do que as mulheres que o amavam quisessem lhe dar. Mas a condessa chegou perigosamente perto dele, como se quisesse ter certeza de que não cometeria uma loucura no último momento.

A noiva chegou ao altar e tropeçou no primeiro degrau. Adam bufou em desaprovação e ouviu alguém entre os convidados dizendo que isso dava muito azar. Ele quase sorriu ao saber que esse convidado havia chegado a essa conclusão, pois, desde que seu pai o ordenou casar-se, tinha certeza de que nada poderia dar certo.

A garota ficou ao lado dele e os padrinhos os flanquearam, como um pelotão de fuzilamento.

Ela se virou para olhar para ele através do véu grosso, e Adam ergueu novamente uma sobrancelha arrogante, sabendo que desde o início teria que marcar em que lugar estava cada um, e aquela mulher lhe correspondia um bem abaixo do dele.

— *Dominum deprecemur* — começou o padre católico, pois embora os Dunwich nunca tivessem sido casados com alguém com dignidade inferior à de um bispo, O cuidado de seu pai também levou isso em consideração e ele escolheu um sacerdote comum para o que pudesse acontecer.

A cerimônia foi longa e tediosa, e o coração de Adam ficou agitado durante todo o processo. Os lábios deliciosos de Camille e suas coxas acolhedoras não podiam sair de sua cabeça, entre as quais estaria naquele exato momento se seu pai não tivesse insistido em algo tão absurdo.

Para ele, estava claro. Cumpriria os requisitos mínimos do acordo, a engravidaria o quanto antes e, uma vez que desse a luz, deixaria o herdeiro nas mãos de amas de leite e preceptoras eficazes que o criassem saudável, enquanto mandaria para longe aquela mulher que estava a seu lado, muito longe, para que bordasse comodamente até o final de seus dias, afastada de sua vista.

A mãe deu-lhe uma cotovelada e, quando a olhou, ela o perfurou com o olhar de desaprovação que conhecia tão bem. Adam piscou várias vezes, até que os olhos encorajadores do simples padre lhe disseram que a cerimônia havia terminado e que ele deveria beijar a mão da noiva.

Ele pigarreou. Chegou a hora de descobrir como seria a futura condessa de Dunwich. Virou-se para encará-la, porque a garota já havia feito isso e segurava o malfadado buquê de noiva com ainda mais força, se possível. Ele olhou para os convidados, que pareciam impacientes e curiosos, pois ninguém sabia que aquele casamento era uma farsa. E, finalmente, levantou o véu.

Quando cuidadosamente colocou-o em volta do rosto dela, teve que franzir ainda mais a testa.

Decepcionante seria a palavra que usaria se alguém lhe perguntasse.

Diante dele estava uma garota mais jovem do que ele esperava, com pele levemente dourada, sobrancelhas sem charme especial, boca nervosa, bochechas pálidas, queixo tenso e testa franzida. A única coisa que se destacava eram os olhos que não eram nem castanhos nem verdes, pois até os cabelinhos visíveis sob o véu eram escuros demais para o seu gosto.

Sua boca se torceu em uma careta de desgosto.

— Não poderia ter encontrado uma dama mais graciosa, pai? Com ela será difícil cumprir minha missão — ele disse em voz alta.

O olhar do conde perfurou-o como se fosse um florete e ele sentiu a mãe indignar-se com a sua impertinência.

Os olhos da menina, ainda fixos nele, refletiam a dor da ofensa, mas ela não chorou como se esperava de uma donzela bem-educada. De certa forma, estava tão presa quanto ele naquele casamento impossível, porque... quem mais teria se casado com a filha de lorde Blyton?

Com um humor dos diabos, ele pegou a mão enluvada dela, ergueu-a e deu-lhe um beijo tão breve quanto amargo.

— Quanto mais cedo acabarmos com isso, melhor.

E, sem esperar pelos parabéns, puxou-a em direção à saída, onde já os esperava a carruagem que os levaria para alguns dias de lua de mel.

CAPÍTULO 5

Adam não falou nada desde que os cavalos começaram a trotar e mantinha o olhar fixo no exterior da carruagem, as sobrelanceiras franzidas e o rosto sombrio.

Roxanne observou-o mais uma vez, dissimuladamente e cheia de receio, como vinha fazendo desde que aquele mesmo homem, já seu marido, meio que a arrastara para fora da capela, forçara-a a entrar naquela carruagem e, sem lhe dizer uma única palavra, sentara-se ao lado dela, evitando todo contato físico, caindo num silêncio cheio de indiferença.

Sabia perfeitamente quem era Adam Baxley, e uma pessoa sensata, sabendo o que ela havia aprendido, teria rejeitado aquela proposta de casamento imediatamente.

Impertinente, mal-humorado, arrogante e vaidoso eram adjetivos escassos para definir sua personalidade. Homem sem dúvida atraente, seu comportamento abjeto o tornava tão desagradável quanto cada palavra que lhe dissera na igreja e que desde então eram as únicas, pois, uma vez dentro da carruagem, ele parecia estar zangado com o mundo e se dedicava a não fazer nada além de detestá-la.

Roxanne olhou pela janela, dominada por sentimentos sombrios.

Não tinha ideia de para onde estavam indo, apenas fora informada de que passariam alguns dias de descanso antes de abraçar sua vida de casada. “Mulher casada”, ficou enojada. Teria preferido um bom lojista que a respeitasse do

que aquela pessoa mimada que acreditava ter direitos sobre qualquer pessoa e que só se guiava pelos desejos do seu coração doentio. Mas desde que haviam anunciado o casamento, entendeu que precisava superar o desgosto que isso lhe causava, porque era uma oportunidade que não devia deixar de aproveitar, mesmo que com isso, se perdesse para sempre.

Quando os cavalos diminuíram a velocidade, sabia que estavam chegando ao destino, pois ainda era cedo para uma mudança de posta. Olhou pela janela. Diante deles havia uma agradável, mas remota residência Tudor, com telhados pontilhados de chaminés.

Presumiu que esta seria uma das mansões de Dunwich, cuja fortuna sabia ser considerável, e suspeitou que a ideia de seu detestável marido era deixá-la ali até apodrecer.

Não parecia um destino ruim. Melhor do que ficar ao lado dele, claro, porque a solidão e o abandono eram preferíveis às constantes humilhações a que aquele selvagem certamente a submeteria. Embora primeiro tivesse que fazer o que havia aceitado com um casamento tão pernicioso.

— Bem-vindos — disse um laçao impecavelmente uniformizado que acabava de abrir a porta da carruagem.

Ela não soube o que fazer, se pulava no corpo do marido ou ficava ali até que ele o fizesse. Mas não precisou decidir, pois Adam deu uma bufada de desgosto, olhou em volta para a imponente mansão, e seus olhos perderam a gravidade que não o abandonava desde que se conheceram.

Por um momento, lhe pareceu um homem agradável para Roxanne. Ficou até surpresa com uma certa vivacidade que brilhou em seu olhar ao observar a fachada de pedra esculpida. Mas isso durou tão pouco quanto o suspiro de uma pomba, porque quando ele virou a cabeça, seus olhos

se cruzaram, as sobrancelhas franziram, sua boca assumiu uma expressão insana e suas costas ficaram tensas.

— Vamos — ele ordenou. — Quanto mais cedo acabarmos com isso, melhor.

Era a segunda vez que se dirigia a ela, e o fez com palavras idênticas.

Parecia que o sacolejo da viagem não tinha causado estragos em seu corpo, porque Adam saiu da carruagem de um salto e demonstrou urgência com um gesto impaciente da mão.

Ela recolheu o volumoso vestido de noiva, agradeceu por terem lhe permitido que se livrasse do véu e, sem que ninguém lhe oferecesse a mão, saiu da carruagem, tão desamparada como na primeira vez em que entrou no internato para senhoritas de Saint Mary.

Mal teve tempo de prestar atenção em alguma coisa, porque o homem com quem se casou pegou-a pela mão e puxou-a até casa, em cuja porta todo o serviço esperava, perfeitamente uniformizado.

Também não permitiu que homenagens fossem prestadas à nova senhora. Passou por eles sem lhe permitir que dissesse uma única palavra, arrastou-a pelo corredor, uma grande sala gótica coberta de retratos, puxou a mão pelas escadas enquanto Roxanne fazia malabarismo para que o vestido, emaranhado em suas pernas, não a fizesse tropeçar, e só a soltou quando finalmente entraram num quarto, presidido por uma cama enorme com dossel decorado com cortinas de veludo bordadas.

Uma vez livre e respirando com dificuldade, teve tempo de olhar ao redor. A cama parecia ameaçadoramente grande, embora presumisse que Adam Baxley a trouxera até lá para indicar que aquele seria o seu quarto.

Os móveis eram antigos e a grande janela estava coberta por uma cortina do mesmo tecido da dossel. Não lhe agradou, apesar de sua riqueza. Parecia pomposo e

triste, falta de luz. Mas ninguém pediu sua opinião e era melhor esperar para ver o que acontecia.

Esperou que o marido saísse, porque não esperava que falasse com ela. Assim que lhe trouxessem seus poucos pertences, pediria que lhe preparassem um banho e...

— Tire a roupa.

Ela piscou várias vezes ao ouvir a voz do marido.

Havia dito o que pensava ter ouvido?

Mas quando ela o viu jogar o casaco formal e, tão sombrio como sempre, começar a desabotoar o colete, ela sabia que não tinha sido uma confusão.

Um arrepio de terror percorreu sua espinha. Sabia que na noite de núpcias uma mulher deveria entregar-se ao marido, mas não sabia em que termos. Sua mãe morreu logo após os terríveis acontecimentos que os levaram à ruína, e seu pai... Instintivamente, deu um passo para trás.

— Estou cansada — se desculpou.

Ele fixou seus olhos azuis na mulher à sua frente. Era ainda mais decepcionante do que imaginava, e se havia uma coisa que não suportava neste mundo era o pudor.

— Que a primeira vez que ouço sua voz seja para isso não é um bom começo.

Sem tirar os olhos dela, ele tirou a camisa, que a jogou longe, como todo o resto. Roxanne engoliu em seco. O corpo masculino era forte apesar da magreza, como se cada fibra fosse treinada para torná-lo bonito. Desviou o olhar e suas mãos se retorceram nervosamente.

— Levamos o dia todo viajando — se desculpou novamente, pois nunca havia mostrado seu corpo nu para ninguém.

Adam colocou as mãos nos quadris com impaciência e abaixou a cabeça, para a olhar com firmeza. Isso lembrou Roxanne de um cachorro louco prestes a atacar, enviando um arrepio de terror através dela como uma lança envenenada.

— Se não tirar — disse ele, com uma voz séria — eu mesmo vou arrancá-las.

Ela não duvidou que ele faria isso. Conteve as lágrimas que continuavam vindo aos seus olhos e começou a se despir. Primeiro tirou o chapéu, que colocou cuidadosamente sobre uma cômoda. Depois as luvas, tão desajeitadamente que uma delas teve que ser virada do avesso para sair. Livrou-se dos sapatos e começou a desamarrar as fitas do vestido.

Só então, envergonhada como nunca na vida, se atreveu a levantar a cabeça para olhar para ele. Talvez houvesse um vislumbre de humanidade nele e entendesse que não estava preparada para isso.

Adam Baxley estava de costas para ela e já estava completamente nu. Ficou surpreso com aquela anatomia perfeitamente esculpida sob a pele, como uma daquelas estátuas de heróis gregos que havia no jardim da casa de seu pai, com nádegas estreitas e redondas, cintura fina e costas largas e fortes. O cabelo rebelde do homem acentuava ainda mais esse sentimento. Mas quando ele se virou, exigindo urgência, Roxanne teve tempo de ver, antes de baixar a cabeça, que a parte da anatomia masculina que até então ela vira coberta por uma folha de figueira era muito diferente e assustadoramente proeminente em seu marido.

Ela corou e se virou para abaixar o vestido e se livrar da anágua. Teve que respirar fundo para não desmaiar. Ninguém a preparou para isso e muito menos para que o fizesse isso na frente de um rufião como aquele.

Ouviu o grunhido impaciente do marido e sabia que quanto mais cedo terminasse o que tinha que fazer, melhor seria para ela.

Virou-se, lentamente. Cobriu o peito com um antebraço e a intimidade com uma das mãos. Mas ele mal a olhou um instante. Esboçou novamente aquele olhar aborrecido e apontou para a cama com o queixo.

— Deite-se.

Não teve escolha a não ser obedecer. Sentiu seu coração bater rápido e tinha certeza de que o tremor que a percorria era evidente para ele. Abaixou o olhar e caminhou até a cama. Ao passar por ele, teve vontade de ajoelhar-se e implorar para que lhe permitisse a graça de uma noite de retiro, mas sabia que isso só serviria para enfurecê-lo e talvez tornasse o que faria com ela ainda mais violento.

Com cuidado e aterrorizada, finalmente, deitou-se de costas na cama e, muito lentamente, separou os braços do corpo para colocá-los dos dois lados, inertes. Sentiu suas bochechas queimando e como cada poro de sua pele estava ocupado pela vergonha.

Nessa ocasião, ele também não prestou muita atenção nela, como se apenas tivesse que cumprir uma tarefa que lhe era especialmente desagradável.

Sem muito cuidado, se deitou em cima dela, o que a assustou, mas Adam também não prestou atenção no rosto dela, mas em vez disso, apesar de seus lábios estarem a apenas alguns centímetros de distância, olhou para a colcha de veludo, os olhos bem abertos, as sobrancelhas tão franzidas como na hora do casamento e as palmas das mãos pregadas na cama.

Viu como Adam levava uma delas entre as pernas dela e como mexia, como se precisasse infundir energia.

Roxanne esperou com os olhos fechados e prendendo a respiração, até que sentiu que estava sufocando e o ar preso em seus pulmões escapou como uma expiração. Adam continuou, como se algo estivesse errado, pois Roxanne só sentia o toque incômodo de uma mão entre suas coxas, estranha à sua pele, que tentava alcançar com seu próprio corpo algo que parecia impossível.

Apertou as pálpebras e os lábios. Se pensasse em algo agradável, talvez tudo acontecesse rápido, o mais rápido possível. Mas poucas coisas de seu passado tinham essa característica, pelo menos, que ainda se lembrava.

Não sabia quanto tempo havia passado quando ouviu a voz exasperada do marido.

— Demônios! — amaldiçoou.

E quando ela o olhou, viu que seu rosto estava vermelho e suas sobrancelhas ainda mais franzidas do que antes.

Adam, confuso e extremamente zangado, afastou-se dela, levantando-se até ficar nu e parado em frente à cama.

“Isso é tudo?” Roxanne pensou, porque ela não sentiu nada. Era disso que se tratava uma noite de núpcias? Porque, além de suportar o seu peso, nada aconteceu que valesse a pena mencionar.

Ele parecia tão desconfortável quanto atordoado e a olhava com um desprezo ainda maior do que cada um dos poucos olhares que lhe lançara até então. Como se Roxanne fosse culpada por algo que ela não sabia.

Após um último gesto de desprezo, Adam perdeu todo o interesse por ela e procurou suas roupas espalhadas, começando a vesti-las. Parecia ressentido. Até dava a impressão de que ele havia sido humilhado com aquele ato.

— Volto para Londres — ele anunciou, sem olhá-la. — Permanecerá aqui por uma semana e depois retornará para a cidade — ele se virou para ela e lhe apontou o dedo. — Quero um herdeiro o mais rápido possível. Me entendeu?

Não, não entendia nada. O que havia feito? Do que era culpada? Ela só queria ficar sozinha para chorar, mas não na frente dele, não na presença dele.

— Mas isso não está em minhas mãos — ela pode dizer, confusa.

— Pois tem que estar, porque só me serve se engravidar — ele pegou o resto da roupa e a colocou debaixo do braço para ir até a porta. Mas antes de sair, se dirigiu novamente àquela mulher incomoda. — E tem muito pouco tempo para conseguir isso.

CAPÍTULO 6

Quando Roxanne acordou, seu corpo pulou na cama e ela demorou alguns instantes para se lembrar onde estava.

A imagem daquele indivíduo desprezível com quem se casou imediatamente ocupou todas as suas memórias, obrigando-a a torcer o nariz de desgosto.

Desde que era criança e os pais deles se consideravam amigos, esteve apaixonada por Adam Baxley. Não era algo extraordinário. Possivelmente metade das moças de Londres estaria, pois ele não só era um jovem incrivelmente atraente, mas também tinha um caráter verdadeiramente encantador. Mas tudo mudou quando os acontecimentos se precipitaram.

O que aconteceu com ele? Que fato inexplicável fez com que um garoto meigo e gentil se transformasse naquele monstro impenetrável e arrogante, que só se preocupava com seus prazeres?

Ela se sentou. Mesmo sob a luz forte do dia, o quarto ainda continuava sombrio. Ainda sentia falta de sua encantadora residência em Marylebone, onde seu quarto iluminado, o melhor da casa segundo seu pai, era coberto por um tom rosa muito pálido pontilhado de buquês de flores silvestres.

Uma dor aguda percorreu suas costas, como toda vez que se lembrava daqueles momentos felizes de antes...

Algumas batidas na porta a tiraram daqueles pensamentos sombrios.

— Entre.

Uma garota de rosto simpático, embora corado, vestida de empregada, entrou no quarto para cumprimentá-la antes de se aproximar da cama.

— *Milady*, o sr. Addington me mandou lhe perguntar a que horas sua criada deve chegar.

Não tinha ideia do que estava falando.

— Criada? E quem é o sr. Addington?

A garota piscou diversas vezes, confusa, como se não estivesse preparada para perguntas como essas. Torceu as mãos no colo e pigarreou antes de ousar falar novamente.

— É o mordomo, *milady*. Não queríamos incomodá-la antes, mas o sr. Addington está preocupado porque só chegou um pequeno baú com suas roupas e não há ninguém aqui preparada para servi-la adequadamente.

Apesar do desconforto, Roxanne sorriu, e seu rosto, que aparentemente não tinha nada de extraordinário, adquiriu uma vivacidade que fez a tímida menina fazer o mesmo.

— Temo que aquele baú contenha todos os pertences que possuo e que não tenha criada — respondeu ela, saltando da cama com o mesmo vestido de noiva que havia colocado de volta quando o marido foi embora, pois ignorava até esse momento onde estava seu baú.

A garota abaixou a cabeça imediatamente.

— Não queria incomodá-la, *milady*.

Então essa seria sua nova vida: servos atentos aos menores desejos e mordomos prontos para realizá-los antes mesmo de aparecerem em sua cabeça. Na sua antiga casa em Marylebone também havia dezenas, mas o pai dela era rigoroso com as responsabilidades de cada um e não permitia que tratassem a filha como se fosse inútil.

Olhou para a garota. Tinha um daqueles rostos que geravam confiança imediatamente, o que a agradava.

— Qual o seu nome?

— Dóris.

A jovem criada finalmente ergueu o olhar para encará-la e recebeu em troca um novo sorriso de sua senhora.

— O que acha — Roxanne lhe disse — se você se tornar minha criada durante os dias em que eu permanecer...? Onde estamos?

— Linchester House, *milady* — se apressou em dizer. — No condado de Hertfordshire, *milady*. — Imediatamente, corou novamente, como se algo inconveniente tivesse sido lhe dito. — Mas sou apenas uma criada de fazenda, *milady*, sou responsável apenas por acender o fogo, arrumar a cama e limpar o chão, *milady*.

Roxanne sorriu novamente.

— E o que acha se, quando estivermos sozinhas, parar de me chamar *milady*?

— Sim, *milady* — cobriu a boca como se assim pudesse evitar.

Roxanne olhou em volta. Havia recebido ordens para ficar ali por uma semana e, depois de três anos como interna, um mundo inexplorado estava se abrindo diante dela e estava pronta para descobri-lo antes de se encontrar com o monstro novamente. Se virou para Doris de novo.

— O que sugere que façamos?

A garota a olhou, como se não a entendesse.

— Vista-se e desça para tomar café da manhã, *mi...* — dessa vez conseguiu se conter. — Todos querem lhe prestar homenagem, agora que o senhor partiu.

Roxanne suspirou. Não queria pensar nele. Ainda estava se perguntando o que diabos aconteceu na noite anterior, quando a forçou a ficar nua, deitou-se em cima dela e se afastou ainda mais frustrado do que havia se aproximado. Um suspiro de desgosto lhe escapou.

— Sim, meu marido partiu ontem à noite. Tinha assuntos urgentes para discutir em Londres.

A porta se abriu sem bater e dois lacaios silenciosos apareceram carregando um baú pequeno e bastante surrado.

— Ah! Minha bagagem. — Tentou agradecê-los, mas saíram tão silenciosamente quanto chegaram. — Terá que escolher o que devo vestir.

Isso pareceu satisfazer Doris. Era possível que a senhora tivesse se confundido com ela e acreditasse que estava mais preparada do que realmente estava. Ela não passava de uma simples faxineira, uma garota que fazia tudo nos escalões mais baixos do serviço daquela casa.

Doris foi até o baú e o abriu. Não havia muito o que procurar. Quando se virou para sua senhora, seu rosto mostrava total desolação.

— Só tem dois vestidos.

Roxanne assentiu, satisfeita.

— Meu pai me deu o azul. O outro, o cinza, foi um gesto de caridade da srta. Spider.

A garota piscou várias vezes novamente.

— M-mas é de manhã.

As sobrelhas de Roxanne franziram. Sua educação social tinha sido frugal e era possível que não conhecesse todas as convenções da nobreza.

— Acha que estão quentes demais para um dia como hoje?

A menina sentou-se e pigarreou, como se tentasse encontrar as palavras necessárias para não ofender sua senhora.

— Antes da refeição devem ser usadas cores claras — explicou. — E depois terá que se trocar para o almoço, e mesmo não tendo convidados, terá que se trocar de novo para o jantar, tem que ser um traje de noite, e nenhum desses é.

Isso era realmente uma surpresa. Sabia que com dois vestidos próprios havia pouco que pudesse fazer, mas não sabia que as regras de etiqueta eram tão rígidas.

— Acha que o sr. Addington fará alguma objeção?

Os olhos da garota se arregalaram.

— Fará todas. Ele é meticoloso com essas coisas, *milady*.— Uma luz brilhou em seu olhar cheio de cumplicidade. — Mas algo me ocorre...

Sem mais delongas, foi até o enorme armário em uma das paredes e abriu-o. Não que houvesse muitas coisas lá dentro, mas havia alguns vestidos que pareciam muito mais antiquados que os dela.

Doris pegou um deles. Era um tom malva um tanto triste.

— Pertencem à condessa e não os usa mais — explicou a menina. — Estão fora de moda, e não que essas cores sejam lisonjeiras, mas o sr. Addington ficará satisfeito se usar um deles.

Essa solução lhe pareceu apropriada, embora nunca tivesse se sentido atraída pela vaidade.

— Escolha você mesma.

Os olhos de Doris brilharam novamente, como se ela tivesse acabado de receber a missão de salvar o rei. Guardou o vestido e procurou cuidadosamente, até selecionar um amarelo claro que não era tão sem graça quanto os outros.

— Gosta desse?

— É bonito.

Com um sorriso deslumbrante, Doris colocou-o numa poltrona e voltou-se para sua senhora, que a olhou de uma maneira nova, cheia de curiosidade.

— E terá que fazer algo com o seu cabelo.

Roxanne acariciou-o. Seu pai dizia que seus cabelos castanhos, com mechas avermelhadas, a fariam se destacar entre as demais moças de sua geração, algo de que ela sempre ria.

— No internato, sempre tivemos que mantê-lo escondido debaixo da touca.

— Bom, hoje brilhará, porque é lindo.

Doris fez sinal para que se sentasse à penteadeira. Primeiro veria o que poderia ser feito com aquele cabelo,

depois se livrariam do vestido de noiva, que precisava de uma boa limpeza, e por fim a vestiria como a dama que era.

Roxanne deixou que o fizesse, perdida em pensamentos enquanto a garota escovava seus longos cabelos e elogiava seus cachos grossos e espessos. Adam não saía de sua cabeça. Havia aceitado esse casamento por um motivo e precisava ser firme em seu propósito se quisesse ter sucesso. Mesmo que isso significasse todas as humilhações. Mesmo que tivesse que suportar a presença daquele ser detestável.

— Costuma atender meu marido quando ele está em Linchester House? — perguntou ela, levada pelas suas meditações.

— O senhor vem muito raramente e nunca sozinho.

— Amigos? — se interessou.

A garota parou o movimento do pente por um momento e seus olhares se encontraram. Roxanne a viu corar e evitar olhar para ela.

— Não saberia dizer.

Entendeu imediatamente que tentava lhe esconder algo.

— Perguntei algo inapropriado?

— Não, *milady*, mas o sr. Addington me dará uma boa surra se achar que tenho sido fofoqueira.

Tudo indicava que aquele mordomo tinha mão firme com o pessoal sob sua responsabilidade.

— Te livraria se pedisse para me contar?

A garota encolheu os ombros.

— Acho que sim.

— Então me conte tudo o que sabe sobre as visitas do meu marido.

Demorou a concordar. Parecia estar avaliando o que significaria se colocar sob a fúria do mordomo ou sob a determinação da nova senhora. Decidiu-se pela segunda opção, embora, quando falou, tenha sido em voz baixa.

— Só estou na casa há um ano, mas nas poucas vezes que o vi, milorde costuma vir acompanhado de uma dama.

Isso lhe pareceu interessante.

— Uma parente?

— Nada indica que seja, *milady*.

Tinha ouvido falar da vida tortuosa que Adam levava. Tinha ouvido de seu próprio pai enquanto contava para um amigo, então não era estranho que ele estivesse com mulheres diferentes. Mas levar uma delas para a mansão da família...

— Como é essa dama?

A garota suspirou.

— Linda como um anjo. Tem lindos cabelos acobreados, tão intensos que parecem irreais. E olhos verdes que lembram grama cortada. É gentil, embora distante. Seus vestidos são os mais lindos que já vi, e parece ter uma grande influência sobre o senhor...

Ficou em silêncio quando percebeu que estava contando tudo isso para a esposa de milorde, e suas bochechas ficaram ainda mais vermelhas, se fosse possível. Mas Roxanne a tranquilizou com um leve sorriso e incentivou-a a continuar.

— Sabe qual é o nome dessa mulher?

A garota não conseguiu controlar o nervosismo e o pente escapou de seus dedos.

— Milorde nos pede para chamá-la *madame* Camille. Aparentemente é francesa.

Camille! Então era ela.

Aquela mulher era um bom ponto para começar. Só faltava dar o próximo passo.

— Obrigada, Dóris. — Levantou-se para que pudesse lhe ajudar a se livrar daquele maldito vestido de noiva. — Vamos me arrumar e descerei para tomar café da manhã. Quero conhecer a todos.

CAPÍTULO 7

Quando a carruagem parou, Roxanne estremeceu diante da imponente fachada da mansão londrina, tentando ganhar forças para descer.

A residência de Adam Baxley era uma magnífica mansão no próprio Strand, que, apesar de não ser uma das áreas da moda na cidade, era onde se encontravam as famílias antigas, aquelas que eram tão perenes quanto a terra e governavam os destinos da nação desde tempos imemoriais.

Olhou para Doris, a quem pedira que a acompanhasse a Londres como criada, para tranquilizá-la enquanto um lacaio abria a porta e montava a escada. Durante a semana que passou em Linchester House, um vínculo de afeto foi forjado entre as duas moças. É claro que cada uma tinha consciência da posição que ocupava na escala social, mas isso não impedia que se sentissem confortáveis uma ao lado da outra, e foi por isso que decidiu trazê-la para Londres depois de ouvir os inconvenientes do mordomo, que não a via preparada para servir uma dama.

— Aqui começa sua nova vida — Doris, que não havia deixado de notar a preocupação no rosto de sua senhora quando se aproximavam da cidade, a encorajou.

Daquele momento em diante, Roxanne viveria naquela casa e se submeteria aos caprichos de seu marido perverso. Respirou fundo e desceu até pousar um pé no chão. Alisou o velho vestido azul que seu pai lhe dera, pois

não queria trazer nenhum da sogra, e finalmente levantou a cabeça, a tempo de ver a porta da mansão se abrir.

Um mordomo imperturbável curvou-se para ela, mas não fez intenção de vir recebê-la, permanecendo na porta da casa.

Doris desceu atrás dela e deu as instruções necessárias aos lacaios para cuidarem das poucas bagagens e trazê-las para dentro da casa.

Havia chegado o momento. Roxanne respirou fundo, ergueu o queixo e caminhou até o prédio, subindo os três degraus que separavam a rua da entrada.

— *Milady* a espera na sala de música — foram todas palavras do sombrio mordomo, que se afastou para deixá-la passar e começou o caminho que supunha que deveria seguir.

Por um momento, se perguntou se a dama que a esperava não seria aquela tal *madame* Camille de quem Doris lhe falara, mas chegou à conclusão de que mesmo um homem tão cruel como Adam Baxley seria incapaz de abrigar sua esposa e sua amante sob o mesmo teto, pois a alta sociedade londrina certamente faria um alvoroço diante de tal escândalo.

Seguiu o mordomo através do vestíbulo e por um longo corredor. A residência tinha o mesmo ar sombrio da Linchester House, embora a tranquilidade da casa de campo transformasse ali uma agitação de criados que paravam em seu caminho para lhe fazer uma discreta reverência.

Pararam em frente a uma porta que o mordomo abriu com muito cuidado para então indicar-lhe que deveria entrar.

Roxanne sentiu o coração disparar no peito, pois não sabia o que a esperava. Tinha ouvido coisas atrozessobre Adam Baxley e suspeitava que a maioria delas fosse verdade. De fato, já havia lhe demonstrado o quão implacável poderia ser na noite de núpcias, e isso havia sido apenas o começo. Se não tomasse cuidado, se não

pensasse cada passo, tudo desmoronaria e aquele enorme sacrifício teria sido em vão.

Finalmente entrou, mais rápido do que lhe convinha, e não demorou muito para descobrir quem a esperava.

Sentada numa cadeira alta, com um livro piedoso nas mãos, a sua sogra, a condessa de Dunwich, mostrava um rosto tão desprovido de sentimento como se um vento forte lhe tivesse arrancado a alma.

— Estávamos te esperando ontem. — Fechou o livro com uma batida forte e a olhou com os lábios tão apertados que ficaram invisíveis.

Roxanne tentou não deixar que percebesse seu nervosismo, então escondeu as mãos atrás da saia.

— As estradas ficaram alagadas e tivemos que parar em uma pousada para pernoitar.

— Sozinha? — Suas sobranceiras franziram na testa, escandalizada. — Uma mulher de status não pode fazer esse tipo de coisa.

— Minha criada me acompanhou.

A indignação deu lugar à autoridade no rosto da condessa.

— Ainda não dei lhe permissão ter nenhuma.

O mordomo do antigo casarão já a havia avisado sobre isso, que não tinha o direito de escolher seu serviço pessoal, pois era trabalho de *milady*. Tentou encontrar um argumento para defender sua decisão.

— Não saberia me vestir sem sua ajuda.

Como se as palavras não a interessassem, a condessa decidiu que não queria perder nem mais um segundo na tarefa que a levaria à casa do filho.

— A partir de hoje, esta será a sua residência. Virei uma vez por semana para supervisionar tudo. O mordomo e a governanta estão instruídos e me informarão de tudo o que acontecer. Sabem quais serão os menus e como devem te atender. Se precisar de alguma coisa, o que espero que não, lhes dirá, e se encarregarão de me avisar.

Aparentemente tudo o que ela teria que fazer era respirar, pensou Roxanne.

— Sim, *milady*.

— Esta é a casa ancestral da nossa família e a residência do meu filho, embora eu e meu marido moremos próximo. Será responsável por dignificá-la e não causar problemas, entendeu?

A incerteza inicial estava dando lugar a uma certa confusão. Estava muito consciente de sua posição delicada e de que devia tudo àqueles que a haviam acolhido. Mas não era justo, e essa ideia ficou gravada em sua cabeça.

— Entendi — respondeu, com a submissão que se esperava dela.

A condessa a olhou com um certo ar de desgosto nos lábios.

— Hoje vamos queimar essas roupas. Nos seus aposentos tem vestidos feitos sob medida para você, adequados à sua nova posição e à decência que a futura Condessa de Dunwich deve ter.

— Gostaria de manter esse — pediu. — É a única coisa que me resta do meu pai.

O rosto da condessa tornou-se tão terrível quanto o da Górgona, e seu pescoço esticou-se ainda mais, se isso fosse possível.

— Esse nome não deve ser pronunciado aqui — avisou. — Ele foi um vilão, um canalha que sujava o melhor da boa sociedade e se beneficiava de uma posição que não lhe pertencia.

Roxanne teve que engolir a bile que inundou sua boca. Tudo o que diziam sobre seu pai era mentira, mas ainda não estava em condições de provar isso. Baixou a cabeça e respondeu como tantas vezes fizera em Saint Mary.

— Sim, *milady*.

Seu comportamento recatado e submisso pareceu aliviar a aspereza da condessa. Mesmo assim, era preciso humilhar um pouco mais aquela sonsa que lhes devia tudo.

— Deve estar muito grata por termos cuidado de você.
— Um sorriso satisfeito apareceu em sua boca invisível. — Meu marido é um grande homem e queria lhe dar uma honra que não merece ao se casar com Adam. Tem que obedecer ao seu marido em tudo, honrá-lo e não causar problemas. Entendido?

— Entendido.

— E o mais importante de tudo, deve conceber seu filho. — Roxanne levantou a cabeça, mas abaixou-a novamente. — Quanto antes. É sua obrigação e sua missão na vida. Ficarei de olho se cumpre ou não suas obrigações conjugais. Cheirarão sua roupa suja, os lençóis de sua cama, e as anáguas que tirar. Sempre saberei o que está acontecendo em seus quartos, e se não estiver fazendo tudo o que pode para ser mãe...

— Farei o que estiver ao meu alcance — se atreveu a interrompê-la, porque aquele discurso parecia tão injusto quanto inadmissível.

Houve um momento de silêncio. Roxanne estava grata por tudo ter acabado e por lhe permitir que ela fosse para seu quarto. Mas a ordem de retirada não saiu dos lábios da condessa.

— O casamento foi consumado?

Dessa vez, a moça olhou para a sogra. Para os olhos. Mais curiosamente do que desafiadoramente. Aquela mulher severa e desagradável não tinha percebido isso, mas acabava de expor sua fraqueza, possivelmente a única que tinha, e poderia usá-la para tornar todas aquelas ofensas menos graves.

— Doris poderá ficar comigo como criada? — respondeu com uma pergunta.

O rosto da condessa ficou ainda mais terrível, pois não estava acostumada a que suas perguntas não fossem respondidas imediatamente.

— Foi consumado? — insistiu a velha.

— É hábil em seu trabalho. — Roxanne não respondeu, com toda a intenção. — E não é uma fofoqueira.

A mulher a avaliou. Talvez aquela garota comum e insignificante não fosse tão estúpida quanto parecia. Relaxou, só um pouco, no respaldo da cadeira.

— Sua criada pode ficar desde que não cometa erros e se comporte com decência.

Respondeu imediatamente, com uma calma que achava impossível naquele estado de nervosismo.

— Sim, foi consumado na primeira noite.

Como se fosse convocado por um clã, a porta da sala se abriu e Adam Baxley apareceu.

Assim que o viu, o estômago de Roxanne apertou, ou pelo menos foi o que ela pensou, pois sentiu um desconforto desconhecido no estômago.

Ele estava impecavelmente vestido, com o casaco por cima do colete e uma camisa branca, com um lenço amarrado firmemente no pescoço. Os cabelos cacheados e desgrenhados como em outras vezes, e o olhar frio, como o de um lobo que não tem piedade.

Assim que a viu, ele parou e seu rosto assumiu uma expressão de descontentamento.

— Achei que estaria sozinha — disse à mãe, embora estivesse olhando para ela.

— Sua esposa acabou de me dar boas notícias.

Os olhos de Adam se aguçaram e o olhar intenso com que a dissecou pareceu transformar-se num bisturi que penetrou sob sua pele.

— Ah, sim?

O que aquela maldita criatura disse à sua mãe? Casou-se com uma fofoqueira? Porque teria que lhe dar uma lição se fosse esse o caso.

A condessa levantou-se. Parecia satisfeita com a visita. Foi até o filho e beijou-o levemente na bochecha.

— Eu tenho que ir. — Se virou para ela e não havia nenhum traço de misericórdia em seu rosto. — Espero que

tenha entendido tudo que eu te disse.

Ela teve que engolir saliva, pois sentiu quase fisicamente o olhar daquele homem desprezível.

— Não deve se preocupar — conseguiu articular com dificuldade.

Sem mais delongas, saiu da sala, um revoo de tafetá preto e continuou dando ordens aos criados enquanto um lacaios fechava a porta atrás dela e os deixava sozinhos.

A reação de Adam foi imediata.

— Há algo que eu deva saber?

Ela permaneceu firme, mesmo que acabasse com as unhas cravadas na palma da mão. Não podia se deixar levar pelo terror que aquele homem lhe causava ou estaria perdida.

— Sua mãe estava interessada em saber o que aconteceu em Linchester House.

— E o que disse a ela? — Ergueu uma sobrancelha e toda a sua arrogância foi mostrada como se estivesse no palco.

Ela demorou um pouco para responder e conseguiu manter o olhar dele o tempo todo. Só desviou os olhos quando sentiu um arrepio percorrer sua espinha.

— Disse que tudo estava como o esperado.

Ele pareceu perder o interesse nela. Foi até uma mesa e tocou uma campainha prateada.

— Irão acompanhá-la até seus quartos. — O mordomo entrou imediatamente, ficando na porta. — Posso não te ver esta semana. Faça o que quiser.

— Está indo embora de novo?

Ele não a olhou, mas serviu-se de um copo forte de uísque.

— Não é assunto teu.

A atitude impaciente do servo lhe dizia que ela não deveria questionar as decisões do senhor, mas Roxanne não entendia muito bem por que diabos ele havia se casado com ela se...

— E o que farei enquanto estiver fora?

Se virou para ela por um momento e ergueu o copo.

— Por mim, pode apodrecer.

Bebeu de um só gole e, devolvendo o copo à garrafa, saiu da sala sem olhar para trás, enquanto Roxanne se perguntava se conseguiria suportar aquilo.

CAPÍTULO 8

Tinha um nome e um endereço e rezou para que, depois de tantos anos, aquela pessoa ainda morasse naquela casa.

Tinha ouvido do próprio pai enquanto ele contava para a pessoa escondida nas sombras e, por algum motivo, sua mente guardou aquela informação, talvez pela particularidade do nome ou pelo tom de confiança com que havia dito só poderia indicar que era algo importante. Por isso prestou atenção até descobrir que aquela mulher era muito comentada em casa, e sempre em sussurros.

A carruagem parou e Roxanne ousou levantar a cortina que cobria a janela para olhar para fora. Essa era mais uma das muitas ruas de Londres que pareciam semelhantes: um bairro moderadamente elegante, casas ricas e a agitação das lojas que abriam no piso térreo dos edifícios: perfeitas para um burguês e indignas para um nobre. Quanto a Roxanne... Sempre teve aquela sensação de não pertencer a lugar nenhum.

— Tem certeza, senhora? Não creio que uma dama deva ficar sozinha num bairro como este.

Não tinha, mas não queria preocupar Doris.

— Será apenas um momento.

— Tem certeza de que não quer que a acompanhe?

— Eu volto logo.

Sorriu de forma tranquilizadora e ajustou as luvas. Estava tão determinada a fazer isso quanto nervosa com o que estava por vir, mas quando o lacaio estendeu a escada, nada em sua aparência indicava que dentro de seu peito

havia um formigueiro furioso mordendo em todas as direções.

— Espere aqui — ordenou ao cocheiro com menos determinação do que pretendia transmitir em sua voz. — Se eu não retornar em um prazo razoável, mande me chamar.

O homem curvou-se para ela, um tanto surpreso, e ela entrou no prédio.

Ao subir as escadas, sentiu o coração batendo forte no peito, acelerado.

Ser desprezada pelo marido tinha a vantagem de lhe proporcionar uma liberdade incomum para uma mulher casada. Desde que cumprisse as regras mínimas de decência, como ter alguém do serviço a acompanhá-la, ninguém se importava com o que fizesse, ou como ele mesmo havia dito, se apodrecesse nesse meio tempo.

Suprimiu o acesso de raiva que a dominava toda vez que pensava em Adam Baxley. Como poderia ser tão mau? Como era possível que alguma vez tivesse sentimentos por um ser tão desprezível como aquele?

O interior do edifício era elegante e limpo, com um apartamento por andar, escadas largas e bem iluminadas. Parou em frente a uma porta no segundo patamar porque tinha certeza de que era aquela. Respirou fundo para se acalmar, colocou a mão no peito para verificar se a agitação louca de seu coração havia se acalmado e, quando se sentiu forte, bateu com os nós dos dedos.

Não esperou muito, porque instantaneamente, como se estivesse esperando atrás da porta, ela se abriu e uma criada muito jovem, coberta por uma touca, a olhou com os olhos arregalados, como se fosse uma aparição.

— Venho ver a senhora — disse Roxanne com toda a firmeza de que era capaz.

A garota piscou diversas vezes, ainda protegida por meia lâmina de madeira, como se fosse a muralha defensiva de uma cidade.

— Ela não recebe... damas como a senhora.

Roxanne conseguiu permanecer inexpressiva, apesar de uma tempestade estourar dentro de seu peito.

— Fará comigo.

— Quem devo anunciar?

— Não creio que seja necessário citar nomes.

Uma resposta tão incomum não pareceu surpreender a moça, que disse a Roxanne que ela não havia errado o alvo e que a mulher que tinha vindo ver era a mesma de quem ouvira seu pai falar algumas vezes.

A moça abriu a porta e sem dizer nada desapareceu dentro de casa. Pelo vão entre a porta e a moldura, Roxanne vislumbrou um apartamento muito bem mobiliado, com tapetes de qualidade e pinturas nas paredes. Inclusive as tapeçarias claras e leves falavam de bom gosto, o que não a surpreendeu.

Depois de um momento, a mesma criada abriu-a. Parecia mais corada do que antes, embora nesta ocasião tenha se curvado diante dela.

— A senhora irá recebê-la em seus aposentos.

Roxanne entrou, surpresa de que fosse atendê-la em um lugar tão íntimo, mas veio preparada para tudo, e essa era uma das coisas que não deveria a surpreender.

Atravessaram uma sala muito grande que dava para a rua. Mal teve tempo de desfrutar, pois a criada a conduziu por um corredor e fechou a porta dupla atrás dela, como se fosse um altar velado aos deuses.

Parou em uma porta e bateu.

— Entre — ouviu uma voz clara, feminina e bem entonada.

A garota abriu sem demora e, com um aceno de cabeça, fez sinal para que entrasse.

Roxanne não estava preparada para o que encontraria do outro lado.

A anfitriã estava completamente nua, desfrutando de um banho confortável em uma grande banheira de latão dourado.

Estava sentada, então seu peito estava exposto e a água era tão clara que o resto de sua anatomia podia ser visto como se fosse um vidro.

Ela desviou o olhar imediatamente, até perceber que não tinha vindo aqui para ser melindrosa, e decidiu olhá-la nos olhos.

Era, sem dúvida, a mulher mais linda que já tinha visto. Usava os cabelos escondidos sob um turbante que o isolava dos vapores da água, mas que lhe caía maravilhosamente porque exigia toda a atenção do seu olhar, com olhos âmbar deslumbrantes, cercados por grossos cílios pretos. Talvez a boca fosse a coisa mais sedutora. Lábios grossos, suculentos e muito vermelhos que pareciam ter acabado de morder algo picante.

Roxanne sentiu-se tão pouco atraente na sua presença que imediatamente perdeu a força que a obrigava a olhar para ela e a procurar refúgio entre os fios do tapete.

— Não é habitual uma dama visitar-me — disse a mulher, sem a menor vergonha — a não ser que queira ameaçar-me.

— Essa não é minha intenção.

A anfitriã a olhou com curiosidade.

— E a senhora é muito jovem.

— E você é muito bonita.

O elogio não pareceu causar o menor impacto nela, provavelmente porque era algo que ouvia todos os dias.

— Não sei se foi informada corretamente, mas não atendo mulheres a não ser que a doação seja muito generosa.

— Não vim para isso — corou.

— Então voltamos ao início — sorriu. — Vem me repreender e eu sou obrigada a lhe dizer a mesma coisa que as demais, que deveria conversar com seu marido. Ninguém lhes manda virem aqui.

Roxanne engoliu em seco e novamente encontrou forças para olhar para ela.

— Preciso de sua ajuda.

Isso pareceu surpreendê-la. Não era comum que uma daquelas mulheres da boa sociedade se atrevesse a visitá-la e muito menos a pedir uma regalia.

— Como alguém como eu poderia ajudar alguém como a senhora?

Havia ensaiado em voz baixa no caminho de carruagem, enquanto Doris tentava fingir que não estava tentando ler seus lábios. Umedeceu o palato seco antes de responder.

— Quero seduzir meu marido.

As sobrelanceiras da mulher ergueram-se de surpresa.

— Que coisa extraordinária.

— Te pagarei bem.

Aparentemente, não entendeu o gesto dela.

— Por que eu a ajudaria a fazer algo tão absurdo?

Roxanne engoliu em seco. Tudo indicava que o resto da sua vida consistiria em passar por situações humilhantes. Abriu as mãos, como se tentasse se mostrar.

— Olhe para mim. Não sou bonita nem fui educada em outra coisa senão parecer discreta, o que provoca a indiferença do meu marido.

A mulher sorriu brevemente, mas seu rosto adquiriu uma doçura comovente.

— Discordo do primeiro, lamento o segundo e, acredite, o terceiro é uma bênção. Mas não sou ninguém para lhe dar conselhos.

— Discorda? — Sua falta de atratividade era evidente.
— Só precisa ter olhos no rosto.

A anfitriã demorou um pouco para responder. A olhou de uma forma curiosa, como se estivesse dissecando suas entranhas e pudesse ler seus órgãos à maneira dos antigos aruspícios.

— A beleza é sempre subjetiva — a mulher fascinante finalmente disse. — Consiste em transmitir uma ideia e

saber mantê-la. Todos nós temos algo valioso que alguém desejaria se o embrulhássemos da maneira certa.

Pareciam palavras sombrias, mas não queria dizê-las em voz alta.

— Pode me ensinar como fazer meu marido me desejar?

Dessa vez, uma única sobrancelha se ergueu naquele rosto de deusa.

— Tem certeza de que é isso que quer? Depois de conseguir, tudo se tornará terrivelmente chato.

Roxanne não hesitou.

— Sim, é isso que eu quero.

Mais uma vez, silêncio, como um duelo onde as espadas eram os olhares.

— E o que está disposta a fazer?

— Já lhe disse que não me falta dinheiro.

— O dinheiro não pode alcançar a paixão ou o desejo e, quando o faz, é sempre temporário. Se deseja que sua aventura seja um sucesso, deve ir mais longe. Muito além. Está disposta a ultrapassar todos os limites?

Com as últimas palavras, se levantou na banheira e sua anatomia maravilhosa apareceu enquanto as gotas brilhantes de água perfumada acariciavam seu corpo.

Roxanne sentiu-se corar, mas não conseguiu tirar os olhos daquela beleza deslumbrante.

— Estou disposta — disse ela com uma firmeza que lhe era desconhecida.

A mulher saiu da banheira e pegou um roupão elegante de seda chinesa que colocou sobre os ombros e amarrou na cintura.

— Até os limites que vão além da decência?

Não duvidou.

— Se com isso puder salvar meu casamento, claro.

Essa resposta pareceu satisfazer sua anfitriã, que lhe deu outro sorriso comovente antes de se sentar à penteadeira.

— Então vamos começar hoje — ela pegou uma borla e começou a se maquiar. — Como devo chamá-la? Porque acho que não quer me dizer seu nome verdadeiro.

Ela havia previsto suas intenções, o que lhe deu um pouco de tranquilidade, já que ambas entendiam as regras do jogo.

— Eleonor — respondeu, lembrando-se de uma das mulheres de sua lista. — É de alguém que devo encontrar. Como quer que eu me dirija a você?

A mulher se olhou no espelho e tirou o turbante. Uma suntuosa cabeleira avermelhada espalhou-se, selvagem, pelas costas. O decote do roupão revelava grande parte dos seus seios, mas parecia que isso não a incomodava nem um pouco.

Quando se voltou para Roxanne, sua atitude relaxada se transformou na de alguém eficiente que conhece os meandros de seu ofício.

— Me chame como todos os meus clientes fazem e como sou conhecida na cidade, *madame* Camille.

CAPÍTULO 9

— Não foi visitar Camille hoje? — Robert Carlisle lhe perguntou, a coisa mais próxima de um amigo para o intransponível Adam Baxley.

— Não — respondeu, de forma sucinta, embora a verdade seja que havia sido rejeitado logo na porta de seu apartamento, pois, segundo sua criada, *madame* estava ocupada com outro cliente.

Isso o surpreendeu, pois Camille apenas atendia a alguns de seus antigos apoiadores, tão poucos que podiam ser contados nos dedos de uma mão, mas que irritavam Adam tanto quanto se fossem uma multidão.

Ele a queria só para si. Estava convencido de que o que sentia por aquela mulher ruiva era a coisa mais próxima de uma doce emoção que já havia sentido em sua vida, e odiava compartilhá-la com outras pessoas.

Controlou sua montaria e continuou pelo Parque Saint James, pois Robert havia concordado em se encontrar com *lady* Diana, uma mulher que o fascinava há muito tempo.

— Ainda não vai me contar nada sobre seu casamento?

Adam franziu ainda mais a testa, realçando aquele ar frio e distante que o caracterizava.

— O que poderia ser interessante em uma cerimônia execrável?

— Sua esposa, por exemplo.

Sua boca enrugou-se involuntariamente.

— Receio que tenha sido o menos sugestivo de toda aquela pantomima.

Robert sorriu para si mesmo. Embora tivessem se encontrado várias vezes desde então, seu bom amigo recusou-se a contar-lhes qualquer coisa, então foi forçado a recorrer a outras fontes.

— Ouvi seu velho primo Charles — tateou — dizer que é uma criatura muito doce.

Um suspiro de tédio escapou dos lábios de Adam.

— Bastante insípida.

— Mas suponho que essas circunstâncias não o impedirão de cumprir as suas obrigações.

Adam o olhou de uma forma que seu amigo conhecia bem e que falava de perigo.

— Isso não é da sua conta — disse lentamente, marcando cada sílaba.

Robert sabia que haviam entrado em território perigoso. Seu parceiro nos delitos tinha pouca paciência e tinha ciúmes de sua privacidade. Seu temperamento irascível poderia explodir a qualquer momento, e tinha que ter cuidado para não estar presente se isso acontecesse. Mas era um lindo dia, a sedutora *lady* Diana estava prestes a aparecer no parque e ele queria se divertir, então continuou apesar do perigo.

— Então a futura condessa de Dunwich ainda está intacta como uma maçã verde — comentou ele, estendendo a mão para dar um tapinha no ombro do amigo. — Este não é o Adam Baxley que eu conheci, aquele que conseguiu quebrar todos os recordes do clube ao satisfazer seis mulheres famintas em uma única noite.

Adam bufou, mas ignorou.

— Nada mudou em mim, mas lembro-o que fui forçado a me casar com a filha de Blyton. Não sei o que você teria feito no meu lugar.

— Teria um filho com ela e a manteria longe de Londres para que não me incomodasse.

— Duvido — disse ele com uma careta na boca, porque Robert teria se comportado de uma forma não muito diferente de como ele se havia comportado.

Continuaram cavalgando. Cumprimentavam erguendo a cartola quando encontravam damas ou cavalheiros conhecidos e trocando um sorriso cúmplice quando não eram correspondidos, pois nem todos consideravam respeitável cair nas boas graças de dois canalhas como aqueles. Robert, diante do silêncio do colega, voltou a provocá-lo.

— Agora falando sério, meu amigo, deve esquecer as brigas do passado e focar no presente. Do lado materno, sua esposa é uma Howard, talvez não da primeira linhagem, mas com sangue nobre suficiente nas veias para fazer muitos dos flertes com quem lida empalidecerem.

Seu amigo conseguiu exasperá-lo.

— O pai dela humilhou a todos nós — ele mostrou-lhe o óbvio.

— E pagou por isso.

— Não vou ceder ao seu espírito cínico fazendo a sua filha feliz.

— Bem, temo que não tenha outra saída.

Visto desta forma, era verdade. Seu pai havia deixado claro: se não cumprisse suas obrigações dentro de um ano, tudo o que tinha seria tirado dele, mas em sua cabeça ele tinha muito claro o que queria.

— Há a Camille — disse com firmeza.

Robert teve que piscar várias vezes para entender a teimosia de Adam. Entendia um capricho, e ainda mais se tivesse a beleza da formosa *madame*, mas os dois estavam muito acima disso, e seu amigo sabia disso.

— O velho conde, seu pai, vai te esfolar se a pedir em casamento novamente — ele o avisou —, sem falar no pequeno incômodo de já ser casado.

— Eu só preciso de um filho — tirou a importância com um aceno de mão — e posso afastar aquela mulher

diabólica da minha vida.

Robert bufou. Era impossível argumentar com ele.

— E o que está esperando então para consumir o casamento?

Não iria responder a isso. Não lhe daria a satisfação de descobrir que com Roxanne Blyton sua aclamada virilidade perdia toda a força até se tornar inútil.

Tentou reprimir o mau humor e as sobrancelhas perpetuamente franzidas, e vislumbrou ao longe o caminho para sair daquela conversa incômoda.

— Aí está o sua admirada *lady* Diana. — A moça acabara de aparecer no parque, coberta por uma sombrinha e acompanhada por uma criada que segurava a cauda de seu vestido. — Parece que ainda não te notou.

Os olhos de Robert brilharam e seu sorriso se alargou assim que a viu.

— O fará. Mas gosta de brincar e talvez seja isso que mais me atrai nela.

Conhecia os gostos passageiros de Robert e sempre se surpreendeu com o fato de o romance deles ter durado cinco anos. Claro que não exclusivamente. Seu amigo nunca seria um homem de uma mulher só.

— Eu tomaria cuidado — ele o avisou. — Seu pai pode exigir que se case, assim como o meu.

Robert suspirou e lhe lançou um olhar exasperado.

— Adam, o casamento o tornou um chato.

— Talvez, mas me salva de ficar babando por uma mulher que nem sabe o que falar com um homem.

Não tinha vontade de participar daquela falsa caçada. Desde que ganhou os favores de Camille, as reuniões do clube o entediavam e as façanhas amorosas de seus amigos pareciam superficiais para ele.

Incitou sua montaria a se afastar. Queria passar no alfaiate antes do almoço e novamente na casa da mulher que amava. Acenou para o amigo e fez menção de sair.

— Lembre-se que esta noite jantamos na casa de *lady* Albyn — Robert exclamou antes que ele estivesse fora do alcance da voz.

— *Pardiez!* — Ele tinha esquecido. — É a última coisa que quero.

O sorriso cínico de Robert se alargou.

— Bem, gostará ainda menos quando descobrir que *milady* enviou um convite pessoal para sua esposa e não permitirá que ela não apareça —ele piscou um olho. — Receio que hoje seja a sua apresentação oficial na sociedade. Finalmente conheceremos a futura condessa.

Para Adam foi como se um balde de água gelada tivesse acabado de ser derramado sobre ele, especialmente porque sabia que uma recusa a *lady* Albyn significaria que ele e sua maldita esposa seriam o foco de todas as fofocas da alta sociedade durante as próximas semanas, algo que seu pai nunca permitiria.

CAPÍTULO 10

Madame Camille andava pela sala com a elegância natural que cada um de seus gestos tinha, observando aquela criatura assustada que tinha ido até sua casa pedir ajuda.

Tinha o aspecto de um cervo assediado por uma matilha faminta, mas estava consciente de que aquele passo, apresentar-se diante de uma das *Madames* mais reputadas da Inglaterra para solicitar algo tão pouco usual, indicava que não estava diante de uma mulher comum.

Quando terminou de rodeá-la, ficou diante dela, analisando-a com o olhar ligeiramente estreitado, como um especialista em gemologia olhando para uma safira rara.

— Fique nua — disse sem qualquer sinal de autoridade, como se tivesse elogiado o bom tempo daquela manhã ou o frescor das flores que enfeitavam um vaso.

Roxanne sentiu suas bochechas esquentarem imediatamente, mas não protestou. Prendeu a respiração e começou a tirar as luvas, bem devagar, sentindo um forte sufoco na boca do estômago. Parecia que tirar a roupa era algo vital na vida social da Londres que agora enfrentava, porque uma ordem semelhante foi a que Adam lhe exigiu na noite de núpcias, a única em que estiveram juntos.

Ao verificar que seu pedido foi atendido, Camille pareceu perder o interesse e voltou a andar pela sala com aquele passo lento e sereno, acariciando de leve alguns objetos que encontrava em seu caminho.

— Passei toda a minha vida dedicada à beleza — exclamou ao ar, como se este fosse seu interlocutor — e há

muito tempo descobri algo surpreendente: que todo ser humano a possui, mesmo aqueles que acreditamos serem os mais abjetos.

Roxanne, desconfortável, começou a desamarrar as fitas que prendiam seu vestido.

— Acho que discordo de você. — Não conseguiu evitar o tom de desgosto na voz. — É evidente que isso é estranho para mim.

Camille, de uma mesa perto da janela onde admirava o formato de um buquê de rosas, olhou para ela novamente.

— O primeiro passo é acreditar nisso, na beleza. Pode ser um ato de fé no início, mas se não se sentir bonita, ninguém notará. Irão analisá-la com os mesmos olhos com que a senhora se observa, com a mesma falta de compaixão que tem por si mesma.

— Sentir-me bonita fará com que seja?

— Esse é apenas o primeiro passo. Uma vez alcançado, deve se conscientizar disso. — Com um gesto elegante de mão, lhe disse para se olhar no grande espelho. — Diga-me o que vê.

Roxanne duvidava disso. Em Saint Mary não havia nenhum, e a srta. Spider considerava seu uso uma coisa abjeta que corrompia a alma das mulheres e as tornava frívolas.

Ousou levantar os olhos e encarar sua imagem refletida. O vestido sóbrio ajustado sob o peito estava solto e mostrava o formato dos ombros e o nascimento do busto. Um leve toque e ele cairia aos pés dela. Se concentrou em seu rosto; oval onde nada se destacava. Engoliu em seco antes de responder.

— Vejo uma mulher comum.

Madame avançou lentamente até ficar atrás dela para olhar por cima do ombro para a mesma imagem refletida.

— Posso dizer o que aprecio?

Roxanne demorou um pouco para responder.

— Sim.

A mão delicada de Camille apareceu diante dela e levantou-se para tocar seu queixo.

— Seu olhar é único. — Inclinou a cabeça, como se estivesse avaliando um espécime raro. — Uma estranha mistura de fragilidade e força que atrai muito. É necessário acentuá-lo. Fortalecer nossos pontos de mais destaque e desfocar aqueles onde não nos sentimos seguras, como o seu busto, que é escasso.

Roxanne baixou o olhar até fixá-lo sobre eles.

— Um espartilho não aumentará meus seios?

— Um espartilho só a deixará vulgar. Precisamos chamar a atenção dos outros para onde serão atraídos e, para isso, precisamos estar cientes de nosso magnetismo.

Tudo isso poderia ser agradável de ouvir, mas a realidade era muito diferente.

— Sei que está tentando me ajudar, mas não consigo encontrar nada disso na imagem que o espelho me devolve.

— Não é uma questão de um único dia. Quando nos insultamos diariamente, aprender a nos amar é um processo delicado. — Aquela mão inerte levantou-se para acariciar seus redondos cachos castanhos. — Seu cabelo é fabuloso.

Uma careta apareceu nos lábios de Roxanne.

— Devo ver algo fantástico nessa cabeleira escura e triste?

— Tem que ver a realidade — respondeu sem aspereza — não o que os outros lhe disseram e a senhora gravou em sua mente como se fosse granito duro. — Com um leve suspiro, se afastou dela e voltou para a mesa das rosas. — Qual é a cor predominante em seus seios?

— Seios? — A careta que se formou em seu rosto era uma mistura de cinismo e bom humor. — Só tenho dois vestidos e alguns trajes que minha sogra mandou confeccionar. Estava pensando em procurar uma modista.

Madame Camille ergueu uma sobrancelha.

— Uma dama da nobreza com apenas alguns trajes?

— É complicado explicar.

A avaliou mais uma vez. Muitas moças indefesas chegavam à sua casa sentindo-se como aquela mulher, um ser invisível, e naquele exato momento eram admiradas nos bordéis mais exclusivos de Londres. O caso não era o mesmo, mas a beleza tinha jornadas semelhantes.

Deixou de lado seus pensamentos para retornar a sua nova aluna.

— Sua cor é verde — assegurou-lhe — e a sra. Johnson é a melhor costureira de Londres e não a mais cara. Não lhe falarei da senhora, é claro, mas escreverei em um pedaço de papel o que deve perguntar quando for visitá-la.

Tudo isso estava começando a sobrecarregar Roxanne. Estava apenas esperando por algumas frases, alguns truques que fariam Adam notá-la, e então...

— E quanto ao meu marido... — tentou redirecionar a conversa.

— Por enquanto, deve ser indiferente.

— Indiferente?

Madame a encarou com a mesma curiosidade que não abandonava seus olhos desde que chegara.

— Começaremos por aí — disse. — Um homem não demonstra interesse pelo que é fácil para ele, então a senhora não lhe facilitará as coisas. Ao terminar o seu aprendizado, pareça indiferente, como se não o visse, como se fosse tão insignificante que seus olhos passassem por ele.

Só de pensar nele, um arrepio de terror percorreu sua espinha. Como conseguiria parecer indiferente?

— E se desejar...? — Não se atreveu a terminar a frase.

— Recuse-o.

Roxanne piscou várias vezes, sem entendê-la muito bem.

— Mas pode me obrigar a fazer o que quiser.

— Recuse-o e me contará em nossa próxima reunião o que aconteceu.

— Nos veremos de novo?

O sorriso no rosto de *madame* a deixou ainda mais bonita.

— Nós apenas começamos. — Saiu da mesa e foi ao seu encontro. — E agora é melhor nos concentrarmos. Quando será sua próxima aparição pública?

Não precisava pensar sobre isso. O convite chegou minutos antes de sair da mansão.

— Esta noite. Nos convidaram para um jantar e...

O rosto de Camille estava horrorizado.

— E estamos conversando! Temos que começar a trabalhar. Nesse jantar se mostrará pela primeira vez como realmente é e não como foi levada a acreditar que é.

Roxanne sorriu nervosamente e teve que colocar a mão no peito.

— Meu coração está batendo rápido.

Madame foi ao seu encontro e pegou a mão dela.

— E quando terminarmos, é assim que o coração do seu marido baterá quando te olhar e se tornar uma mulher irresistível.

CAPÍTULO 11

— Veio sozinho? — perguntou Robert Carlisle, que acabara de encontrar Adam na mesma porta da mansão.

Seu amigo não pôde deixar de fazer um gesto estranho.

— Tive um imprevisto, então minha esposa virá sozinha.

O mordomo teve a sorte de abrir o grande portão naquele momento, o que o impediu de dar mais explicações.

A verdade é que naquela tarde havia ido novamente, como mendicante, à casa de Camille. Dessa vez, *madame* o recebeu, embora a tenha encontrado um tanto distante e propensa a perder o olhar no vazio, o que fez com que seu eterno mau humor se agravasse.

O acordo entre eles era não pedir explicações, então não o fez, mas desconfiou que esse encantamento tivesse a ver com a visita anterior, a mesma pela qual não conseguiu atendê-lo há algumas horas antes, e isso parecia tê-la afetado mais do que era habitual em Camille.

Passaram uma tarde deliciosa onde suspiros e beijos concentraram uma paixão que terminou quando ele transbordou dentro dela com um gemido rouco enquanto tentava conter a frase que latejava em seus lábios: “Eu te amo”.

A anfitriã veio cumprimentá-los assim que cruzaram a soleira.

— Meu querido Dunwich, onde ela está?

A urgência de *lady* Albyn por conhecer sua esposa o exasperou.

— Quem? — perguntou enquanto entregava as luvas e o chapéu.

A grande dama não vacilou.

— Não aja de forma esquecida. Quero dizer, sua esposa. Londres está na expectativa porque tudo ao seu redor é um mistério.

Milady comandava um grupo muito exclusivo onde contava com o que há de melhor na Inglaterra. Seus jantares eram lendários e seus bailes eram um evento onde corria o boato de que até o Príncipe Regente implorava para ser convidado.

Dizia-se dela que era a mulher mais elegante do Reino Unido e devia ser verdade, porque, aos sessenta anos, demonstrava uma leveza e uma elegância difíceis de igualar.

Mas nem tudo estava bem ao seu redor. Um espírito tão elegante fora amaldiçoado por uma língua afiada, que dissecava a sociedade londrina sem contemplação, capaz de imolar os seus melhores amigos por capricho e a própria rainha, se necessário.

Então ser convidado por *milady* era uma espécie de sorte que não podia ser rejeitada, mas da qual se podia sair muito mal, especialmente se os participantes fossem os seus frequentadores habituais, famosos pela suas línguas afiadas.

Adam virou-se para a dama e olhou-a com a sua habitual arrogância.

— E se minha esposa não aparecer?

O rosto elegante e envelhecido de *lady* Albyn esboçou um sorriso venenoso e ameaçador que não passou despercebido por nenhum dos dois cavalheiros.

— Receio que, nesse caso, terei de ser extremamente crítica e fazer algumas inferências que não seriam justas.

Era uma ameaça velada, e Robert puxou dissimuladamente a barra do cassaco de Adam para que ele o deixasse passar, mas seu amigo era de temperamento altivo e não deu atenção a isso.

— Como por exemplo? — insistiu.

Milady fez com que suas mãos voassem ao redor como borboletas e afirmou o óbvio.

— Como se sua esposa não fosse apenas filha de lorde Blyton, mas possivelmente tivesse "qualidades" que a tornassem inadequada para se apresentar em sociedade.

A testa de Adam Baxley franziu ainda mais e um brilho de raiva apareceu em seus olhos. Não sabia o motivo pelo qual seu maldito pai havia decidido relacioná-lo com aquela linhagem corrupta, então enquanto seu pai passava os dias entre missas e sermões, era sua vez de explicar por que os Dunwich haviam se tornado os defensores de uma linhagem que todos censuravam e que ninguém queria saber.

Robert, que conhecia bem o temperamento rebelde do amigo, interveio com seu melhor sorriso.

— Já me disseram *lady* Dunwich que é uma mulher simples.

Essa afirmação pareceu piorar ainda mais as coisas.

— Que horror! — Se benzeu. — Com pôde se casar com alguém assim? Odeio o tédio e a simplicidade costuma ser de muito mau gosto. Vamos encontrá-la esta noite? Porque se não, temo que terá que ir embora.

Um novo puxão no casaco trouxe Adam de volta à razão, e ele simplesmente curvou a cabeça para a anfitriã e saiu, sem pedir permissão, em busca da sala de jantar.

— Está a caminho — murmurou enquanto caminhava.
— Alguns problemas nos impediram de chegar juntos.

Isso pareceu satisfazer a dama, que pegou no braço que Robert Carlisle lhe estendia e seguiu os passos de seu taciturno amigo, que já tinha atravessado o salão e entrado na elegante sala de jantar.

Tudo na mansão de *lady* Albyn era requintado. O tecido das paredes não poderia ser mais delicado e os móveis de estilo Império pareciam ter vindo da própria Malmaison^[1] ou, pelo menos, esculpidos por artesãos idênticos aos que trabalhavam para o imperador.

Assim que entraram pelas portas da sala de jantar, os oito convidados já sentados à mesa viraram-se para eles, mas foi August, o outro membro dos Cavalheiros Piedosos que tinha sido convidado para a noite, quem se dirigiu a ele.

— Adam! — exclamou. — Como é um homem casado, não há como tratá-lo.

Conhecia todos eles, pois eram os habituais em qualquer reunião presidida por *milady*. O duque e a duquesa de Timberland eram inseparáveis de *lady* Albyn e tão perigosos quanto uma lâmina de barbeiro. O general também estava lá, acompanhado de sua esposa e das irmãs Perkins, duas viúvas maduras que estavam entre as mais influentes da Corte, famosas por sua língua viperina. O último membro era o mais perigoso de todos, o conde de Turenne, um cavalheiro francês dado as maledicências que, com um comentário, poderia elevar ou condenar qualquer pessoa ao ostracismo.

Adam fez uma reverência geral e sentou-se no assento que um dos lacaios lhe indicou, entre a duquesa e uma das irmãs.

— O casamento tem suas exigências — disse ele enquanto pegava a taça de vinho do criado que acabara de lhe servir.

— E os bordéis também — disse *monsieur* enquanto buscava a aprovação da audiência.

Outro olhar cuidadoso de seu amigo Robert impediu-o de responder, e foi sua companheira de assento, a enrugada duquesa, quem se interessou.

— Onde está sua aclamada esposa?

Ele desdobrou o guardanapo sem olhar para ela.

— Se não tem enxaqueca, chegará rapidamente.

— Quanto ao seu pai, lorde Blyton... — começou a outra irmã, que estava do lado oposto da mesa.

Dessa vez, Adam não atendeu ao pedido de prudência do amigo, então não a deixou terminar.

— Receio, marquesa, que tenha que perguntar ao meu soberano pai.

O general saiu em sua defesa, embora não tivesse certeza se o que realmente procurava era outro assunto a investigar.

— Não vamos acusar aquela pobre menina dos pecados do pai.

— Embora a degeneração seja transmitida como uma peste — acrescentou a marquesa.

Lady Albyn já havia se sentado e parecia encantada com o caráter animado que a conversa havia assumido. Se perguntou quanto tempo Adam Baxley poderia durar sem perder a paciência. Era um jovem temperamental que foi forçado a um casamento desproporcional. Tinha grandes expectativas de diversão naquela noite. E ansiava que chegasse o momento em que a futura condessa apareceria, pois o que ouvira falar dela e os relatórios que solicitara a Saint Mary, referiam-se a ela como uma moça insossa, sem qualquer graça e tão cinza como as asas de uma mosca.

Dedicou um sorriso para seus convidados.

— Pelo que ouvi — disse ela no tom elegante de uma grande dama — a futura condessa de Dunwich dificilmente pode ser acusada de outra coisa senão... insignificância.

O duque fingiu estar escandalizado.

— Não seja cruel, querida.

— Estou convencida de que nosso Adam pensa o mesmo — o encorajou. — Não é verdade, querido?

Ele a olhou, mas não disse nada. Era difícil defender a mulher com quem seu pai o forçara a se casar, algo pelo qual nunca o perdoaria.

Um sinal do mordomo na entrada da sala de jantar chamou a atenção da anfitriã.

— Só falta ela chegar, então não pode ser mais ninguém.

Os cavalheiros levantaram-se para recebê-la enquanto as damas esperavam nos seus lugares, sem tirar os olhos da entrada.

A curiosidade parecia misturada com zombaria no rosto de todos, exceto no de Adam, que estava tão rígido que parecia de pedra.

Roxanne ficou esperando, mas quando apareceu, um murmúrio de surpresa percorreu a mesa, enquanto Adam Baxley teve que piscar várias vezes, pois não reconheceu sua esposa na criatura que acabara de passar pela porta.

CAPÍTULO 12

Quando o lacaio fechou a porta de seu quarto e a deixou sozinha, Roxanne colocou uma mão em seu peito e outra em seus lábios. Tinha conseguido! Tinha conseguido!

Naquela noite, quando a carruagem parou em frente à mansão londrina de Lady Albyn, ela se sentiu tão inquieta e insegura que por um momento se sentiu tentada a pedir ao cocheiro que refizesse seus próprios passos e a levasse embora.

Mas sabia que isso a obrigaria a dar todo tipo de explicações e estimularia a raiva de seu marido, um homem que já a assustava e que não tinha certeza de como poderia se comportar, inclusive de maneira violenta.

Quando o lacaio estendeu a escada da carruagem, teve que fechar os olhos e prender a respiração para se acalmar. Seu pai lhe ensinara isso, aquela maneira de fazer com que seu coração acelerado suavizasse a vibração. Diziam que os Blyton eram temperamentais por causa de seu sangue irlandês, mas que ela tinha a graça de ser uma Howard por parte de mãe, o que corrigia bastante essa variável.

Quando seu sapato pisou no chão, ela era uma mulher diferente, pelo menos diante dos outros, porque seu coração ainda era o de um cachorrinho assustado que não sabia como se comportar apesar de sua imprudência.

Ficou alguns segundos diante da porta, revendo cada uma das instruções que *madame* lhe dera, até que ela se

abriu e o fleumático mordomo de *milady* lhe fez uma reverência.

Tudo o que ela vestia era de propriedade de Camille e suas colegas, exceto as joias, que pertenciam à família Dunwich. *Madame*, assim que compreendeu a urgência daquela noite, mandou chamar quem inicialmente pensou serem suas criadas, mas ao ver a maneira como se tratavam, percebeu que, na verdade, compartilhavam a mesma profissão.

Tratavam-na em todos os momentos com um respeito que não era desprovido de familiaridade, mas também como se ela fosse uma boneca de porcelana que não precisava ser consultada sobre o que era ou não apropriado. Experimentaram algumas anáguas e depois outras. Vários vestidos que *madame* rejeitou passaram diante de seus olhos, até que um deles encontrou o certo. Ajudaram-na a vestir-se, ajustaram-lhe o busto com uma fita e procederam ao penteado. Ela tentou explicar... Mas não prestaram atenção nela além de um sorriso educado.

De costas para o espelho, ela não via nada, mas o olhar firme de Camille e as indicações que dava as suas colegas diziam que nada estava fora de seu controle.

Quando uma delas trouxe uma bandeja cheia de potes de pomadas e frascos de fragrâncias, ela ousou levantar a mão.

— Nunca usei cor no rosto.

Madame sorriu, como teria feito ao se deparar com uma garota que havia pedido um leite com merengue.

— Então o surpreenderá.

A um de seus gestos, as duas moças iniciaram um trabalho meticuloso que durou quase uma hora, sob o olhar atento de Camille.

Só quando ficou satisfeita é que as outras duas se afastaram e *madame* analisou o resultado com olhar crítico, até que assentiu bem devagar e a encorajou a se levantar e se olhar no espelho.

Roxanne sentiu alguma apreensão antes de fazer isso. Temia não se reconhecer no resultado de tanto esforço, ou talvez parecer ridícula sob as camadas de tecido e pigmentos. Mas quando finalmente reuniu forças e se observou...

A primeira coisa que lhe chamou a atenção foi que não havia dúvida de que era ela, e que as pinceladas que sentira na pele do rosto com giz de cera e pincéis carregados de pigmentos eram invisíveis a olho nu, como se a pele dela nunca tivesse sido tocada por eles.

O segundo...

O vestido era elegante. Com um corte baixo no peito, era feito de uma seda tão leve que parecia musselina, e caía graciosamente ao redor dela. A cor era deslumbrante, de um verde esmeralda que fazia com que seus olhos se assemelhassem a ele e harmonizava com o tom de sua pele. O decote era largo, mais aberto nas laterais do que embaixo para dar ao busto a presença necessária sem destacá-lo. Lhe caía tão bem que tinha a impressão de que tinham esculpido seu corpo para transformá-lo no de uma mulher bonita.

Se olhou nos olhos. Aquele rosto que ela mal teve oportunidade de contemplar no passado a olhava com confiança, os lábios deliciosos e pulsantes, o olhar sedutor, as bochechas salientes e tudo tão determinado que era a única coisa em que não se reconhecia, a atitude.

Terminava o conjunto o que tinham conseguido com seu cabelo. Claro que estava amarrado na nuca, mas certos cachos caíam naturalmente ao redor de seu rosto, destacando suas feições e definindo o oval. Tinham enfeitado seus cabelos com uma pequena rosa, de um laranja intenso, da mesma cor da fita que estava ajustada embaixo do peito e que combinava maravilhosamente com aquele verde maravilhoso.

Teve que dar um passo para trás para se ver completamente, e quando Camille sorriu de satisfação,

sabia que tinham acertado.

— Como é possível?

— Já te disse que é só uma questão de olhar de uma nova maneira. A mulher que vê no espelho é a senhora mesma. Aprenda a se admirar.

Mal teve tempo de agradecer porque estava em cima da hora. Ela havia passado em casa para esperar Adam e colocar as joias necessárias para um evento social. *Madame* havia sido exigente a esse respeito. Apenas brincos de diamante e uma pulseira combinando, sem colares. Ela tinha feito isso e, ao terminar de se arrumar em sua penteadeira, chegou a carta de Adam lhe dizendo que ele não viria buscá-la.

Isso tornava tudo ainda mais difícil, já que ela teria que aparecer sozinha diante de estranhos que a dissecariam. Mas conseguiu, ainda hesitando antes de entrar na casa de *lady Albyn*.

Ao aparecer na sala de jantar da dama, encontrou dez pares de olhos a olhando, mas seguiu as instruções de Camille, e não procurou Adam com os dela em nenhum momento, como se ele não existisse, como se não estivesse sentado na mesma mesa.

— Mas... que surpresa extraordinária! — exclamou a anfitriã, e ela respondeu como lhe ensinaram, com uma leve reverência de cortesia.

Foram amáveis, e quando uma das mulheres, uma marquesa idosa, ousou falar sobre seu pai, *lady Albyn* imediatamente a silenciou e disse-lhe para não perturbar sua “protegida”.

Sentir-se protegida por alguém era algo que só percebera durante a vida do pai, e duvidava que as palavras daquela senhora fossem outra coisa senão cortesia. Mesmo assim, procurava acompanhar as conversas, ser simpática com as damas e discreta com os cavalheiros, e ignorar o marido em todos os momentos, apesar de algo dentro dela lhe dizer constantemente para olhar para ele, examinar

seus olhos para ver se via neles a mesma admiração que viu pela primeira vez em sua vida nos outros.

Uma única taça de vinho e a constante atenção de dois jovens que a analisavam com surpresa fez com que seus nervos se acalmassem e conseguisse se tranquilizar.

Em nenhum momento trocou olhares com Adam, em nenhum momento deu a entender que sabia da sua existência, embora percebesse a sua presença sinistra à mesa e os seus longos silêncios, pois a sua voz só era ouvida nas poucas vezes em que um ou outro reivindicou sua opinião.

A noite terminou à meia-noite, embora Roxanne tivesse a sensação de que durou apenas alguns minutos. Voltaram para Dunwich Manor numa carruagem, embora novamente não tenha feito nenhum esforço para observá-lo ou trocar qualquer palavra, como *madame* Camille havia indicado, permanecendo o mais longe possível dele no minúsculo cubículo da carruagem.

Aquela viagem de volta foi estranha, pois sentiu algo novo na pele, como a carícia de olhos que até aquele momento a viam como insignificante. Era imaginação dela, ou se ela se virasse, encontraria aquele homem malvado com o olhar preso nela? Não fez nenhuma tentativa de descobrir, pois se sentia incapaz de se tornar indiferente diante dele num espaço tão pequeno.

Uma vez em casa, não se despediram, e quando o laçao finalmente a deixou sozinha em seus aposentos, fechando a porta atrás dela, sentiu o coração pular pela boca, porque nem em seus sonhos mais loucos imaginou que poderia conseguir o que conquistou naquela noite: uma vitória sobre Adam Baxley. Uma vitória sobre o malfeitor.

Apertou o peito com as duas mãos e se olhou mais uma vez no espelho. Sim, aquela mulher era ela mesma, mas era... linda. O, pelo menos, havia algo em seu reflexo que a impelia a não desviar o olhar e...

Algumas batidas soaram na porta. Devia ser Doris, vindo ajudá-la a se despir. Suspirou novamente. Queria lhe contar tudo, ou pelo menos o que seria adequado expor. Tinha sido um lindo dia, mas então percebeu o quanto estava cansada.

— Entre.

Quem entrou não foi sua criada, mas sim seu marido.

Nessa ocasião, não conseguiu evitar que seus olhos se encontrassem.

Havia se livrado do casaco e estava vestindo apenas colete e camisa. Tinha as mãos nos bolsos e o olhar sombrio a que já estava habituada, embora pudesse prometer que desta vez havia algo de novo nos seus olhos... Admiração? Desejo? Não soube o que era, mas acabou desconcertando-a e parecendo perigoso.

Seu coração disparou novamente, como sempre que aquele ser diabólico aparecia, mas agiu como sua nova tutora havia instruído, sentando-se indiferente à penteadeira para começar a tirar os brincos.

— É muito tarde — disse calmamente, embora tenha feito um esforço sobre-humano para não deixá-lo perceber que suas mãos tremiam.

Adam não desviou o olhar, como se tentasse entender o que estava acontecendo. Deu alguns passos e parou no meio do quarto.

— Não é tarde para mim.

Mais uma vez, o silêncio e aquela atitude penetrante que lhe provocava um desconforto no estômago que não sentia com mais ninguém. Tinha certeza de que era isso que produzia o ódio, porque era tudo o que sentia por aquele homem mau, a quem tinha que fazer pagar pelo que havia feito.

Tirando forças de algum lugar remoto, se atreveu a olhar para ele através do espelho, adquirindo aquela expressão indiferente que *madame* havia indicado.

— Algo lhe foi oferecido?

Ele franziu os lábios. Se o seu semblante habitual era inescrutável, naquela noite parecia ainda mais sério, embora houvesse em seus olhos um certo brilho que Roxanne identificou como fome.

— Temos obrigações a cumprir — ele disse com voz rouca.

Sabia o que ele queria dizer. Mais cedo ou mais tarde chegaria esse momento do qual ela havia se livrado na noite de núpcias, mas sua “tutora” tinha sido clara sobre isso: só quando ela quisesse.

Ela olhou novamente para a cômoda e começou a tirar a pulseira.

— Receio que hoje não — disse, tentando não deixar que sua voz transmitisse o medo que sentia.

Ele franziu a testa.

— Não é você quem decide.

Madame Camille havia lhe dado o argumento adequado e olhou-o nos olhos, diretamente, quando declarou.

— Mas meu corpo decide e justo hoje não estou bem. Preciso lhe explicar com mais clareza?

Mantiveram o olhar por alguns segundos. Roxanne percebeu como seu coração voltou a ser um cavalo a galope, enquanto os olhos de Adam se tornaram mais frios, impenetráveis e terríveis.

Foi ele quem piscou, embora não parasse de a olhar.

— Está diferente.

— Não acredito.

Ele lambeu os lábios e tirou as mãos dos bolsos. Um de seus dedos grossos e longos apontou para ela.

— Três dias — avisou. — Estarei de volta em três dias e terminaremos o que não começamos.

Um arrepio percorreu a espinha de Roxanne, mas não conseguiu identificar sua natureza porque era completamente novo. Tentou não deixá-lo perceber seu nervosismo e procurou uma maneira de ganhar vantagem.

— Posso tomar a liberdade de ir aonde quiser?

Adam Baxley a olhou com algo prejudicial em suas pupilas.

— Até para o inferno, se esse for o seu desejo.

E ele lhe lançou um último olhar terrível antes de sair do quarto.

CAPÍTULO 13

Doris evitou o mendigo que insistira em lhe pedir uma moeda e conseguiu continuar seu caminho apesar dos maus presságios que não a abandonaram desde que deixou a mansão.

Whitechapel era um dos piores lugares do mundo, ou assim tinha ouvido falar. Localizada a leste de Londres e delimitada por Bishopsgate, acolhia todos os refugiados que fugiam da fome no campo em busca de um futuro próspero na cidade. Mas este jamais chegava, o que acabou por condená-los à existência mais abjeta onde o frio e a fome matavam a maior parte deles em tenra idade.

Úmido, sujo e terrível, era um lugar onde o perigo espreitava apenas ao se afastar da rua principal.

Sua senhora não lhe pediu, mas a conversa que tiveram na noite anterior a levou a tomar essa decisão imprudente.

Não sabia o que havia acontecido, mas a Roxanne Blyton que voltou para casa depois de passar a tarde fora não era a mesma que conheceu em Linchester House. Quando lhe pediu que a ajudasse com os brincos e a pulseira, ela mesma ficou surpresa, tanto que ficou imóvel na entrada, perguntando-se se aquela dama era sua senhora ou não.

Desde a primeira vez que a viu, ela lhe pareceu linda. Talvez não de uma forma óbvia, mas o brilho nos seus olhos, a forma como o seu rosto se expressava, e um sorriso

sempre pronto, davam-lhe um ar tão agradável que não tinha dúvidas de que aquilo era beleza.

Mas desde o seu regresso, o que só poderia ter sido subjetivo tornou-se realidade, porque lady Dunwich se parecia tanto com qualquer uma daquelas belas mulheres que vira entrando na Royal Opera que até ficou apreensiva em falar com ela.

— Está muito quieta — sua senhora lhe dissera.

— Está linda, *milady*.

Roxanne corou, o que conseguiu acentuar essa percepção.

— Não acha isso... excessivo? — lhe havia perguntado, um tanto hesitante por causa de sua nova aparência.

Negou com tanta insistência que uma de suas enxaquecas quase estourou.

— É a dama mais bonita da Inglaterra neste momento.

Milady aceitou com humor e teve que sair com a mesma pressa com que chegou. Permaneceu acordada até o retorno dela, depois da meia-noite, e iria atendê-la quando o senhor apareceu em seus aposentos. Como sempre, foi uma visita breve e, quando ela o viu sair, alguns minutos depois, seu rosto estava tão abatido que temeu que algo tivesse acontecido com sua senhora.

A achou muito séria e um tanto agitada.

— Não deveria ter se retirado? — lhe disse assim que a viu. — Eu mesma poderia ter me despido. Fiz isso sozinha durante toda a minha vida.

Doris não respondeu e começou a ajudá-la com aquele lindo vestido verde que ela não se lembrava de ter visto antes, enquanto olhava para sua senhora pelo canto do olho, tentando adivinhar que tristeza tomava conta de sua alma.

O relacionamento entre lady Dunwich e seu marido não era bom, apesar de terem acabado de se casar. Não precisava ser um vidente para descobrir isso. Ele a ignorava

completamente, e ela parecia um cervo no meio do salão de um palácio que não sabe o que fazer.

Tinha certeza de que o senhor, com o passar do tempo, perceberia a mulher maravilhosa que tinha ao seu lado, e a apreciaria como ela merecia, já que raramente havia encontrado alguém com um coração tão nobre quanto o de *milady*.

No entanto, havia algo que não entendia. Como um segredo, ou uma decisão antiga que conduzia os passos de sua senhora e a tornava imprevisível.

Naquela noite estava taciturna e mal trocou mais palavras do que o necessário. Mas quando estava prestes a ir para a cama, com os cabelos já penteados e a camisola vestida, se virou para ela e fez aquela estranha pergunta.

— Sabe onde fica Whitechapel?

Claro que sabia disso. Quem na Inglaterra não conhecia o bairro mais abjeto da capital? Mas ela não era ninguém para dar opinião.

— Fica a oeste, *milady*.

Roxanne duvidou, mas acabou indo até uma das gavetas da escrivaninha, abriu-a e tirou um pequeno pedaço de papel onde estavam escritas algumas cartas, que lhe estendeu para que a pegasse.

— Poderia descobrir discretamente se esse endereço existe?

A olhou. Sua senhora sabia que havia aprendido a ler e não havia reprovado. Nunca tinha ouvido o nome daquela rua, mas não lhe seria difícil descobrir sem se comprometer.

— Perguntarei ao porteiro do lado. Temos uma certa amizade.

Um sorriso conhecedor apareceu no rosto de sua senhora.

— Tem boa aparência?

Doris corou, mas conseguiu adotar uma expressão escandalizada que desmentia seu sorriso satisfeito.

— É um trabalhador.

Roxanne lhe agradeceu, não conseguiu reprimir um bocejo e foi em direção à cama.

— Descanse, não precisarei de você amanhã cedo.

Mas sua criada não saiu de onde estava, pois aquele mau presságio não lhe saía da cabeça.

— Posso perguntar por que precisa saber esse endereço?

Milady a olhou. Doris supôs que estava pensando se deveria repreendê-la por sua curiosidade, já que as decisões dos senhores nunca eram questionadas, mas um sorriso gentil apareceu em seu rosto.

— É possível que uma amiga minha more lá e eu quero visitá-la.

Naquele momento, poderia ter lhe dito que era uma péssima ideia. Que uma dama da posição dela nunca poderia pôr os pés num bairro como aquele, mas ela não o fez. Despediu-se com uma reverência e saiu do quarto em direção ao seu, onde havia passado uma noite ruim.

Ainda não havia amanhecido quando já conversava com Henry, o jovem porteiro da casa vizinha por quem tinha certa curiosidade. Isto confirmou as suas piores suspeitas: que aquela rua era a principal artéria de um bairro onde, lhe avisou, nenhuma mulher decente deveria pôr os pés.

Tampouco teve que pensar muito. Se conhecesse a sua senhora como acreditava, esta não hesitaria em ir visitar a sua amiga apesar das advertências. Então, como estava livre de manhã, decidiu fazer um avanço e poder assim dar a *lady* Dunwich indicações precisas.

Outro homem mal-encarado voltou a lhe interromper o passo, pedindo-lhe que tomasse vinho com ele, o que a trouxe à realidade de onde tinha se metido: uma rua tão lúgubre quanto mórbida, aberta em becos à direita e esquerda que eram tão obscuros e tenebrosos como a morte.

Conseguiu se livrar dele e continuou andando, com passo apressado, contando as casas e quarteirões para

localizar o endereço que procurava.

Tinha sido cuidadosa quando se tratava de se arrumar. Seu pior vestido, cheio de remendos, e um xale de lã tão amarrotado que ela não o usava para alimentar o fogo porque ainda aquecia seus pés nos meses mais frios.

Tinha uma teoria. Além de Whitechapel, o campo se abria. E era bem possível que a amiga de sua senhora morasse numa confortável casa de campo, rodeada de um agradável jardim, que começava a ser engolida por aquela cidade que crescia como uma erva daninha.

Mas ao olhar novamente para o tijolo que indicava o bairro e o quarteirão em que estava, percebeu que já havia passado, que a direção que procurava estava atrás dela.

Isso a surpreendeu.

A artéria lamacenta e sombria pela qual caminhava era tão infame que ninguém com um mínimo de dignidade poderia viver ali.

Olhou em volta. Felizmente, o dia estava claro e os transeuntes, que, embora infelizes, não pareciam particularmente perigosos. Refez os passos, tendo o cuidado de prestar atenção a cada indicação, até chegar ao local que aparecia no bilhete.

Ficou ali, olhando para a fachada à sua frente.

Não podia ser.

Vasculhou o bolso até encontrar o papel que sua senhora lhe dera e leu-o novamente, caso sua memória lhe falhasse. Sem dúvida, esse era o lugar. Não havia erro possível.

E só então percebeu que não deveria dizer nada a lady Dunwich, porque aquela casa era um bordel.

CAPÍTULO 14

Enquanto esperava, Roxanne dedicou-se a analisar aquela sala onde, com certa cautela, a criada lhe dissera para esperar enquanto *madame* terminava de atender “um amigo”, lhe pedindo desculpas pela desordem.

Estava decorado com indiscutível bom gosto, com tons claros e móveis simpáticos que certamente vinham de França, embora a confusão prevalecente e as garrafas e copos que ainda não tinham sido retirados indicassem que naquela sala se realizara há pouco tempo um encontro que as anáguas femininas jogadas no chão previam como tudo havia terminado.

Seguindo as instruções de *madame* Camille, naquela manhã voltou a casa dela para receber uma nova lição. Nessa ocasião, estava cheia de curiosidade, pois verificara por experiência própria que as instruções da cortesã estavam corretas.

Não lhe ficavam dúvidas, embora as suas visitas tivessem um objetivo muito diferente daquele que havia declarado.

Uma conversa no corredor imediatamente chamou sua atenção, pois a voz masculina...

Sentiu uma onda de calor inundando seu rosto. Levantou-se como se uma mola a obrigasse a fazê-lo e aproximou-se da porta dupla, mais com a intenção de não se deixar ver através dos vidros que a compunham do que de espiar pelo outro lado.

Encostada na parede, esperou enquanto sentia o coração acelerar, impulsionada pelo timbre que reconhecia naquela voz masculina. O homem estava muito perto, bem do outro lado, e se decidisse entrar na sala, a descobriria imediatamente.

Mas não foi assim. A voz afastou-se alguns passos e ela teve forças para olhar disfarçadamente através do vidro.

Adam, seu marido, estava ali, a poucos passos da porta, abotoando o colete enquanto a criada segurava a sobrecasaca escura.

Ele parecia mais terrível e atraente do que nunca, com seus olhos brilhantes, sua testa sempre franzida e uma careta amarga na boca.

— Não me dirá quem é? — perguntou a alguém que estava fora de sua vista.

— Sabe que não falo sobre meus clientes.

Era a voz de Camille, e ela parecia encantadoramente cansada. Ele franziu ainda mais as sobrancelhas, irritado.

— Pagará bem se me expulsar para atendê-lo.

— Ou me proporciona uma satisfação que não encontro com outros.

Ele fez uma careta sombria na qual não conseguiu encontrar significado.

— Isso foi cruel.

Roxanne viu a mão de Camille aparecer e pousar no rosto do seu marido. Ela viu como ele fechou os olhos e se deixou acariciar, gesto que lhe parecia impossível num homem tão mal-humorado.

— Você e eu somos amigos — disse *madame*. — Não precisa se preocupar com isso.

— Posso dobrar o preço que seu novo amigo lhe dá e ficar a manhã toda.

Houve um momento de silêncio que terminou quando ela tirou a mão.

— Rose, acompanhe o cavalheiro até a saída — indicou à moça, que fez uma reverência e o ajudou a vestir

a sobrecasaca. — Nos encontraremos outro dia.

Ele fez um aceno sombrio que denunciava seu desconforto.

— Espero que desfrute.

— O farei.

Novamente, um momento em que ele não se mexeu, como se esperasse um arrependimento de Camille, o que não ocorreu, até que Adam virou-se e seguiu em direção à saída.

Os passos determinados de Adam na direção oposta fizeram Roxanne correr para a mesma cadeira onde estava sentada, sentando-se no momento em que *madame* entrava na salinha.

— Me desculpe por tê-la deixado esperando.

Estava envolta em um elegante roupão chinês que se arrastava enquanto andava e deixava um ombro exposto. Roxanne conseguiu sorrir, apesar do constrangimento que sentiu naquele momento.

— Não tenho nada para fazer a não ser aborrecer-me.

— Como foi seu jantar?

— Estaria mentindo se lhe dissesse que não deu certo.

— E como foi?

Havia pensado nisso naquela manhã quando abriu os olhos e ficou na cama, fazendo planos para tudo o que faltava ser feito. O curioso de tudo isso é que Adam não abandonou seus pensamentos, e eles ficaram confusos, como se a determinação que a levara a dizer sim a um compromisso tão indesejável estivesse começando a ruir. Sorriu para que *madame* não repetisse suas inclinações.

— Acho que é a primeira vez desde que meu pai morreu que não me sinto invisível.

Camille sorriu, foi até uma das mesas cheia de taças e copos e pegou um que ainda continha um dedo de vinho. Mal o levou aos lábios, ainda olhando para a visitante.

— Vejo que aprendeu como deve colorir seu rosto.

Roxanne corou. Ela e Doris usaram as poucas pomadas que havia em casa para tentar imitar o excelente trabalho que as pupilas de *madame* haviam feito no dia anterior.

— Tenho muito que aprender — reconheceu.

A anfitriã não disse nada, mas notou o vestido branco que usava.

— Recebeu os trajes?

Roxanne assentiu.

— Esta manhã. São tão lindos.

— Investiguei discretamente. A costureira está encantada porque uma mulher da nobreza agora é sua cliente. Me disse que só lhe enviou os três que tinha disponíveis. Mas a senhora tem bom senso e deu-lhe indicações precisas do que deseja. Em algumas semanas lhe entregará o resto.

— Obrigada. Tanto o fato de tê-la me recomendado quanto a discrição em não revelar que nos conhecemos.

Com um delicioso cansaço, *madame* se deixou cair na poltrona. Ultimamente, Adam só queria conversar. Passavam horas abraçados e conversando, como velhos amigos em vez de amantes, o que era extraordinário em um homem com seu temperamento.

Camille colocou o copo sobre a mesa e incentivou-a a sentar-se mais perto, do outro lado do sofá. Ela o fez, sem perder o cuidado.

— Conseguiu interessar seu marido?

Duvidou.

— Não tenho certeza, mas consegui o evitar. Pelo menos por três dias.

Camille deu um sorriso satisfeito.

— O verás entre hoje e amanhã?

Roxanne encolheu os ombros.

— Meu marido é imprevisível.

— Faça questão de encontrá-lo. Descubra onde está indo e apareça inesperadamente, tornando uma

coincidência que chame a atenção dele.

Segui-lo? Adam Baxley não era exatamente um homem relaxado. Como a trataria se descobrisse que a mulher que detestava estava em seu encalço?

— Receio que meu marido não seja um homem agradável nem paciente — ela conseguiu dizer, sem ousar olhar para ela.

Madame incorporou-se para observá-la de perto.

— Não estou dizendo para falar com ele. Nem chegar perto. Digo-lhe para que se deixe ver.

Se deixar ver? Até a noite anterior ela tinha sido invisível para o marido. A menos que se vestisse de vermelho e dançasse na mesa da taverna com a saia levantada, Adam nunca prestaria atenção nela. A ideia a fez sorrir levemente, mas conseguiu se recompor imediatamente.

— Acredita que ele achará isso atraente? Já lhe disse que ele me odeia.

Madame Camille levantou-se com tanta elegância que parecia ter sido ajudada por anjos. Caminhou pela sala, arrastando o delicado roupão de seda, até encostar-se no mármore da lareira que ainda tinha brasas da noite anterior.

— Hoje falaremos sobre como se movimentar e como se comportar — lhe disse. Então a animou com um movimento de sua mão. — Mostre-me seus sapatos.

Demorou um pouco para Roxanne entender o que queria lhe dizer, mas finalmente levantou a saia do vestido e mostrou-lhe o sapato. Os olhos de *madame* pareciam horrorizados.

— Não tem salto.

Sua discípula não entendeu muito bem.

— Não estou acostumada.

Com um gesto cansado, *madame* tirou os dela e jogou-os na poltrona.

— Coloque-os e caminhe.

Não entendia nada, mas estava claro que tinha que obedecê-la. Tirou os sapatos, calçou os dela, surpreendendo-se ao ver que serviam como uma luva, e levantando-se fez o que lhe disse, andando de um lado para o outro, tentando manter o equilíbrio.

— O que percebe?

Pensou sobre isso por um momento.

— Dor nos pés.

Os lábios de Camille se curvaram em um sorriso, mas foi muito breve. Imediatamente, seu rosto sério voltou, como se estivessem discutindo a Trindade ou o mistério da Transubstanciação.

Caminhou pela sala como a vira fazer no dia anterior, quando lhe explicara como se vestir e como melhorar a aparência do rosto.

— O que nos torna invencíveis sempre envolve um processo doloroso — lhe disse, lentamente. — Observe que esses centímetros extras te obrigam a andar mais devagar, fazer o corpo balançar de um lado para o outro, projetar o busto e manter a cabeça erguida.

Roxanne olhou para os sapatos de salto alto e teve que concordar com ela.

— É verdade.

Madame a observou com curiosidade, com os olhos semicerrados e uma mão perto da boca.

— Imagine que eu sou o homem a quem ama.

Roxanne corou imediatamente.

— Meu coração não...

— Imagine. — Não lhe permitiu puritanismo. — E imagine como pode me seduzir sem nem me olhar.

Realmente não entendia o que estava lhe dizendo. Em sua vida isso era tão novo que nem imaginava que essa possibilidade existisse. Em Saint Mary, foi ensinada a ser obediente e a ceder aos desejos do marido, sem nunca tomar qualquer tipo de iniciativa.

— Não me ocorre nada.

Camille colocou de forma diferente.

— Pense em uma situação de vida ou morte. Se não conseguir conquistá-lo, haverá infortúnio. Está na sua mão. É a única que pode salvá-lo. E sem olhá-lo.

Pensou em seu pai. Teria feito qualquer coisa porque o resultado teria sido diferente. Fechou os olhos e imaginou aqueles dias sombrios, quando ela era apenas uma menina assustada diante de um abismo e de uma dor infinita.

Endireitou o pescoço, projetou o busto para a frente e ergueu o queixo. Conseguir que alguém a notasse era difícil, mas desejá-la era impossível. Ainda assim, tentou. Ergueu a mão e passou os dedos, como que por acaso, pela borda do decote, acariciando levemente a faixa de pele. Então lambeu os lábios, bem devagar, antes de mordê-los. Só então abriu os olhos e olhou para *madame* Camille com tanta intensidade que um sorriso triunfante apareceu na boca da anfitriã ao ir ao seu encontro.

Ela a pegou pelas mãos.

— Acho que tem um dom natural. Acertaremos os detalhes e, quando encontrar seu marido, colocará isso em prática.

CAPÍTULO 15

Adam olhou novamente para os camarotes, que estavam cada vez mais lotados. Os mesmos rostos de sempre, a mesma relutância apática daquelas damas e cavalheiros que se achavam o centro do universo sem perceber que eram tão miseráveis quanto ele mesmo.

Ele nem sabia o nome da peça que estavam assistindo. Havia sido coisa de Robert, insistindo que *lady* Diana iria ao teatro naquela noite e queria escandalizar a sóbria sociedade inglesa, seduzindo-a à vista de todos.

Por esse motivo convidou Adam. Seu novo status de homem casado o tornava respeitável, embora toda Londres soubesse que esse casamento não passava de uma farsa.

— Se sorrisse, tudo seria mais fácil — apontou ao amigo, que demonstrou a mais absoluta indiferença confortavelmente sentado no camarote que os Carlisle tinham no Teatro Real.

— Nunca se preocupou com algo assim antes — ele respondeu relutantemente enquanto seus olhos examinavam outra fileira de assentos, procurando por algo interessante.

— Mas agora você é um bom homem — ele disse sarcasticamente — e deve corresponder às expectativas, querido.

O sorriso cínico no rosto de Adam foi imediato.

Se conheciam desde sempre, embora só nos últimos anos tenham fortalecido a amizade.

Como membros destacados de famílias proeminentes, tinham as suas obrigações, e talvez o que os unia fosse o empenho de ambos em evitá-las.

Adam detectou movimento em um dos camarotes em frente e sua boca se torceu em uma careta.

— Acaba de chegar.

Robert seguiu seu olhar e descobriu *lady* Diana, mais bela do que nunca, sentada ao lado de uma mulher que deveria ser parente e que parecia um cão de caça, de olho em quem se aproximava dela.

— Não acha ela linda?

Adam a estudou sem muito interesse.

— Não mais do que outras de suas amigas.

— Mas esta tem a atração da pureza.

— E você o aliciante da corrupção.

Nenhum deles se sentiu ofendido com o conteúdo da conversa. No Clube dos Cavalheiros Piedosos, Costumavam enfrentar suas conquistas ou a falta delas de maneira ainda mais audaciosa.

Robert suspirou. Quando pensava que estava apaixonado, Adam parecia insuportável.

— Insisto, desde que se casou, ficou chato, apesar de que a nova *lady* Dunwich é muito mais bonita do que você nos contou.

As sobrancelhas de seu amigo franziram ainda mais.

Desde o jantar na casa de *lady* Albyn, havia pensado nela de vez em quando. Tinha que admitir que também o surpreendera, e não apenas porque a aparência dela se tornara misteriosamente deliciosa, mas por outra coisa que não entendia completamente. Talvez fosse a maneira como ela se comportava, ou o tom que sua voz adquiria quando lhe pediam uma opinião, ou a maneira como o ignorava, porque não conseguia se lembrar de uma única vez em que pudesse ter encontrado o olhar dela.

— Não responde? — A voz martelante de seu amigo soou novamente.

Ele rosnou, mas sabia que era impossível fazer com que lhe desse alguns minutos de paz.

— Prefiro que conversemos sobre outra coisa.

— Camille.

A forma como o disse lhe indicou que sabia de algo que ele ignorava.

Se virou na cadeira para encará-lo. A expressão de Robert era muito angelical. Sinal inequívoco de que estava tramando alguma coisa.

— O que acontece com ela?

Seu amigo olhou para ambos os lados, como se na privacidade do camarote privado pudessem ser ouvidos. E quando falou, ele o fez calmamente.

— Dizem que está vendo alguém.

As sobrancelhas de Adam ergueram-se de surpresa.

— O que você sabe sobre isso?

— Algo grandioso.

Mas não mostrou sinais de querer lhe contar.

Adam se aproximou dele, até que falou em seu ouvido.

— Terei que arrancar isso de você?

Certa vez, eles brigaram e Robert ficou em pior situação. Relaxou em sua cadeira e serviu-se de uma taça de vinho.

— Dizem que Camille está saindo com uma mulher.

Adam piscou. Mesmo que só conversassem quando estavam juntos atualmente, ela ainda era a única pessoa com quem ele se sentia bem, o que não deixava de ser extraordinário.

— Isso é um absurdo — exclamou.

Robert soltou um suspiro teatral, como se estivesse cansado de ter que dar tantas explicações.

— Dizem que é uma dama da nobreza. Aparentemente, solicitou seus serviços e deve pagá-la bem porque a recebe quase diariamente.

Sem dúvida, estava falando sobre o *cliente especial*, porque nas duas últimas vezes ele precisou conversar...

— Quer dizer que Camille...?

— Isso mesmo — seu amigo sorriu, satisfeito. — O que a torna ainda mais deliciosa.

Isso não fazia sentido. Camille seria sua esposa naquele momento se seu pai não tivesse insistido em encobrir as aparências. Amava-o como ao mais terno de seus amigos, tinha certeza. Como pôde esquecê-lo tão cedo? E menos ainda por outra mulher.

Ele voltou os olhos para os camarotes. A maioria deles já estava ocupado, e *lady* Diana parecia ser o centro das atenções da noite. Sorriu. Pelo menos poderia se vingar de Robert.

— Temo que o Conde de Aston esteja levando a melhor sobre você.

Seu amigo olhou na mesma direção e seu rosto ficou vermelho. A deliciosa donzela estava flertando descaradamente com aquele panaca, e diante de todo mundo. Aquilo era o mais escandaloso, o que o tornava perversamente delicioso.

— Maldito! — rugiu. — Quem o convidou para seu camarote?

— É possível que ela mesma porque se cansou de você. Leva demasiado tempo flertando com ela, e é conhecida a tua afeição por outras mulheres.

A dignidade iluminou o rosto de Robert.

— Está insinuando que sou reprovável?

— Absolutamente reprovável.

Uma expressão de descontentamento no rosto do amigo quase trouxe um sorriso ao rosto de Adam, o que teria sido algo extraordinário. Robert ajustou o colete e olhou para o concorrente.

— Acha que sua esposa me ajudará a entreter aquele rufião? Posso dizer que quer apresentar seus cumprimentos, já que poucos a conhecem ainda.

Novamente com o mesmo refrão! Às vezes ficava insuportável.

— Pare de brincar — ele disse de mau humor.

Robert piscou várias vezes e apontou discretamente.

— Está ali. Não a viu? Com *lady* Albyn.

Irritado com a zombaria, Adam seguiu o olhar dele e, quando a viu, seu queixo caiu sem querer.

Roxanne estava bem do outro lado, em um dos camarotes mais próximos do palco, um que ele conhecia bem. Ela estava usando um vestido amarelo bem claro que realçava seu tom de pele e pouquíssimas joias, como havia usado no jantar de sua atual anfitriã. Naquele momento, as duas conversavam com uma camaradagem identificável mesmo à distância.

Ele arrancou o binóculo das mãos de Robert e focou-o nela. Tinha que admitir que ela estava muito bonita e, ou ainda não o tinha visto, ou decidiu ignorá-lo naquela noite também.

Roxanne colocou a mão no pescoço e acariciou levemente a área de pele sob o lóbulo da orelha, em círculos delicados, muito lentamente. Era um gesto muito simples, quase imperceptível, mas que fez o sangue dele fluir mais rápido nas veias. Engoliu em seco e se concentrou na boca dela. Seus lábios suculentos estavam molhados, e ele ficou fascinado pela maneira como ela os mantinha ligeiramente abertos, provocativamente, como se emitissem o gemido final de um encontro amoroso.

— Parece que não nos viu — murmurou Robert, alheio ao desconforto que crescia no coração do amigo. — Por que não me disse que ela viria?

Adam jogou o binóculo no assento vazio e levantou-se.

— Não saia daqui.

Dirigiu-se à porta do camarote, o que fez com que o seu companheiro de crime levantasse uma mão, confuso.

— Tenho que visitar *lady* Diana para lhe dizer...

Mas Adam, tão sério que parecia ter saído de um ambiente de luto, não permitiu que ele terminasse.

— Quando eu voltar. Tenho que falar com minha esposa.

Ele atravessou os corredores do teatro com um humor tão revoltado que não conseguia entender. Isso devia ser completamente indiferente para ele. Devia até ter se sentido aliviado porque a mulher com quem foi ordenado a se casar encontrou um entretenimento que deixava o terreno livre para ele. Mas não era assim.

Imediatamente localizou o camarote de *milady*. Já havia sido convidado muitas vezes, até em uma delas desfrutou dos prazeres ocultos de uma das acompanhantes enquanto uma soprano esganiçava no palco. Entrou sem bater, mas fechou mais forte do que esperava, fazendo com que a anfitriã o notasse.

— Querido, que surpresa agradável.

Roxanne nem se preocupou em olhar para ele. Isso o perturbou ainda mais, mas teve a coragem de fazer uma careta que pretendia ser um sorriso.

— Me desculpe, *milady*? Tenho que conversar algo com *lady* Dunwich.

Então ela virou a cabeça, mas havia a mais absoluta indiferença em seus olhos. Estendeu a mão para ela, tão expectante quanto cheio de urgência. Ela pensou em ignorá-lo, mas desafiar um marido com a melhor aparência de Londres seria o assunto da noite, então sorriu friamente, levantou-se e o acompanhou até o outro lado da cortina que separava os assentos da sala dentro do camarote.

A voz áspera de Adam foi imediata.

— O que faz aqui?

Ela não vacilou. Ou, pelo menos, dava a impressão de que não, porque dentro do peito seu coração batia numa velocidade diabólica.

— Me deu permissão para ir... — agiu como se estivesse tentando se lembrar — acho que disse inclusive

até o inferno.

Então era assim. O que ele nunca imaginou foi que sua apática esposa houvesse aceitado um convite de *milady*. Ou havia sido ela mesma quem lhe escreveu convidando-se?

Ele a olhou, tentando intimidá-la, mas não viu nenhum sinal de medo nos olhos da mulher.

Tinha que admitir que ela era uma beleza. Como não percebeu antes? Se sabia alguma coisa, era sobre mulheres e beleza. Mas Roxanne parecia ter florescido nos últimos dias, e quando ela passou a língua levemente pelos lábios, ele sentiu uma pontada na virilha.

Ele pigarreou, para afastar aqueles pensamentos.

— Não conhecia esse vestido.

Ela bufou de impaciência, como se aquela conversa a tivesse deixado cansada, o que o deixou ainda mais irritado. Roxanne estava de frente para a galeria e lançou um olhar ansioso naquela direção.

— Acho que seu amigo está te chamando.

Adam olhou para onde seus olhos estavam fixos e viu Robert, que agitava um lenço para ser visto do outro lado do palco.

Inoportuno!

Ele a olhou novamente. De repente, tinha vontade de beijá-la. Como isso era possível? Ele balançou sua cabeça.

— Esta noite voltaremos para casa juntos — ele ordenou.

Ela não parecia nem um pouco chateada, embora apertasse as mãos para que ele não percebesse que ela estava tremendo.

— *Lady Albyn* insistiu em me levar em sua carruagem, então não precisa se preocupar.

Ele franziu ainda mais o cenho.

— Voltará comigo, não se fala mais nisso.

E dirigiu-se para a porta do camarote, sem cumprir a formalidade de se despedir da anfitriã. Quando estava

prestes a sair, a voz de sua esposa o deteve.

— Adam.

Ele se virou, pronto para qualquer coisa, mas quando a olhou, quando viu seus lindos olhos esverdeados e a forma arredondada de sua boca, algo dentro dele quebrou, como uma cara porcelana chinesa.

— Sim? — pode articular.

Roxanne sustentou o seu olhar e ele teve certeza de que o tempo havia parado, pois quando ela falou novamente, parecia que séculos haviam se passado.

— Me desagrada tanto como eu a você — disse a voz calma de sua mulher — então não é necessário que queira parecer educado.

E dando meia-volta, voltou ao seu assento, deixando-o perplexo.

CAPÍTULO 16

Durante toda a apresentação, os olhos de Adam Baxley dispararam inquietos em direção ao camarote de *lady* Albyn.

Sua habitual indolência havia se transformado em uma espécie de inquietação, mantendo-se com os braços e pernas cruzados, mais atento ao que acontecia do outro lado da plateia do que ao que ocorria no palco.

Robert, novamente ao seu lado, estava encantado, pois *lady* Diana o havia atendido de maneira muito gentil e eles haviam brincado com algo delicioso, escondidos atrás da parede do camarote. Para Adam, aquilo era indiferente, pois tudo o que ocupava sua atenção era sua esposa.

"Como é possível?" Ele se repreendeu enquanto jurava que nunca mais a olharia para, em seguida, a procurar com os olhos para ficar ainda mais irritado consigo mesmo.

Roxanne parecia uma pessoa completamente diferente e, claro, muito mais emocionante. A timidez havia desaparecido e se relacionava com aqueles que vinham ao camarote para apresentar seus cumprimentos com absoluta naturalidade, tanto que, quando um cavalheiro se sentou na poltrona ao lado e mantiveram uma conversa cheia de sorrisos languidos, ele quase foi atrás dela para pedir uma satisfação.

Ele mesmo percebeu o quão absurdo tudo aquilo era, pois poucas semanas antes ele a desprezava a tal ponto que qualquer coisa relacionada a ela lhe causava rejeição.

A nova atitude de Robert não passou despercebida e um sorriso travesso apareceu em seus lábios antes de falar.

— Acha que Arnaldo alcançará seu objetivo?

Adam o olhou como se tivesse acabado de perguntar qual era o nome do pico mais alto da Inglaterra.

— Quem?

Uma das sobrancelhas de Robert ergueu-se, com óbvio cinismo.

— Arnaldo — respondeu, como se fosse algo óbvio —, o protagonista da peça que está sendo encenada e à qual você parece interessado.

Uma careta de consternação formou-se na boca de Adam. A verdade é que quando ele olhava para o palco não era para ver o que estava acontecendo nele, mas para ficar com raiva de si mesmo por querer olhar novamente para sua esposa, o que acontecia em seguida. Ele grunhiu e descruzou os braços e as pernas, e imediatamente os cruzou novamente.

— Sim, suponho.

O sorriso floresceu mais uma vez no rosto do amigo, que parecia encantado com a transformação que ocorria nele. Decidiu dar um passo adiante.

— *Lady Dunwich* está especialmente bonita esta noite.

Adam rosnou novamente, mas não o olhou.

— Não percebi.

— Pois não deixa de admirá-la.

Alguém no camarote ao lado ordenou que fizessem silêncio, o que ambos ignoraram. Adam mexeu-se novamente, inquieto, e quando se dirigiu ao seu companheiro, o fez em voz baixa, não sem raiva.

— Apenas defendendo a minha honra — se salvaguardou.

— Este teatro está cheio de sanguessugas cujo único objetivo é comprometer uma mulher casada.

— Como você e eu.

Adam não respondeu. No passado, ele teria concordado, pois entre seus entretenimentos mais comuns

estava disputar quem poderia arruinar a reputação de tal ou qual dama. Mas, nos últimos dias, não estava nem para brincadeiras nem para jogos, algo que ele não conseguia explicar.

Diante do silêncio do amigo, Robert voltou à provocar.

— De repente, parece muito interessado em sua esposa.

Um bufo parecido com uma risada sarcástica irrompeu dos lábios de Adam, provocando mais assobios nos camarotes vizinhos.

— Isso é absurdo e de mau gosto — respondeu. — Você sabe que entre nós foi apenas uma transação comercial.

— Bem, você não consegue parar de olhar para ela.

Os aplausos do público o salvaram de responder. A peça havia terminado e pelo barulho devia ter sido uma boa apresentação.

Adam ficou grato. Precisava sair dali o mais rápido possível, embora primeiro levaria sua mulher.

Ele se levantou e ajeitou a sobrecasaca.

— Te deixo. *Lady Dunwich* me pediu para levá-la para casa.

Novamente, uma sobrancelha levantada no rosto de Robert.

— E você simplesmente concordou?

— Sou um homem honrado — ele procurou o chapéu, mas não o colocou. — Cumpro minhas obrigações.

Sem esperar para se despedir, ele saiu do camarote e atravessou os corredores que começavam a se encher a caminho da área reservada de *lady* Albyn. Ele precisava chegar antes que partissem, então apressou o passo e evitou os cumprimentos de cortesia.

Quando abriu a porta que dava para lá, encontrou uma multidão que tinha vindo apresentar seus cumprimentos e possivelmente se interessar por quem era

a dama que dividia o assento com uma das mulheres mais influentes da sociedade londrina.

Adam a viu assim que entrou.

Roxanne estava de perfil, com um braço pendurado em todo o seu comprimento e uma mão apoiada no busto, onde o polegar acariciava suavemente a linha acentuada que separava seus seios. Teve que engolir em seco e esboçar algo semelhante a um sorriso para ter forças para parar de observá-la.

A anfitriã o descobriu imediatamente.

— Adam! — o convidou. — Um grupo de amigos se reunirá na minha casa. Haverá música.

Ao ouvir o nome dele, Roxanne o olhou e, por um segundo, seus olhos se encontraram. O que ele sentiu era difícil de explicar, como se algo etéreo tivesse explodido ali, em seu peito, para espalhar seu germe por todos os cantos do seu corpo. Foi tão intenso que quase pensou que iria tropeçar, mas teve força suficiente para desviar o olhar.

Engoliu em seco e se recompôs para responder à anfitriã.

— *Lady* Dunwich está cansada. É minha obrigação acompanhá-la até em casa.

Milady ficou boquiaberta.

— Mas se há pouco me disse...

Foi Roxanne quem interveio, pois não permitiria que se formasse uma cena.

— De repente estou exausta — suspirou. — Nos veremos amanhã.

A anfitriã manifestou o seu pesar, tal como alguns dos presentes, que desejavam conhecer a futura condessa. Adam foi tão amável quanto podia, embora sua expressão continuasse carrancuda o tempo todo, e Roxanne foi tão cortês que todos tiveram que elogiá-la.

Ele lhe estendeu o braço e juntos caminharam pelos corredores do teatro sem trocar uma palavra.

Roxanne conhecia bem os olhares de admiração que recebiam quando passavam. Adam era um homem muito atraente e, aparentemente, os ensinamentos de *madame* conseguiram que ela deixasse de ser invisível.

Quando chegaram à carruagem, o laçao desdobrou a escada e o marido não a soltou até que ela estivesse dentro.

Uma vez acomodados, o cocheiro chicoteou os cavalos e a carruagem começou a avançar.

Nenhum dos dois fez menção de se olhar, como se do outro lado da janela estivesse acontecendo o espetáculo mais maravilhoso do mundo. Os segundos e minutos passaram, e apenas o pigarro de Adam indicou que ele tinha algo a dizer.

— Meus pais virão jantar conosco amanhã.

Ela o olhou, desconfortável, embora tivesse que admitir que o perfil dele lhe causava uma estranha cócega no estômago.

— Amanhã? Combinei encontrar-me com *lady* Albyn.

Ele não a olhou.

— Saberá se desculpar.

Sua resposta a enfureceu. Ele deixou claro que não queria nada com ela. Por que agora esse interesse em jantarem juntos? Além disso, no dia seguinte tinha outros planos que a ajudariam a desmascarar esse canalha que estava sentado ao seu lado.

Não conseguiu suprimir uma resposta afiada.

— Me interrogarão como da última vez que vi minha querida sogra?

Então, ele virou a cabeça para fixar seus olhos nos dela. Mais precisamente em sua boca, que de repente parecia a coisa mais deliciosa do mundo, e ele teve que se concentrar em seu olhar para não cometer uma loucura.

— Sim, podem fazer perguntas desconfortáveis — respondeu.

— Não estou acostumada a mentir e é algo que não gosto.

— Não precisa mentir.

— Mas se me perguntar sobre a nossa noite de núpcias ou sobre a consumação do nosso casamento...

O sorriso que se formou nos lábios de Adam causou-lhe um arrepio que percorreu sua espinha.

—Resolveremos isso assim que chegarmos em casa.

CAPÍTULO 17

Quando a porta se fechou atrás deles, os dois ficaram olhando um para o outro. A expressão de Adam era sombria. A de Roxanne tentando não demonstrar as sensações conflitantes que agitavam seu peito.

A última frase que o marido pronunciou durante o trajeto do teatro até a mansão da família estava cheia de significado. Ela tinha tentado desviar a conversa para o mais absoluto silêncio, mas quando ele a havia seguido até seus aposentos e dispensado os criados, ela sabia que a hora terrível tinha chegado, e não tinha mais desculpas para evitá-la.

Foi então que Doris apareceu, entrando sem bater como sempre fazia. Mas ao ver seus senhores naquela situação tensa, ele bem perto da porta e ela quase se abrigoando atrás da penteadeira, parou e fez uma reverência.

— A senhora quer que a ajude a se despir?

Roxanne lhe lançou um olhar suplicante, pois o homem que estava a poucos passos de distância causava-lhe tanto pavor que só de pensar que teriam que ficar sozinhos novamente fazia um arrepio percorrer sua espinha, enquanto uma sensação desconhecida se aninhava na boca de seu estômago.

Doris não ignorou o pedido silencioso de sua senhora e tentou ajudá-la dentro de suas possibilidades.

— *Milady*, está muito pálida. Deveria ir para a cama o mais rápido possível. Pedirei um copo de leite quente.

E ela ia ajudá-la a se despir quando lorde Dunwich levantou a mão para detê-la.

— Nos deixe sozinhos. Ajudarei minha esposa no que ela precisar.

As duas mulheres trocaram outro olhar preocupado, até que Roxanne fez um gesto para que obedecesse, pois não havia outras opções.

Preocupada, a criada saiu do quarto, deixando-os novamente sozinhos.

Roxanne se apoiou na penteadeira para ganhar forças, e ergueu a cabeça tentando aparentar ter um controle sobre si mesma que não sentia.

— E agora, o que?

Ele não se moveu de onde estava. Seu olhar, fixo nela, a perfurou como uma lança, afundando em algum lugar que a fez estremecer.

— Temos obrigações a cumprir — respondeu ele com voz rouca.

Sim, havia chegado a hora. Se tivesse sorte, seria tão breve quanto a noite de núpcias, tão aterrorizante quanto aquele dia.

— Quer que eu tire a roupa? — perguntou algo óbvio.

A careta que o marido fez poderia ter sido um sorriso torto, mas causou-lhe outro arrepio.

— Não.

Roxanne não conseguiu entender aquela recusa.

— Então?

Como resposta, Adam foi até ela, bem devagar, sem tirar os olhos do triângulo que suas pupilas formavam com sua boca. O tremor foi acentuado, especialmente quando ele parou tão perto que suas saias roçaram seus joelhos e seu pescoço recebeu sua respiração como uma chama ardente.

Não se mexeu. Também não desviou o olhar. Se aquela fosse a noite da destruição, queria comportar-se com dignidade, para que o seu pai, onde quer que estivesse, se

sentisse orgulhoso da forma como se comportou durante o seu martírio.

Adam se aproximou muito devagar, muito lentamente, e seus lábios se impactaram de uma forma tão delicada que Roxanne achou que não era possível, que esse jeito de se comportar não fazia parte do caráter rebelde daquele canalha.

O leve contato foi se acentuando aos poucos. Os lábios de Adam percorreram cuidadosamente sobre os dela enquanto seu peito subia tanto que ela não tinha certeza se seria capaz de suportar essa humilhação.

Quando a língua do homem os umedeceu lentamente, Roxanne fechou os olhos porque acabara de sentir um arrepio em um lugar abaixo da barriga que desencadeou um gemido involuntário.

Uma das mãos de Adam pousou em seu quadril e a outra percorreu suas costas com a mesma lentidão com que tudo se desenvolvia, até parar bem perto de seu pescoço, tão perto que um novo arrepio a percorreu.

Então se perguntou se essa seria a terrível obrigação de que lhe contaram em Saint Mary, aquela a que toda esposa era obrigada a se submeter, e ficou surpresa ao perceber que no seu caso causava sensações que não eram de todo desagradáveis.

Quando ele a puxou para mais perto e a segurou nos braços, ajustando ainda mais a boca e saboreando a delícia de seus lábios, Roxanne descobriu que não conseguia impedi-lo. Que não queria fazer isso.

Ela se entregou sem reservas, ao mesmo tempo em que percebia que esse abandono tornava o marido mais apaixonado, que parecia querer abarcar cada pedacinho de seu corpo nas mãos, enquanto sua boca não parava de beijá-la.

As sensações de Roxanne continuaram a atordoá-la. Esperava algo repulsivo, humilhante, aterrorizante. Mas o que sentia estava longe de poder ser chamado assim. Com

aquele beijo, seus lábios latejavam a tal ponto que precisou implorar para que continuasse. Sob a carícia de suas mãos, seu corpo vibrava, fazendo mil partículas de prazer percorrerem sua pele como vaga-lumes em uma noite escura, o contato do corpo masculino contra o dela, as formas duras e profanas contra seus ossos e músculos tornaram-se em uma barreira deliciosa que estava pronta para ser derrubada se essas emoções agradáveis aumentassem.

Quando a mão de Adam puxou sua saia para cima, ela concluiu que não estava pronta para suportar o prazer. E quando os dedos masculinos sábios e treinados acariciaram suavemente a pele interna de suas coxas, uma série de gemidos escapou de sua boca, colidindo diretamente contra a dele, fazendo-o excitar-se ainda mais.

Os dedos experientes do cavalheiro subiram, com uma decisão tão firme que era inalienável, e quando tocaram levemente sua intimidade, quando um deles acariciou a abertura inflamada, tentando verificar se ela estava disposta, Roxanne abriu os olhos, sem conseguir entender o que era aquilo que sentia. Como era possível que existisse uma sensação tão deliciosa? Porque uma manada de formigas rastejava sobre sua pele e um fogo desconhecido a queimava por dentro.

As reações de Roxanne não deixaram Adam indiferente.

Tinha estado com muitas mulheres, mas aquela maneira de entregar-se, a forma em que se surpreendia, e a expressão deliciosa de seu rosto, faziam que um ardor desconhecido lhe acendesse, a tal ponto que se sentia incapaz de parar.

Como isso era possível? Ele devia detestado essa mulher e, na noite de núpcias, sentiu-se incapaz de cumprir o seu dever. Por que se sentia assim então? Inflamado, ansioso por seu corpo e escravo das sensações que essa fêmea lhe causava.

Teve que desviar o olhar porque tinha medo de que sua boca dissesse palavras das quais se arrependeria, e enquanto levantava a saia dela com uma mão, com a outra desabotoou o botão da calça e a deixou cair, apesar de que sua ereção tornou difícil fazê-lo.

Era seu direito, possuí-la sem explicação, mas uma expressão de súplica apareceu em seus olhos, o que Roxanne entendeu como um pedido de permissão para continuar.

Ela assentiu, não porque soubesse o que iria acontecer, mas porque se sentia incapaz de afastar aquele prazer de seu corpo e o sabor da boca masculina de seus lábios.

Com um cuidado difícil de controlar devido à paixão que o dominava, Adam levou seu membro totalmente expandido para a abertura molhada de Roxanne, acentuando a paixão do beijo enquanto insistia, apertando os quadris e procurando uma maneira de entrar nela sem lhe causar dor.

Ela percebeu a pressão em seu estômago, que por um momento a desorientou e decidiu focar naquele beijo delicioso que a prendia. Essa insistência se transformou em um leve desconforto, depois se tornou doloroso e ela acabou se sentindo como se estivesse sendo esfaqueada.

Ela abriu os olhos, assustada, mas encontrou o olhar atento de Adam, e quando um doce sorriso floresceu nos lábios do homem, ela ficou tão surpresa que a dor lancinante desapareceu, liquefazendo-se como a neve na primavera, até que a sensação começou a ser deliciosa.

Um sorriso. Era a primeira vez que via tal maravilha desde que eram crianças. O rosto de Adam se transformou em algo lindo, digno e cheio de compaixão. Sentiu seus olhos brilharem, que uma emoção desconhecida a dominou, mas o movimento contínuo dentro dela, a insistência, diluía qualquer outro sentimento que não fosse o prazer desenfreado. Tanto que perdeu a consciência de onde

estava e teve que fechar os olhos para se concentrar apenas em desfrutar.

Enquanto a fazia dele, Adam não conseguia parar de olhar para ela. A menina tímida e assustada era absolutamente devotada a ele com uma naturalidade e confiança que não o deixava indiferente.

Desfrutava daquela expressão de prazer que suas feições expressavam e se sentiu tão motivado a satisfazê-la que por um momento parou de pensar nisso e estabeleceu como objetivo encontrar uma maneira de tornar o prazer que lhe proporcionava mais intenso, mais avassalador.

Soube que estava satisfeita quando um gemido baixo e delicioso escapou de sua boca enquanto aquele corpo divino estremecia entre seus lábios.

Essa constatação foi tão reveladora que ele não aguentou mais um momento e se derramou nela, como uma represa que não consegue resistir ao ataque das águas.

O prazer foi maravilhoso. Ele não conseguia se lembrar de ter sentido algo assim, nem mesmo quando estava entre as coxas de Camille.

Abraçando-a, ele deixou tudo fluir e a sensação que queimava sua pele e seu interior desapareceu.

Quando finalmente conseguiu abrir os olhos, encontrou os de Roxanne, que o olhava tão surpreso como se ele tivesse acabado de voltar dos mortos.

Mas uma certa ideia aninhava-se na mente de Adam naquele preciso momento: ela era filha de lorde Blyton, e essa intimidade não deveria ser repetida.

Ele se afastou, tentando recuperar sua indiferença.

De agora em diante, cumpriria seu dever evitando a paixão. Sim. É assim que deveria ser.

Ele arrumou a roupa enquanto ela deixava cair a saia e, sem a olhar, saiu do quarto da esposa, censurando-se por não ter sabido se conter.

CAPÍTULO 18

Adam olhou para a porta enquanto um lacaio servia vinho em sua taça.

— Parece que a pontualidade também não é uma das qualidades da sua esposa — retrucou a mãe com sua acidez habitual.

O comentário o incomodou, mas ele não soube por quê. Tomou um longo gole antes de responder.

— Alguma coisa deve tê-la impedido.

— Você a defende? — seu pai, o conde, ficou surpreso.

— De jeito nenhum — teve que responder apressadamente. — Apenas constato um fato.

A verdade é que ele não se sentia confortável com as constantes acusações dos pais sobre o comportamento de Roxanne. Os mesmos que o forçaram a se casar com ela.

Como sempre, chegaram pontualmente e, embora Adam insistisse que permanecessem na sala de estar até que sua esposa se juntasse a eles, lorde Dunwich foi inflexível: nunca havia almoçado depois do meio-dia e não faria isso por uma jovem que não conhecia as regras mínimas de cortesia. Assim, haviam entrado na sala de jantar e aguardavam apenas os pratos começarem a ser servidos.

O que aconteceu na noite anterior não conseguia sair da sua cabeça. Poderia ter culpado o vinho, mas só tomou algumas taças. O que havia sido então? Por que ele desejou tão brutalmente uma mulher que detestava? E, acima de

tudo..., por que havia sentido aquela ternura por alguém que só lhe causava rejeição?

A porta se abriu e Roxanne apareceu na sala de jantar, com o rosto vermelho pela pressa.

— Desculpe-me pelo atraso.

O conde usou seu monóculo para olhá-la de cima a baixo.

— Não lhe ensinaram boas maneiras em Saint Mary?

Roxanne apressou-se em sentar-se na cadeira que outro laçao já havia puxado para ela e desdobrou o guardanapo para colocá-lo sobre o colo.

— *Lady* Albyn veio me visitar esta manhã e insistiu que a acompanhasse à costureira — explicou, buscando a indulgência dos sogros, o que não iria acontecer. — Parecia indelicado abandoná-la sem mais e presumi que minha família saberia como me desculpar.

A provocação não passou despercebida, mas nem o conde nem a condessa responderam, pois não deixaram de se surpreender com o fato de uma das damas mais influentes da Corte ter vindo elogiar aquela sonsa sem educação, a quem salvaram de uma vida miserável.

Como parecia ser habitual, em nenhum momento trocou um olhar com Adam, como se ele não estivesse ali, na frente dela, como se não existisse.

Ele, por sua vez, sentiu novamente aquela estranha sensação ao vê-la aparecer apressada.

Estava usando um vestido de musselina branco muito simples que lhe caía muito bem. Seu cabelo estava enfeitado com pequenas flores brancas e usava apenas discretos brincos de pérola. O corte do vestido era primoroso e o tamanho do decote na medida certa para dar asas à imaginação sem ser indecente. Adam teve que desviar o olhar dali e voltar para o prato, onde o criado acabara de lhe servir codornas.

A condessa, perspicaz como sempre, estreitou os olhos para analisar a nora e uma carranca de desgosto

formou-se em seus lábios.

— Parece diferente.

Roxanne minimizou porque não conseguia explicar.

— Não acredito.

Sua sogra estava prestes a continuar quando o conde interveio.

— Como vai tua vida de casada?

Só então olhou para o Adam, e descobriu que os seus olhos estavam cravados nela. Sentiu outra vez aquela sensação sufocante que até a noite anterior havia identificado com o terror, mas sobre a qual começava a ter sérias dúvidas.

Desviou o olhar imediatamente para olhar para o sogro com um sorriso falso nos lábios.

— Não poderia estar mais feliz.

A resposta pareceu agradá-lo.

— Não se acostume com isso — acrescentou. — Sentiria falta.

Isso a surpreendeu. Ela olhou novamente para o marido, mas ele a evitou, concentrando-se no prato.

— O que quer dizer?

O conde e a condessa trocaram olhares antes de ele responder.

— Só que Londres é exaustiva — minimizou — e uma mulher em estado de boa esperança precisa de calma.

Estado? Ela e Adam só estiveram juntos na noite anterior. Tão rápido era isso?

— Continuo sem entender.

Lorde Dunwich tentou não ficar exasperado. Não estava acostumado a ter suas opiniões questionadas, especialmente por uma mulher.

— Minha esposa me disse que o casamento foi felizmente consumado — atacou. — Posso prever isso repetidamente?

Roxanne se sentiu desconfortável. Ela não estava acostumada a falar sobre sua vida íntima, especialmente

daquela maneira e em volta da mesa. Seu pai dizia que o que acontecia num quarto só dizia respeito a quem estava lá dentro. Nunca entendeu o que isso poderia significar, mas na noite anterior, quando ela e Adam fizeram... isso, de repente assumiu um significado.

Adam pareceu notar seu desconforto e veio em seu auxílio.

— Não precisa se preocupar com isso, pai.

O conde ergueu a mão pedindo mais vinho.

— Nós, Dunwich, somos férteis. Sua mãe engravidou na noite de núpcias e em quatro anos colocamos três filhos no mundo — dirigiu-se à nora. — Está fazendo todos os esforços possíveis?

Adam jogou o guardanapo sobre a mesa.

— Vamos parar de incomodar minha esposa.

A condessa fez uma cara de surpresa tão grande que não havia dúvida de que era fingida.

— Que extraordinário! Adam Baxley preocupado com alguém que não seja ele mesmo.

Sempre tinha sido assim. Ou um ou outro duvidavam dele e sua maneira de corresponder-lhes era fazer o possível para que tivessem razão. Voltou a olhar para Roxanne de canto de olho, mas ela parecia alheia à conversa e estava centrada no conteúdo de seu prato, que ainda não tinha tocado.

Decidiu mudar o rumo da conversa. Falar sobre algo que não era uma exigência ou uma ordem.

— Que planos tem para hoje, pai? Lorde Atembrough está vendendo uma égua que gostaria de lhe mostrar.

O conde respondeu sem olhar para ele.

— Vou a um leilão. Claridon Cottage será vendido a preço de banana com todos os seus pertences.

Roxanne ergueu a cabeça e olhou para o sogro com os olhos arregalados.

— Claridon Cottage?

O conde descartou o assunto com um aceno de mão.

— Sim. Uma das propriedades de seu pai. Uma das poucas que ainda faltam saldar. Dizem que tem um preço ridículo. Se sim, aposto nela. A casa não vale nada, mas o terreno é fértil. Pode-se demolir e dedicar cada hectare à cultura de grão.

O rosto de Roxanne ficou pálido. Teve que deixar o garfo sobre a mesa para que o tremor que a percorria não fosse evidente.

— Passei minha infância lá — implorou. — Está cheio de lembranças.

A condessa não demonstrou qualquer sinal de piedade.

— O que torna mais urgente queimá-la até o chão. Qualquer coisa que evoque a memória do rufião que foi seu pai deve ser destruída.

Essa declaração a machucou como se ela tivesse sido esfaqueada.

Levantou-se, com os olhos brilhando e o coração disparado. Nem sabia que aquela propriedade, uma casinha no campo cercada de terreno e mata, ainda existia. Presumira que, como tudo mais, o dinheiro havia sido distribuído entre os inimigos de seu pai.

O conde a olhou com altivez.

— Aonde pensa que está indo?

Precisava sair. Sair o quanto antes.

— O calor deve ter me afetado — fez de tripas, coração. — Posso me retirar?

— Não — respondeu imediatamente o sogro.

— Sim. — A voz de Adam prevaleceu. — Não deveria ter acompanhado *Lady Albyn*. Foi por isso que ficou tonta.

O olhar de agradecimento que ela lhe dedicou foi tão breve quanto intenso o impacto que teve em seu coração.

Roxanne fez uma reverência e saiu da sala de jantar, seguida em todo o momento pelos olhos do marido, que

continuava se perguntando o que lhe provocava o olhar da sua mulher.

Quando ficaram sozinhos, a condessa parecia animada pela temeridade de uma tempestade desencadeada.

— O que está acontecendo aqui?

Adam estava bem ciente do que queria dizer. Algo tão surpreendente que ele mesmo não conseguia explicar. Mas não iria lhe facilitar as coisas.

— Acho que não acontece nada, mãe — disse ele calmamente, voltando para suas codornizes.

O conde também percebeu. Esperava qualquer coisa de seu filho, exceto que fosse domesticado por aquela...

— Sua única obrigação é engravidá-la — ordenou ele — e não esquecer onde está sua fidelidade.

Adam não pôde deixar de fazer uma careta cinicamente.

— Jurei diante de um padre que ficaria com minha esposa.

— Bem, está errado. — Seu pai parecia zangado. — É um Dunwich e aquela mulher é uma Blyton. Nós a recebemos em nossa casa por caridade e só precisamos de um herdeiro. Entendeu?

Ele cerrou os punhos sobre a toalha da mesa para evitar responder o que gostaria.

— Tão claro quanto a água.

Sua mãe ainda tinha algo a acrescentar.

— Filho, tem que estabelecer limites para uma mulher assim. Se não sabe como fazer, a repudie e procuraremos outra.

Ele lhe deu um sorriso tão vazio que dava arrepios.

— Como sempre, vejo que não me falta o seu apoio, mãe.

— Não é uma de nós. Não se esqueça disso — apontou o conde, estalando os dedos na direção do mordomo. — Que sirvam o próximo prato.

CAPÍTULO 19

Logo escureceria e teriam que se apressar, porque as ruas de Whitechapel, depois que o sol se escondia, eram intransitáveis.

Doris ousou contar à patroa sua extraordinária descoberta sobre o endereço que havia lhe perguntado, mas, ao contrário do que esperava, simplesmente assentiu.

Não voltaram a falar sobre isso até que *milady* voltou para seus aposentos no meio do almoço com seus sogros, visivelmente chateada.

— Poderia me emprestar algumas roupas? — havia lhe perguntado.

Doris poderia jurar que não a entendeu até que *lady* Roxanne confessou sua intenção de ir para aquele bairro inóspito com a intenção de visitar sua amiga, lugar onde não poderia ir vestida de dama.

Por mais que implorasse, sua senhora minimizou, embora aceitasse que a acompanhasse desde que se comportasse com cuidado.

Dito e feito, e quando *milady* saiu pela porta dos fundos da mansão vestida de criada, como uma fugitiva, encontrou não só Doris a esperando, mas um jovem de rosto agradável que a olhou de cima a baixo com as sobrancelhas franzidas.

— Tem certeza de que quer ir para lá? — havia lhe perguntado.

Roxanne, surpresa, olhou para a criada, pois não entendia quem era ou o que fazia ali.

— Já te contei, Henry — Doris respondeu por ela, com os olhos fixos na sua senhora — que ela é uma nova criada e uma boa amiga, e que estaremos de volta antes que a noite caia por completo.

Assim havia entendido, que aquele era o jovem porteiro da casa vizinha, o que estava apaixonado por sua boa criada, e que acreditava que ia acompanhar e proteger a outra moça do serviço e não a dona da casa.

Pegaram uma carruagem alugada que os deixou muito longe, pois o cocheiro se recusava a entrar num bairro como aquele, e caminharam pelas ruas com cautela, conduzidos pelo forte Henry, que olhava para quem passava com um misto de cautela e ameaça.

Assim chegaram ao endereço indicado e, como Dóris havia lhes contado, se encontraram diante da porta de um bordel.

— Posso entrar e perguntar sobre essa sua amiga — ofereceu o rapaz.

— Quero fazer isso sozinha — respondeu Roxanne, agradecida — já se envolveu o suficiente.

Doris segurou-a pelo cotovelo antes de entrar.

— Tenha cuidado — disse em voz baixa, para que seu pretendente não ouvisse o tom de respeito. — Ninguém é confiável aí dentro. E se não sair logo, Henry irá procurá-la.

Ela a tranquilizou com um sorriso e atravessou a porta depois de parar por um momento na soleira.

A escuridão do exterior transformou-se numa opulência triste quando lá dentro. Isso pouco tinha a ver com a casa de *madame* Camille, onde dava a impressão de estar na confortável residência de um burguês. Naquele casebre, as cortinas de veludo pretendiam ser luxuosas, mas estavam apenas sujas e gastas, e as velas que iluminavam o ambiente eram de tão má qualidade que impregnavam o ar com um odor rançoso e pesado, acentuado pela pouca ventilação e as poucas janelas que estavam bem fechadas.

Havia uma mulher muito maquiada, com o vestido até a cintura, sentada sobre os joelhos de um homem, que bebia e lhe sussurrava ao ouvido algo que ela tentava aparentar que agradava. Num canto menos iluminado, outra das moças cavalgava sobre o colo de seu cliente, ali, à vista de todos e sem o menor pudor, enquanto ele a agarrava pelos quadris para marcar o ritmo.

Ela imediatamente desviou o olhar para se deparar com o de um sujeito de rosto sombrio que se aproximava dela.

— O que quer? — ele retrucou, tão perto que o cheiro podre de seu hálito fez seu nariz enrugar.

— Estou procurando uma amiga — conseguiu responder.

O homem olhou-a de cima a baixo, como se avaliasse o que poderia arrancar daquela intrumetida.

— Não há ninguém aqui que conheça. — E ele apontou a saída. — Fora.

Não tinha chegado até lá para dar meia volta, então não saiu de onde estava e reuniu toda a sua coragem para que o indivíduo não percebesse o quanto isso a afetava.

— Posso pagar. — Tentou fazer sua voz parecer áspera, mas não conseguiu.

O brilho da ganância brilhou nos olhos daquele homem por um momento.

— Mostre-me o dinheiro.

Teve o cuidado de trazer uma única moeda de prata. Qualquer outra coisa teria levantado suspeitas. Procurou-a no bolso e ergueu-a diante do nariz. Ele arrancou-a dela tão rapidamente que ela mal teve tempo de ver a mão dele.

— Quem você quer ver?

— O nome dela é Eleonor.

O homem torceu o nariz.

— Isso só lhe dá o direito de ficar com ela por alguns minutos — ele apontou com o queixo para a escada dos fundos. — Acima. A terceira porta. Se não descer rápido, eu

mesmo irei atrás de você e te colocarei na rua, não importa como esteja.

Roxanne se apressou. Não tinha certeza do que aconteceria a seguir ou quanto tempo levaria.

Subiu rapidamente, segurando as saias. Tinha um cara dormindo no meio da escada e teve que pular para passar por cima dele. A primeira porta estava aberta e lá dentro vislumbrou as formas de dois corpos nus na cama, entrelaçados como cobras num ninho. Desviou o olhar e alcançou a terceira. Estava fechada, mas bateu com os nós dos dedos, olhando para os dois lados, porque o corredor estava sombrio e escuro.

Ninguém respondeu e ia bater de novo quando a porta se abriu e na escuridão percebeu as costas de uma mulher avançando em direção à cama suja enquanto desamarrava as fitas do vestido.

— Fique confortável, lindo.

Roxanne demorou a reagir. Tanto que a mulher se surpreendeu e virou-se para encará-la. O olhar de tédio ficou curioso por um instante, mas foi só isso, um momento, para voltar cinzento de novo.

— Fique confortável enquanto eu me livro das minhas roupas. Nós vamos nos divertir.

Roxanne ergueu a mão.

— Não é necessário.

A mulher olhou-a de cima a baixo.

— Como quiser. Você é quem paga.

Entrou no quarto e fechou a porta. Não queria que ninguém metesse o nariz nisso.

— Você é Eleonor?

O olhar daquela mulher era tão opaco que parecia que não tinha alma. Avaliou a nova cliente. Não era comum, mas acontecia de vez em quando. Muitas mulheres estavam tão insatisfeitas com os maridos que precisavam experimentar coisas novas. Tentou sorrir, mostrando dentes amarelados e lascados.

— Contanto que pague, sou quem quiser que eu seja.
O cara lá embaixo a enganou e ela não tinha mais tempo.

— Estou procurando Eleonor.

A mulher baixou o vestido e deixou um dos seios exposto, tentando parecer sensual.

— Eu não te sirvo?

Sentiu pena por ela. Que experiências terríveis teria de suportar para chegar a esse estado?

— É importante — implorou. — Importante para ela.

Mais uma vez, a curiosidade floresceu em seus olhos e, por um momento, Roxanne pensou ter visto a garota bonita que deveria ter sido, Talvez quando foi parar ali para poder sustentar um filho indesejado.

— Quem é? — perguntou, entre curiosidade e medo.

Sabia que não poderia se expor, mas, a qualquer momento, aquela fera viria tirá-la dali, e não teria outra oportunidade como essa.

— Meu nome é Roxanne — ela disse lentamente. — Sou filha de Andrew Blyton.

E a moça tapou a boca com as mãos, porque não era possível.

CAPÍTULO 20

Lady Albyn ficou indignada.

— Como se atreveu!

Roxanne permanecera alheia ao que acontecia ao seu redor, pois sua cabeça não conseguia escapar das sensações que aquela visita furtiva a Whitechapel lhe provocara na tarde anterior e que ainda pesava sobre ela como a pedra de um túmulo.

Se havia aceitado ir com *milady* às corridas era pela única razão de que sairia de casa e não teria que cruzar com Adam, já que Doris a informara que o cavalheiro não planejava partir até meio-dia e havia perguntado por ela.

Imaginar tomar café da manhã ao lado dele, ou simplesmente trocar algumas palavras educadas, lhe parecia tão amargo que a deixava enjoada.

Ainda não havia conseguido compreender as sensações que seu corpo destilou naquela noite do teatro, quando se uniram daquela forma selvagem e terna ao mesmo tempo. O que ela tinha certeza era que o mal podia ser disfarçar de maneiras sutis e era capaz de perturbar a mente das pessoas mais determinadas, como estava acontecendo com ela.

— Ninguém vai impedi-la? — dizia naquele momento *milady*, desconcertada, a tantas damas e cavalheiros que a acompanhavam nas arquibancadas, enquanto as éguas de corrida passavam diante deles com tanta rapidez que mal se distinguiam.

Saindo de seus pensamentos com dificuldade, tentou entender o que estava acontecendo e procurou com os olhos a causa que tanto escandalizava sua amiga. Surpreendeu-se que aquelas pessoas amáveis que a cercavam, e que poucos minutos antes a elogiavam com absoluta cordialidade, agora evitassem seu olhar, ou o que era pior, lhe lançassem olhares de pena.

Quando conseguiu descobrir a causa daquele escândalo, compreendeu-o imediatamente, enquanto um desconforto premente se apoderava dela.

A poucos passos de distância estava Adam Baxley, seu marido, e ele parecia decidido a se juntar a elas.

O escandaloso não era sua atitude desafiadora habitual, afastada de todo formalismo, mas sim a pessoa que o acompanhava.

— Alguém deve impedi-lo! — *Lady Albyn* gaguejava, incrédula que uma prostituta como *Madame Camille* andasse de braços dados com um aristocrata num lugar reservado apenas à elite da sociedade inglesa.

Roxanne sentiu um vazio doloroso na boca do estômago ao notar seu rosto ficar lívido. Os olhares angustiados aumentaram, embora nenhum daqueles idiotas fosse capaz de compreender a verdadeira natureza do seu desconforto.

Sabia muito bem que Adam tinha amantes, e embora vê-lo nos braços de outra mulher lhe causasse uma certa dor até então desconhecida, esse não era o motivo de seu desconforto. Até aquele momento, havia escondido de Camille a identidade do marido, assim como a sua, algo que logo seria revelado.

Olhou em volta, procurando uma saída. A arquibancada de *milady* estava lotada porque a visita de uma das filhas do rei George, que patrocinava aquela competição, era esperada a qualquer momento.

Se conseguisse passar despercebida pela multidão, conseguiria chegar à saída, onde encontraria um coche de

aluguel. Isso poderia horrorizar tantas damas como as que a rodeavam, uma mulher do seu status sozinha e acompanhada por um estranho, até mesmo um cocheiro, mas nenhuma delas poderia imaginar que poucas horas antes tivesse estado em alguns bordéis quase até o amanhecer.

Além disso, todos compreenderiam que uma esposa não iria querer suportar a humilhação de ver o marido nos braços de outra mulher, mesmo que fosse Adam Baxley, de quem se podia esperar tudo.

Estava prestes a começar a retirada quando uma mão agarrou seu antebraço como se fosse a garra de uma águia.

— Vamos confrontá-la para que entenda que uma mulher que se oferece por algumas moedas não pode estar entre nós.

Ela olhou para sua anfitriã, que a segurava com força, e chegou à conclusão de que não havia escapatória, então tudo o que havia planejado desde o momento em que descobriu sobre seu fatídico casamento poderia desabar.

Esperou, seu coração batendo tão rápido que iria pular do peito a qualquer momento.

Adam parecia indiferente aos olhares escandalizados de todos por quem passava, e avançava sem descanso, cumprimentando uns e outros, apesar de não receber resposta em troca.

Se concentrou em Camille. Sem dúvida, era de uma beleza perturbadora. Usava um vestido virginal branco, que lhe dava a aparência de uma sacerdotisa da deusa Vesta.

Caminhava ao lado dele, com uma mão levemente apoiada no antebraço de Adam, um pouco atrás dela, levantando e baixando o olhar como se tudo aquilo não lhe importasse muito.

O que diria quando fossem apresentadas? Além do mais, o que Camille diria quando a descobrisse? Seria tola o suficiente para comentar algo inapropriado ou a trataria com a frieza que ela merecia? Num caso ou noutro, todos os

seus planos simplesmente ruíram, porque aquela mulher essencial para a sua tarefa não permitiria que se aproximasse dela a partir de agora.

Pensou em fingir um desmaio. Talvez com isso *milady* a libertasse de sua heroica cruzada, mas estavam tão próximos e haveria tanta agitação que *madame* notaria sua presença, e era possível que fizesse perguntas que a inquietaria ainda mais se não estivesse presente.

Por fim, o escandaloso casal apareceu na arquibancada e, em seu rastro, um amplo corredor começou a se formar, apesar do tumulto, como se todos aqueles almofadinhas tivessem medo de tocar em um dos dois e serem contagiados pelo escândalo.

Adam a olhou quando estava a alguns metros de distância, e o formigamento que percorreu a pele de Roxanne tornou-se inexplicável para ela. Aqueles olhos incrivelmente azuis pareciam descobri-la pela primeira vez, deram a impressão de surpresa, e pensou ter visto neles o brilho de admiração.

Roxanne usou um dos vestidos mais marcantes que a costureira lhe enviou; um vermelho, tão intenso como uma ferida aberta, que adornou com brincos de ouro e uma pulseira em forma de cobra. Se Camille parecia uma vestal, ela tinha a aparência de uma terrível divindade pagã carregada de vingança.

Essa admiração nos olhos do marido durou pouco e foi substituída pela dureza habitual.

Só então teve forças para olhar para a acompanhante, para Camille, a mulher que naquele exato momento descobriria quem era e tudo estaria arruinado.

Como se os seus olhos a tivessem alertado, *madame* ergueu o olhar naquele momento e encontrou o de Roxanne. A surpresa que refletiu foi instantânea, como se esperasse qualquer pessoa, menos ela.

Se recuperou imediatamente. Sabia que sua pupila era uma dama e aquela arquibancada estava cheia delas.

Roxanne teve a impressão de que chegava a essa conclusão.

Adam deu os últimos passos para parar diante de *Lady Albyn*, mostrando a mais completa indiferença aos rostos escandalizados que os rodeavam.

— Não está uma tarde adorável? — comentou para quem quisesse ouvir.

Milady tinha o rosto azedo, e aquele rictus se acentuou ainda mais.

— Temo que não.

Adam sorriu, como um anjo caído do céu.

— Soube que a princesa Elizabeth está vindo visitá-la.

Murmúrios de desaprovação ficaram mais altos. *Milady* enrijeceu.

— O que te inviabiliza continuar aqui.

Ele não pareceu ouvi-la, porque de repente seu rosto mostrou total surpresa.

— Mas que falta de educação! — Virou-se para Camille, mas apontou para Roxanne, que permanecera hierática ao lado de sua protetora. — Minha querida, permita-me apresentá-la a *Lady Dunwich*, minha esposa.

Dessa vez, *madame* piscou várias vezes e seus olhos mostraram uma descrença que ninguém entendeu.

— *Lady Dunwich*? — murmurou.

— Minha esposa — Adam respondeu, sua voz cínica. — E esta é a srta. Camille, uma boa amiga.

O escândalo era de tal proporção que cavalheiros e criados falariam dele durante as semanas seguintes.

Roxanne ficou paralisada. Não conseguia desviar o olhar de Camille, que por sua vez parecia tão incrédula como se tivessem lhe dito que um homem poderia voar.

Embora talvez a mais escandalizada tenha sido *Lady Albyn*, que deu uma cotovelada no flanco de sua protegida.

— Não se atreva a retribuir.

Roxanne sabia que era isso que se esperava dela: mostrar dignidade, levantar a cabeça e dar-lhe todo o seu

desprezo. Mas a mulher à sua frente era a chave que poderia salvá-la, e humilhá-la ainda mais do que já estava sendo feito por seu marido com tanta ousadia não jogaria a seu favor.

— Senhorita — disse em voz baixa.

O murmúrio de “escândalo” subiu aos céus como uma maldição.

— Roxanne! — *milady* gritou.

Mas nenhuma das duas mulheres, que não paravam de se olhar, reagiu a isso, como se estivessem sozinhas, como se os altos escalões da melhor sociedade inglesa não exigissem reparação.

Camille foi quem desviou o olhar primeiro.

— Gostei do seu vestido.

Roxanne agradeceu com um sorriso ténue.

— Prefiro a cor verde.

Madame entendeu a mensagem velada, o que a fez também sorrir quase imperceptivelmente.

— Talvez seja sua cor, mas acabei de perceber que sabe defender qualquer uma delas.

Um novo tumulto ao redor fez com que damas e cavalheiros se afastassem para dar lugar a um dos lacaios de confiança da *lady* Albyn.

— Senhora — disse ele, mais alto do que o necessário — Sua Alteza já está subindo as escadas.

Aquilo era um escândalo! Uma princesa real no mesmo nível de uma prostituta vulgar. O rosto da anfitriã estava vermelho e uma dama de companhia solicitava seus saís. *Milady* não teve escolha senão enfrentar Adam, mesmo tendo jurado que nunca mais falaria com ele.

— Lorde Dunwich — disse ela, cheia de formalidades — devo lhe exigir que saia da minha arquibancada.

Ele encolheu os ombros.

— Tem a melhor vista. Não quero perder as corridas.

Com uma serenidade que a surpreendeu, Roxanne estendeu a mão e mal tocou a do marido. Ele encarou

aquele leve contato, pois acabara de produzir uma corrente elétrica que percorreu seu corpo e se acentuou quando se atreveu a olhá-la.

— Adam — disse com uma voz calma — faça isso. Por favor, saia.

Camille entendeu a gravidade dos acontecimentos e apontou para longe.

— Vejo algumas amigas lá que gostaria de cumprimentar.

Ele duvidou. Aquilo não saiu como esperava, e a responsável era sua esposa, que estava se tornando uma mulher cada vez mais incontrolável.

— Senhoras.

Fez uma inclinação de cabeça, virou-se e, de braços dados com sua amante, voltou pelo caminho por onde viera, ecoado por uma lamentação de suspiros de alívio e palavras de desprezo.

Milady não ficou feliz com a forma como os acontecimentos se desenvolveram.

— Não deveria ter lhe dirigido a palavra — repreendeu Roxanne. — Ele te humilhou na frente de todos.

Não podia refutá-la, embora não concordasse inteiramente.

— Tentei — disse para si mesma — mas pela primeira vez não tenho certeza de que tenha conseguido.

Sua protetora não a ouviu porque a princesa já avançava em direção a eles cercada por suas damas de companhia.

Roxanne o procurou e, naquele exato momento, ele virou a cabeça para fixar os olhos nos dela, e ela mais uma vez sentiu aquela torrente inexplicável que aparecia toda vez que o homem que mais odiava na face da Terra a olhava daquela maneira.

CAPÍTULO 21

Adam apontou sua carabina com todo cuidado. Um movimento brusco e aquele belo exemplar fugiria assustado, saindo da distância de tiro.

A caça não era uma de suas paixões, pois exigia acordar cedo, mas depois de uma noite sem dormir, decidiu atender ao convite de James Gorey, um dos membros do Clube dos Cavalheiros Piedosos, para participar de uma caçada.

Não sabia por que decidiu ir às corridas com Camille. Na véspera havia acordado tão animado que até se atreveu a pedir ao serviço que chamassem Roxanne para tomar café da manhã com ele.

Esse estado de quase felicidade era algo novo e suspeitava que tivesse a ver com o encontro íntimo com sua esposa. Mas tudo começou a dar errado quando ela se recusou a acompanhá-lo, argumentando que teria que atender ao convite de *Lady Albyn*, já que a princesa Elizabeth as acompanharia.

Por alguma razão desconhecida, isso o deixou furioso. Perguntou-se várias vezes porque isso acontecia e chegou à conclusão de que esse casamento falso era tão irreconciliável quanto católicos e protestantes sob o poder da Coroa.

Com temperamento rebelde, foi visitar Camille, embora, como vinha sendo habitual nos últimos tempos, sua intenção não era se enfiar entre os lençóis dela, mas desfrutar de sua companhia.

Camille tinha conseguido acalmar seu temperamento com sua conversa inteligente e agradável, mas quando sua amiga íntima fez com que ele percebesse que não tinha parado de falar de sua esposa desde que chegara, sua perturbação foi tanta que ele não soube o que responder.

Foi então que decidiu ensinar a si mesmo uma lição que o separaria dela para sempre, e então convidou Camille para acompanhá-lo às corridas.

A bela *madame* recusou a princípio, mas Adam foi capaz de apresentar argumentos suficientemente suculentos na forma de brilhantes para que ela aceitasse o que estava claro que seria uma humilhação.

Assim que chegou às arquibancadas, ele a procurou, não se importando com os olhares ofendidos dos nobres que não se importavam em dizer em voz alta o que pensavam da presença daquela mulher em espaço público.

Ele a encontrou onde esperava, na arquibancada de *lady* Albyn, e assim que a viu, aquela tempestade impetuosa percorreu suas veias, algo tão extraordinário quanto desconhecido até alguns dias atrás.

Não podia negar que Roxanne era linda, mas não era isso que o impossibilitava que deixasse de admirá-la. Era outra coisa, talvez a forma como se portava, ou a forma como atendia quem exigia a sua atenção, ou um gesto que passava despercebido a todos menos a ele, e que consistia em colocar a mão no peito, na linha de seu esterno, e permanece com o olhar perdido, como se tentasse adivinhar quais eram seus sentimentos.

A fúria o encheu diante da inexplicável loucura de seu coração, e não hesitou em procurá-la de braço dado com Camille, embora isso o tornasse uma praga para a todopoderosa *Lady* Albyn.

Não encontrou nos olhos de Roxanne a humilhação que esperava lhe infligir, mas encontrou algo tão sem precedentes quanto a compreensão, a falta de julgamento e

uma tentativa de apaziguar aquela raiva antiga que tantas vezes o deixava louco.

Também não sabia por que havia partido sem resistência. O Adam Baxley antes de se casar teria se vangloriado até mesmo para a realeza, sem qualquer medo das consequências que poderiam advir. Mas aquelas palavras simples e sinceras de Roxanne tornaram-se inquestionáveis, e a maneira como ela o tocou, incompreensível pelo que causou.

O retorno a Mayfair não foi pacífico. Camille caiu num estranho silêncio e, quando ele tentou ser espirituoso, ela respondeu com o pedido para que a levasse para casa.

— Era para lá que eu queria que fôssemos.

Ela voltou o olhar para a janela.

— Quero ficar sozinha, Adam.

Era a primeira vez que ela o dispensava de forma tão direta, o que o deixou ainda mais perturbado.

— De novo esse misterioso cavalheiro com quem se encontra? Ou é uma dama, segundo dizem?

Ela não entrou no jogo. Estava acostumada demais com aristocratas que acreditavam ter direito a tudo para cair em algo assim, embora ela realmente gostasse de Adam Baxley.

— O que fez hoje não foi bom — o repreendeu.

Ele cruzou os braços e aguçou o olhar.

— Então também decidi me repreender.

Camille foi franca.

— Não quero fazer parte de nenhuma guerra conjugal.

— Sabe que sou indiferente à minha esposa — ele encolheu os ombros.

Essa resposta fez com que o silêncio se tornasse denso ao seu redor. Quando olhou nos olhos dela, viu algo neles que não conseguiu identificar. Talvez tenha sido pena ou compaixão.

— Adam — disse lentamente — deveria se perguntar o que sente.

— Você sabe disso melhor do que ninguém. É você que eu amo.

Camille colocou a mão para fora da janela e bateu na porta para ser ouvida.

— Cocheiro, pare aqui.

Os cavalos pararam, inquietos.

Os olhos de Adam pareciam suplicantes.

— Não saia.

Mas Camille já havia aberto a porta enquanto o laçao se apressava em desdobrar a escada.

— É hora de você crescer, Adam, e enfrentar seus fantasmas.

Ele tentou pegar a mão dela, mas Camille a afastou.

— Deixe-me passar a noite contigo. Preciso conversar com alguém.

— Adeus — ela desceu, e embora sua decisão fosse firme, seus olhos olharam para ele com ternura. — Pense no que lhe disse, pararia de se atormentar.

O barulho de um galho quebrado por um passo o tirou de seus pensamentos desastrosos.

O cervo assustou-se imediatamente e, levantando o enorme chifre, deu uns saltos e desapareceu de sua vista antes que pudesse lhe disparar.

— *Pardiez!* — ele amaldiçoou.

Ao seu lado apareceu seu amigo James Gorey, quem organizava a caçada.

— Estava me perguntando onde você estava.

Rosnou novamente. Tinha-o na mira, e se sua cabeça não tivesse se nublado por aqueles pensamentos que não o abandonavam desde que ficou sozinho...

— Tentando atirar no cervo que acabou de assustar.

James se acomodou ao lado dele, deitado no chão, colocando sua carabina sobre o mesmo tronco caído que seu amigo.

— Onde esteve ontem à noite? — Lhe perguntou. — Tivemos uma reunião.

Quando Camille o deixou, não teve escolha senão ir para casa. Tinha que dizer quatro coisas a Roxanne para colocá-la de volta em seu lugar. Mas quando chegou, foi-lhe dito que a senhora passaria a noite na casa da maldita *Lady Albyn* e que só regressaria na tarde do dia seguinte.

Isso o fez se trancar na biblioteca e perfurar o chão com seus passos furiosos até decidir que era melhor ir caçar do que enlouquecer.

— Tinha coisas para fazer — foi o que ele respondeu.

Essa explicação pareceu satisfazer James, que, por um tempo, deu-lhe a paz do silêncio, até que outra pergunta pareceu interessá-lo.

— Fiquei surpreso ao te ver esta manhã disposto a fazer parte da caçada.

Adam tinha pouca vontade de conversar.

— Já te disse não muitas vezes. Não queria que me excluísse da sua lista de amigos.

James assentiu, embora parecesse desconfortável. Tanto que Adam ficou o olhando até que o outro teve forças para perguntar.

— Está tudo indo bem com sua esposa?

Aquilo era realmente extraordinário.

— Será que alguma coisa dá certo com as pessoas com quem somos obrigados a nos casar? — respondeu.

Seu amigo James, naturalmente desavergonhado, parecia duvidoso naquele momento, algo extraordinário entre dois homens que não tinham tido vergonha nenhuma de fazer amor, nus e com suas amantes, na mesma cama. Engoliu em seco e o olhou nos olhos.

— Supunha-se que a filha do marquês de Blyton era uma garota calada e assustada. Isso deu a entender — ele o repreendeu. Isso se comentava nos círculos próximos a sua família.

Adam não entendeu nada.

— E o que te faz pensar o contrário?

James empalideceu. Conhecía a natureza rebelde de seu amigo e, se interpretasse mal, terminariam brigando. Não seria a primeira vez.

— Eu a vi algumas noites atrás.

Adam não encontrou nada de extraordinário nessa afirmação.

— Talvez tenha retornado da casa da sombria *lady* Albyn, de quem não se separa.

— Duvido.

— Por quê?

James passou a mão pelo cabelo. Tinha que lhe contar.

— Porque já era madrugada quando sua esposa estava saindo de um dos bordéis mais abjetos de Whitechapel.

Ele demorou a reagir.

— Não é possível.

— Foi o que pensei e por isso a segui até sua casa.

O olhar de Adam só mostrava confusão.

— Está mentindo.

James suspirou. Sabia que não acreditaria, mas tinha certeza de que não lhe contar seria pior do que uma traição.

— Acho que precisa falar com ela, Adam — disse com firmeza. — Acho que Roxanne Blyton não é quem diz ser.

CAPÍTULO 22

Camille se olhou no espelho. O vestido ajustava-se ao seu busto como uma luva e caía-lhe livremente até aos pés, fiel à moda predominante que fazia tanto sucesso na Corte de Napoleão.

— As mangas precisam de mais folgas — comentou a sra. Johnson, uma costureira requintada que se tornaria inestimável quando descoberta pela alta aristocracia de Londres.

Camille concordou.

— Também é preciso abaixar o decote — acrescentou. — Quero que este vestido seja provocante.

A costureira começou a ajustar as dobras necessárias enquanto uma de suas assistentes passava os alfinetes. *Madame* Camille não só pagava bem, mas também fazia pedidos constantes. Contudo, a sua clientela tinha aumentado ultimamente e as damas da Corte começavam a ser mais abundantes do que as enfadonhas burguesas que costumava servir.

A presença de *madame* começava a ser incômoda em seus negócios, especialmente depois do que acontecera nas corridas e que chegara aos seus ouvidos, assim como aos de toda Londres.

— Na próxima semana quero encomendar anáguas e alguns chapéus.

A costureira sorriu, desconfortável.

— Para essas datas estaremos muito ocupadas, mas procuraremos vaga nos próximos dias.

O desconforto da mulher não passou despercebido por Camille, apesar de estar acostumada a ser rejeitada por quem ajudava desde o início.

Decidiu não responder e o som da campainha, anunciando a chegada de uma nova cliente, facilitou-lhe as coisas.

Outra de suas assistentes, com o rosto corado, entrou na sala de provas. Parecia preocupada.

— *Lady Dunwich* acaba de chegar. — Torceu as mãos. — Garanto-lhe que não tinha hora marcada. Já repassei isso várias vezes.

Nada no rosto de Camille indicava seu desconforto. Estava cansada de fingir o que não sentia, e o alvoroço na costureira, de que uma futura condessa poderia se encontrar com uma prostituta a magoou mais do que esperava. Especialmente quando se tratava daquela *lady*.

— Acabei de me lembrar que preciso ir — disse à sra. Johnson, com o rosto pesaroso. — Espero que possa me desculpar por não ter tido tempo de provar os demais.

O rosto da costureira não pôde evitar a expressão de alívio.

— Em absoluto. Encontraremos outro momento — estalou os dedos para que suas costureiras pudessem ajudá-la a se despir o mais rápido possível. — Enviarei suas roupas prontas esta semana.

Estava saindo para entreter *Lady Dunwich* e evitar que seus caminhos se cruzassem enquanto *madame* Camille terminava de se arrumar, quando ela apareceu na sala de provas.

O desconforto da costureira e de suas assistentes ficou evidente.

— Queria lhe mostrar os novos tecidos que chegaram. — Apontou para a porta pela qual acabara de entrar. — Serão mostrados na outra sala.

Mas Roxanne não estava prestando atenção. Camille estava lá, em uma plataforma, enquanto uma das meninas

a ajudava a se desfazer de um lindo vestido de seda violeta. Ficaram se olhando, sem dizer nada, mas sem tirar os olhos uma da outra. Foi ela quem falou.

— Poderia nos deixar sozinhas por alguns minutos?

A costureira parecia hesitante. Pelo que ouviu, o escândalo na corrida aconteceu justamente com o marido daquela dama. E se a sua loja se tornasse o novo foco de uma discussão social? Isso poria fim ao seu negócio.

— Não sei se seria conveniente... — A sra. Johnson tentou argumentar, mas Camille a acalmou.

— Não precisa se preocupar — sorriu friamente. — *Lady Dunwich* e eu somos velhas amigas.

Não conseguiu acreditar completamente, mas o olhar tranquilizador de milady a fez perceber que não tinha outra opção a não ser deixá-las sozinhas.

Então o fez. Ordenou que suas assistentes saíssem e ela mesma saiu, fechando a porta atrás de si. Camille começou a se despir sozinha.

— Que coincidência.

Roxanne não saiu de onde estava, segurando a pequena bolsa de pano com as duas mãos.

— Em absoluto. Venho da sua casa. Lá me disseram onde poderia encontrá-la.

Madame não pôde evitar um olhar de desgosto.

— Não estava me referindo a este encontro, mas ao incidente da corrida. Ou não foi uma surpresa?

— Sabia que era você a amante do meu marido antes de ir visitá-la.

Um bufo involuntário saiu dos lábios de Camille ao se sentir enganada.

— Como eu não percebi?

Tinha acabado de tirar a anágua e olhou em volta para ver onde estava seu vestido. Roxanne lhe entregou e ela pegou com um puxão, sem a olhar.

A situação estava tensa. A pessoa que deveria ter sido ofendida aparentemente não o foi e a pessoa que foi

humilhada não deu sinais disso.

Roxanne deu um passo à frente.

— Gostaria que esclarecêssemos as coisas entre você e eu.

— Isso é algo que não me interessa nem um pouco.

— Odeio Adam.

Isso impediu o movimento nervoso de suas mãos tentando amarrar as fitas do vestido. Se entreolharam como se ambas estivessem empunhando uma espada afiada.

— E por que então o seu interesse em seduzi-lo?

Era difícil explicar sem se trair, mas se estava ali...

— Eu sei que você e meu marido têm uma amizade especial.

— Aprendi a me livrar desse tipo de amizade há muitos anos. Ele acha que há algo entre nós, mas posso garantir que é apenas mais um cliente para mim. Aquele que ultimamente só paga para conversar.

— Já te disse que o odeio. Não precisa se desculpar. O que faz com meu marido me é completamente indiferente.

O olhar de Camille se aguçou.

— Tem certeza? Se aprendi alguma coisa na minha profissão é ver o que queremos esconder.

— O que quer dizer?

Percebeu isso assim que chegaram. A rua é uma boa escola. Dolorosa, mas precisa.

— Eu vi como Adam a olhou. Também vi como a senhora o fez.

Roxanne torceu o nariz.

— Isso é um absurdo. Entre nós só existe desprezo.

— O desprezo e o amor estão a uma distância menor do que entre dois lábios que se beijam.

Não seria influenciada por essas palavras. Roxanne tinha muito claro sobre o porquê de ter se exposto ao ir encontrá-la, e não podia se deixar enredar.

— Tenho que lhe dar uma explicação — lhe explicou.

— Não preciso disso.

— Eu quero fazer isso.

A determinação na voz de milady a tornava inabalável. De certa forma, Camille queria saber o que estava acontecendo. A surpresa que teve com aquela moça era enorme, e ela se perguntava como pôde ter sido enganada.

Cruzou os braços e a olhou na cara.

— Está bem, siga em frente.

Havia chegado o momento. Se não a convencesse, tudo iria por água abaixo. Roxanne respirou fundo para se acalmar e não evitou o olhar curioso da *madame*.

— Que eu e meu marido nos casamos por pura conveniência, não preciso te dizer.

— Eu sei que os de sua classe agem assim.

Assentiu.

— Garanto que quando me contaram não pude acreditar. Adam Baxley era apenas uma lembrança ruim para mim, alguém em quem só pensei para orar a Deus para que não me encontrasse novamente. Até planejava procurar emprego como governanta o mais longe possível de Londres, com o único objetivo de nunca mais ver aquele canalha. E já viu. Casei-me com ele.

Camille não pôde deixar de a olhar incrédula.

— Veio até mim para seduzi-lo.

— Assim é.

— Não consigo entender isso.

Roxanne passou as mãos pela saia do vestido. Não podia deixar de se sentir nervosa.

— No dia das corridas, só descobriu que a pessoa que pensava ser sua pupila era na verdade a esposa de um de seus amantes, mas há outra coisa.

A mão de Camille descansou involuntariamente em seu peito.

— Estou começando a ficar preocupada.

Não havia muito a dizer. Uma frase e tudo ficaria esclarecido.

Ela levou alguns segundos para pronunciá-la.

— Sou filha de Andrew Blyton.

Os olhos de Camille se arregalaram, como se tivesse acabado de lhe contar que havia retornado dos mortos.

— Não pode ser. Aquela menina...

— Aquela menina sou eu — afirmou. — Acho que chegamos a nos ver uma vez.

Camille arfou várias vezes antes de conseguir falar.

— Roxanne. M-mas... como é possível que Adam...?

Colocou a mão em seu coração.

— Você sabe o que ele fez e precisa me ajudar. Esse canalha deve pagar por isso.

CAPÍTULO 23

Não teve tempo de se livrar das luvas quando o mordomo exigiu sua atenção.

— *Milady*, o senhor pediu para que fosse vê-lo na biblioteca.

O olhou sem entendê-lo completamente. A conversa com Camille não foi fácil e durante todo o caminho de volta para casa não parou de se perguntar se o melhor seria esquecer tudo e enterrar os fantasmas do passado. Ela assentiu.

— Vou me trocar e...

Mas o criado fez um gesto circunstancial.

— Receio que seja urgente.

Nada na expressão do homem indicava que a casa estava em chamas ou que havia chegado uma mensagem de St. James exigindo sua cabeça, mas sabia que quando Adam Baxley pedia alguma coisa, deveria ser concedida imediatamente.

Ela não discutiu, mas jogou as luvas na bandeja de prata que um laçao lhe estendia, tirou a capa e caminhou até a biblioteca, tentando esconder o desconforto que a dominava.

Entrou sem bater e encontrou o marido de costas, com uma bebida na mão e olhando fixamente para o outro lado da janela.

Como tantas outras vezes, o simples fato de estar na presença dele provocou-lhe uma série de emoções que não compreendia totalmente. Por muito tempo pensou que era

terror, mas ultimamente duvidava disso, eram muito doces, muito contraditórias para serem.

Pigarreou para chamar a atenção dele.

— Queria me ver?

Ele se virou imediatamente. Seus olhos se abriram um pouco mais ao vê-la parada ali, naquele lindo vestido de musselina branca que emoldurava um busto delicado, e o desconforto que ela o fazia sentir materializou-se com uma palpitação impertinente de seu coração.

Sustentou o olhar dela, tentando não deixar que seus olhos vagassem pela deliciosa curva de seus braços ou se perdessem na tentadora abertura de seu decote. Bebeu o conteúdo do copo de um só gole e o deixou sobre a mesa.

— Me pergunto com quem me casei.

Ela levantou a cabeça um pouco mais, mas não se moveu de onde estava.

— Se ler a certidão de casamento, está claramente escrito: Roxanne Blyton — respondeu com óbvio sarcasmo — uma mulher sem recursos que teria que viver da caridade ou do seu trabalho se você não tivesse vindo em meu socorro.

— Vejo que se adaptou maravilhosamente ao humor ácido de *Lady Albyn*.

— Ela não teve que me ensinar nada. Sua presença é suficiente para fazer minha imaginação voar.

Essa maneira de se defender o excitou. Ele lambeu os lábios e deu alguns passos à frente, parando a uma distância onde só precisou estender um braço para puxá-la em sua direção.

— Onde esteve na terça-feira?

Ela sentiu um arrepio, mas sabia como escondê-lo.

— Não me lembro.

— Disse que iria à costureira e que passaria a noite na casa daquela sua amiga.

—Então foi isso que eu fiz.

Ele esboçou um meio sorriso que ela achou ao mesmo tempo terrível e sedutor.

— Um dos meus amigos a viu — disse ele, dando mais um passo na direção dela.

O cheiro de Adam a envolveu. Era algo tão leve e masculino que ela notou aquele desconforto entre as pernas que a dominava quando ele estava próximo.

Engoliu em seco e tentou um sorriso cínico.

— Se ele tivesse tido a cortesia de se apresentar, teríamos conversado sobre você.

Ele deu um novo passo. Estava tão perto que apenas movendo a boca para frente ele poderia beijá-la.

— Ele cruzou contigo em uma hora inconveniente.

— Então não era eu.

— Ele garante que sim.

Os sentimentos que percorreram o peito de Roxanne eram tão confusos e turvos que ela sentiu falta de ar. Desviou o olhar e tentou dar um passo para trás, mas sentiu-se enraizada no chão, enfeitiçada pela presença dele.

— Para isso que mandou me chamar? — Finalmente conseguiu escapar do feitiço e se dirigiu até a porta. — Tenho que me trocar. Seus pais também se convidaram para a refeição de hoje.

— Te viu saindo de um bordel.

Embora Roxanne estivesse de costas para ele naquele exato momento, temia que tivesse percebido o arrepio que aquelas palavras lhe causaram. Tentou se acalmar e se virou para ele, com uma sobancelha levantada, como uma boa atriz.

— Tem certeza de que era eu e não você?

— Terá alguma explicação.

— Se isso fosse verdade, qual você me daria?

Ele esperou em silêncio sem parar de dissecá-la, procurando em seu rosto uma única pista que a denunciasse.

Percorreu os passos que os separavam e colocou-se novamente à distância de um beijo, à distância de uma carícia, à distância do pecado.

— Pelo maneira que tem se vestido ultimamente — ele disse, olhando-a de cima a baixo — o jeito que você anda, o jeito que suas mãos se movem, poderia pensar qualquer coisa.

— Se realmente acreditasse que sou uma dama, não se atreveria a fazer essa insinuação.

Pegou o pulso dela. Precisava acariciá-la, arrancar-lhe a verdade com beijos, castigá-la na poltrona.

— O que estava fazendo saindo de um bordel de madrugada?

— Está me machucando.

Como dois lobos no meio de uma briga, mantiveram o olhar um no outro, até que ele soltou o pulso dela.

— Você brinca comigo e isso é perigoso.

Roxanne massageou a área onde os dedos do homem pressionaram. Seus lábios estavam ofegantes e suas pupilas dilatadas, como as dele.

Nenhum deles sabia dizer quem deu o primeiro passo, mas de repente suas bocas se encontraram com uma paixão que poderia colocar fogo naquela casa fabulosa. As mãos de um e de outro percorriam seus corpos, seus dedos, ávidos, desamarravam fitas e botões, e cada corpo tentava se chocar com o de seu oponente, tocar um pedaço de carne trêmula, de calor humano, daquele paixão desconhecida que exalavam quando estavam juntos.

Desesperados de desejo, caíram na superfície macia do sofá, ainda se beijando, com o vestido de Roxanne meio removido e a camisa de Adam com os botões abertos.

Fizeram isso sem conseguir se conter, sem conseguir reprimir os gemidos, esquecendo-se de tudo que não fosse o próprio corpo. Aquela sala desapareceu de suas mentes, assim como a mansão e Londres como um todo. E foi

substituído por um lugar íntimo onde apenas os dois viviam e era regido pelas leis do desejo.

A investida não durou muito. Estavam muito excitados para suportar o embate do tempo. Ambos atingiram o clímax ao mesmo tempo. Roxanne cravando as unhas nas costas dele. Adam derramando um gemido abafado em sua boca.

Ao terminarem, permaneceram abraçados e confusos, sem entender completamente o que havia acontecido.

Foi ela quem se afastou primeiro, mexendo no vestido para tentar arrumá-lo. Ele a observou da poltrona, com as calças na altura dos joelhos e a camisa completamente aberta.

— Por que foi àquele bordel?

Ela evitou o brilho em seus olhos. Estava tão confusa com o que aquele homem acabara de lhe causar que não conseguia organizar seus pensamentos. Suspirou.

— Porque queria saber como eram as posses do meu pai. Não foi isso que disseram sobre ele? Que ele era dono dos piores bordéis da cidade?

Adam se levantou e conseguiu arrumar a calça. A camisa aberta mostrava aquele peito viril, pontilhado por uma leve camada de pelos, o que o tornava tremendamente sedutor.

— Não disseram isso — ele tentou falar com tato, mas não podia encorajá-la em seus enganos — era verdade, e é por isso que sua mãe tirou a própria vida.

Ela se virou como se uma mola tivesse sido ativada dentro dela. Se olhares pudessem matar, teria acabado com sua vida naquele momento. Roxanne terminou de arrumar o vestido e o observou com aquela indiferença que cada vez mais o incomodava mais.

— Quer mais alguma coisa de mim?

Ele colocou as mãos nos bolsos e tentou manter a cabeça fria.

— Te proíbo de visitá-lo novamente.

— Terá que me amarrar, porque quero saber o que aconteceu.

— Que seu pai era um homem mau — lhe disse, para que não se esquecesse.

Ela deu um sorriso cínico.

— E você não?

— Talvez estivesse errado, mas não fui responsável por nada daquilo.

Por alguns momentos, se desafiaram, até que ela percebeu que não tinha mais nada a dizer a ele.

— Posso me retirar? Seus pais estão prestes a chegar.

Ele engoliu em seco. Por que seu coração estava batendo daquele jeito? Por que não conseguia parar de pensar nela desde que acordou?

— Roxanne, não faça nenhuma loucura. Esses lugares são perigosos.

Mas sua esposa não o respondeu. Foi até a porta e saiu sem olhar para trás.

CAPÍTULO 24

A condessa tocou a borda da taça com apenas um dedo e o lacaio estava pronto para enchê-la novamente.

— Se não a amarrar com firmeza, essa sua mulher vai sair das suas mãos.

Adam não estava com disposição e nem teve a cortesia de responder à mãe. Assim que chegou, foi repreendido pelo cenário das corridas, mas o que esperava ser um cataclismo se transformou em algumas reprimendas contundentes e algumas frases de reprovação, como se desfilassem pela sociedade educada nos braços de uma prostituta não fosse um pecado imperdoável para a moralidade estrita de seus pais, mas sim, o fato de sua esposa não ter aparecido para almoçar.

Algo estava acontecendo, mas não conseguia entender o que era. Depois da estranha cena na biblioteca, Roxanne mandou uma mensagem a Doris avisando que estava com dor de cabeça e não desceria para almoçar. Lorde e *Lady* Dunwich receberam a notícia com aspereza e a condessa não perdeu a oportunidade de repreendê-la.

— Tem que ter uma mão forte — insistiu. — Tem que deixar claro para a mulher qual é o lugar dela desde o início ou pagará caro.

Adam, que até então olhava perdido para as costuras da toalha de mesa, fixou os olhos nos do pai.

— Robert me contou que não conseguiu comprar Claridon Cottage.

Ele suspirou.

— Um maldito americano se adiantou. Estou tentando localizá-lo para fazer uma oferta. É evasivo e essa compra pode não ser totalmente legal.

Seu filho assentiu. Sua natureza petulante tornou-se curiosa.

— Disse-me que a licitação estava próxima.

— Muito.

— E que você apostou até o fim.

Seu pai franziu a testa, gesto herdado por ele e que aparecia quando algo começava a incomodá-lo.

— Essa terra é produtiva. Nas mãos certas, dará bons frutos.

Adam não deu trégua. Olhando em seus olhos, esboçou um sorriso vago, até mesmo assustador.

— Há muitas terras assim daqui até o País de Gales.

Seu pai manteve o olhar nele.

— Mas não por um preço tão bom.

A velha raposa sabia de tudo, mas a conversa com Robert foi esclarecedora. Por que o conde de Dunwich estava tão determinado a manter uma propriedade que mal valia?

— De acordo com Robert Carlisle — insistiu — sua última aposta foi verdadeiramente escandalosa. Mais que o dobro do valor dessas terras.

O conde jogou o guardanapo no chão e entrelaçou os dedos das duas mãos num gesto muito parecido com um aviso.

— Quer me dizer alguma coisa, Adam?

Ele recostou-se na cadeira. Sempre falava de banalidades com os pais enquanto se dedicavam a repreendê-lo. Desde que se casou com Roxanne, ele começou a se fazer algumas perguntas, e todas tinham a ver com o mesmo assunto.

Seu dedo brincou com a borda do copo.

— Estive pensando no caso Andrew Blyton.

O olhar que os pais trocaram foi tão breve quanto significativo, embora tenha sido a condessa quem foi franca.

— Esse nome não é pronunciado na minha presença.

Adam a ignorou, algo a que ela não estava acostumada.

— Lembrei-me — continuou — que ele negou todas as acusações.

Seu pai bufou de aborrecimento.

— Os culpados não fazem isso?

— E se ele estivesse certo?

Essa conversa estava começando a ficar desconfortável.

— Adam — se armou de paciência — havia evidências e testemunhas. O júri não teve dúvidas. O que é tudo isso?

A careta ácida da condessa atraiu a atenção de ambos.

— Sua esposa está envenenando sua mente — ela se virou para o marido. — Já lhe disse que pagaríamos caro pelo seu gesto de piedade para com aquela criatura doentia.

— Piedade? — Seu filho zombou. — Fico me perguntando por que escolheu Roxanne Blyton como minha esposa.

A condessa ficou furiosa. Aquele filho dela era sua desgraça. Qualquer um dos outros dois, a quem o destino injustamente tirou a vida, poderia ter-lhe dado alegria. Mas o Senhor quis mortificá-los deixando vivo o único que não merecia, aquele egoísta que só pensava no seu benefício. Empurrou a taça para longe, como se rejeitasse um cálice amargo.

— Poucas jovens concordariam em se casar com alguém como você, apesar do seu sobrenome.

— Mesmo assim, mãe, haveria alguém que não traria tanta ignomínia para sua família quanto a mulher que escolheu como minha esposa.

Lorde Dunwich tentou permanecer paciente diante das perguntas absurdas de um filho rebelde.

— Nossa obrigação é ser piedosos com os pecadores.

Mas ele não se curvou.

— Ela não é responsável pelo que seu pai fez. — Ele fez uma pausa para beber um pouco de vinho. — Insisto, ainda me surpreende que agora mesmo tenha decidido que deveríamos ser caridosos com essa família.

A condessa, com o rosto transformado numa careta de indignação, ia falar quando o marido levantou a mão para indicar que não deveria intervir.

— O pai dela e eu éramos amigos.

Adam sorriu, mas seus olhos permaneceram frios, gelados.

— Até você testemunhar contra ele.

— Não era nem uma obrigação, e as informações que me chegaram da fonte mais confiável não permitiam dúvidas. — Lhe apontou com a palma da mão. — Preciso lembrá-lo de que você também fez isso? Seu depoimento foi um dos mais aplaudidos.

Então, o rosto de Adam ficou pálido.

— O testemunho que você me ditou.

Seu pai deu de ombros e voltou sua atenção para o que estava em seu prato.

— Fez a coisa certa, não duvide.

A condessa fez o mesmo, como se a conversa tivesse chegado a um beco sem saída.

Sempre era assim. Quando se aprofundava em algo que os incomodava, consideravam o assunto resolvido e agiam como se nada tivesse acontecido. Odiava isso. Detestava isso. Ele se rebelou contra esse modo de agir durante toda a vida.

Jogou o guardanapo na toalha de mesa e se levantou.

— Tenho que sair.

Sua mãe ficou escandalizada.

— Nos deixará sozinhos à mesa?

— Acho que não precisam de mim para terminar de comer. — Se dirigiu até à porta, mas se virou antes de sair, com um sorriso encantador no rosto. — Ah! E minha esposa e eu estamos progredindo em relação à prole. Se tudo correr bem, em breve haverá um novo Blyton na nossa família.

O rosto da condessa se contorceu.

— Descarado!

Ele ficou satisfeito e fez uma reverência.

— Pais.

E, sem mais delongas, saiu, pois não aguentava mais um segundo ali.

CAPÍTULO 25

Roxanne abriu a pequena janela deslizante que ligava o interior da carruagem ao banco onde estavam sentados o cocheiro e um dos lacaios.

— Poderíamos ir mais rápido? — implorou.

O cocheiro baixou ligeiramente a cabeça.

— Claro, *milady*. — E os cavalos partiram a trote, embora as ruas de Londres estivessem movimentadas.

Ela tinha estado andando de um lado para o outro no seu quarto como uma fera enjaulada desde que subiu da biblioteca. Se estava tão certa de que odiava Adam Baxley com toda a sua alma, por que, então, quando caía nos braços dele, se sentia a mulher mais feliz do mundo? Isso tinha acontecido cada vez, e agora ela reconhecia o turbilhão de sensações que sentia na presença dele e que antes identificava como aversão: era paixão e desejo, amor e luxúria, e, acima de tudo, uma necessidade irresistível de estar ao lado dele.

Isso foi o que mais a perturbou, a constatação de que tudo o que ela havia criado em sua mente durante anos em torno da figura de quem agora era seu marido estava desmoronando a uma velocidade vertiginosa.

A chegada de Doris em seu quarto lhe deu um pouco de calma.

— Meus sogros foram embora?

A empregada se aproximou da penteadeira. As roupas de *milady* estavam desarrumadas, como se ela tivesse passado por um ciclone.

— Ainda não, mas o senhor sim.

Roxanne a olhou, surpresa.

— E os deixou sozinhos?

Em resposta, Doris entregou-lhe um envelope de papel lacrado.

— Te trouxeram um bilhete, *milady*.

Ela o pegou entre os dedos. Nenhum remetente aparecia.

— *Lady Albyn*?

A garota encolheu os ombros.

— Não especificaram e o laçaio insistiu que lhe fosse entregue em mãos imediatamente.

Isso a deixou intrigada. As estritas normas sociais definiam um protocolo claro para esse tipo de correspondência. Elas sempre deveriam ser lacradas com as armas de cada casa, ou assinadas de forma que não houvesse dúvidas.

Quebrou o selo e teve que ler várias vezes a linha simples escrita em caligrafia elegante e feminina.

Venha para minha casa agora. É importante. MC

Não tinha dúvidas de que era um bilhete de Camille. Ela se perguntou o que teria acontecido, já que era completamente incomum que ousasse contatá-la por esse meio.

Desta forma, havia pedido a Doris que a acompanhasse e, depois de arrumar o vestido, chegavam naquele exato momento ao apartamento de *madame*.

Como outras vezes, a criada lhe implorou que tivesse cuidado e, como tantas outras vezes, acalmou-a e pediu-lhe que a esperasse no coche.

Quando chegou lá em cima, a criada abriu tão rapidamente que mal teve tempo de bater na porta. A conduziu por um corredor que ela já conhecia até a sala de

estar. Quando abriu a porta e a deixou entrar, Roxanne congelou, porque não esperava o que encontrou.

Camille estava sentada no sofá, um tanto rígida, com uma expressão desconfortável. Ao seu redor havia cinco mulheres e conhecia todas elas. Ela as visitara naquela noite, andando de mãos dadas com Doris e o corajoso porteiro até os piores bordéis da cidade, onde cada uma podia lhe dar o endereço da próxima.

Ela se encontrou com todas e extraiu de cada uma a promessa de que a ajudariam se necessário, e que ela interviria para tirá-las de onde estavam.

Por que estavam lá? O que estava acontecendo?

As palavras de Camille esclareceram suas dúvidas.

— Já é hora de nos contar tudo.

Tinha sido tão ingênua em pensar que só prometendo-lhes o mesmo que seu pai deveria ter garantido alguns anos atrás seria suficiente.

Havia chegado o momento. Ela recolheu a saia e aceitou a oferta de Camille para se sentar. Então olhou para todas elas, uma por uma. A mais velha não devia ter mais de vinte e cinco anos, mas parecia ter quarenta. Apenas Camille parecia ter um acordo com o maligno para que o tempo não tocasse sua pele.

— Não tenho certeza se gostará do que ouvirá — ela se ouviu dizer.

Uma das mulheres, segurando com força uma bolsa muito surrada, inclinou-se para a frente.

— Se ela é filha de Andrew Blyton, como disse, merece ser ouvida.

Ela agradeceu com um olhar. Tinha tudo contra ela, mas precisava convencê-las.

— Perdi meu pai muito cedo e ele não teve tempo de me contar seus planos, mas sei que tudo o que foi dito sobre ele é falso.

— Tem prova disso? — perguntou outra das meninas, mais desconfiada.

Roxanne olhou para o chão. Isso era o que não tinha. É por isso que precisava delas.

Se virou para Camille e encontrou seus olhos frios.

— Ouvi-o várias vezes falar de você. Nada em suas palavras me deu a impressão de que estivesse relacionado com o que o acusaram mais tarde.

— E nós? — disse outra delas.

Era tudo conjectura, sabia, mas tivera tempo suficiente para juntar tudo e chegar a uma conclusão que tinha toda a aparência de ser verdade.

Ela enfiou a mão na bolsa de pano até tirar um pedaço de papel amassado e bem manuseado. O entregou a Camille, porque presumiu que ela seria a única que saberia ler.

— Consegui levar pouquíssimas coisas comigo quando nos expulsaram de casa, mas meu pai insistiu para que eu ficasse com isso. Aqui estão listados os nomes de cada uma e os endereços onde exerciam suas atividades quando papai estava vivo.

Camille pegou-o surpresa e desdobrou-o com cuidado. Ao passar os olhos por cada linha, sua expressão tornou-se menos sombria.

— Mary Smith — leu — Margaret O'Hara... — ergueu os olhos para olhar nos dela — estão mortas.

A mesma garota que falou no início moveu o corpo para frente novamente.

— Três anos é muito tempo para o nosso tipo de vida.

Roxanne agradeceu com um leve sorriso.

— Meu pai foi acusado de administrar nas sombras a maior rede de bordéis de Londres, de comprar mulheres e forçá-las à prostituição, de contratar cafetões e de se livrar daquelas que não eram lucrativas.

— Foi provado em julgamento — corroborou outra.

— Um julgamento — argumentou Roxanne — onde as principais testemunhas eram meu sogro e meu marido, o primeiro com reputação imaculada e o segundo habilidoso

em visitá-las — apontou para a folha de papel ainda entre os dedos de Camille — assim como foram as mulheres dessa lista que já não estão vivas.

Várias garotas trocaram olhares. Algumas dessas mortes foram estranhas. Mary foi encontrada afogada no rio e Margaret acordou morta em sua cama. Ninguém se importou com a maneira como morreram. Ninguém fazia nada por mulheres como elas.

A mais relutante perguntou com cautela.

— O que acha que aconteceu?

Roxanne sempre teve isso muito claro.

— Meu pai dedicou sua vida a salvar as mulheres de um destino que pode ser pior que a morte. Vocês mesmas me confirmaram que foi disso que falaram quando ele veio vê-las.

— Isso não prova nada — disse Camille.

— Ele tentou forçá-la? — Roxanne perguntou, olhando para elas uma a uma.

— Não — responderam duas ao mesmo tempo.

— Sofreu represálias após sua visita?

— Não — disse outra.

Suspirou. Ela estava certa de que tinha descoberto a verdade, e aquilo provava isso.

— Ele sabia quem estava por trás disso tudo, por isso o acusaram.

O olhar de Camille parecia congelado, mas era possível que fosse apenas terror.

— O conde de Dunwich? — explicou *madame* em voz baixa.

Roxanne demorou um pouco para responder. Quando o fez, não teve vergonha.

— Seu filho, Adam. Meu pai caiu em desgraça quando começou a visitar você, que pretendia levar de Londres para libertá-la em Paris apesar do bloqueio naval, estou errada?

— Tínhamos combinado que partiria no dia seguinte..., mas prenderam-no — confirmou.

— Adam descobriu e não teve escrúpulos em sacrificar um dos melhores amigos de seu pai para conseguir o que queria.

De certa forma, Camille já suspeitava que havia algo obscuro por trás de suas visitas. Eram tão obsessivas com um rapaz que poderia ter tudo que chegaram a alarmá-la.

— Se isso fosse verdade — acrescentou — qual é o seu plano?

Roxanne lambeu os lábios. Se tudo corresse mal, terminaria os seus dias num castelo irlandês rodeada de criados e isolada da sociedade. Mas aquelas mulheres...

— Quero fazer com que se delate — disse. — Conseguir que se delate para levá-lo à justiça e reconstruir o nome do meu pai.

Um beicinho de descrença se formou nos lábios de Camille.

— E como planeja consegui-lo?

— Com a ajuda de todas. — As olhou, uma por uma. — Tenho um plano. Mas primeiro é necessário que Adam confie em mim.

— E o fará? — perguntou uma delas, com olhos de cervo assustado.

— Não — isso não tinha certeza. — Mas se conseguir fazer com que ele me queira o suficiente, vou levá-lo para onde preciso, como um cachorrinho.

Houve silêncio ao redor delas, até que Camille sorriu, e todas entenderam que não tinham outro jeito se quisessem sair de onde estavam.

CAPÍTULO 26

Robert Carlisle ergueu a cabeça que estava submersa entre as pernas daquela criatura deliciosa e olhou feliz para o recém-chegado.

— Adam! — exclamou, apesar das reclamações da amante, que estava passando por uma das partes mais deliciosas do transe amoroso e não queria que ele parasse. — Junte-se a nós.

Adam Baxley acabara de entrar e seu rosto estava especialmente grave, mas não ficou chocado com a cena que se desenrolava diante de seu nariz, tendo esquecido que havia uma reunião naquele dia.

Seus cinco amigos inseparáveis estavam tão nus quanto suas acompanhantes e ocupavam qualquer espaço confortável da agradável sala. Os suspiros e gemidos se sucederam, e assim que James conseguiu levar a mulher em seu colo ao paroxismo, Archibald seguiu a ordem de sua amante para fazê-lo com mais força, enquanto sua boca saboreava as delícias de outra delas. John estava atualmente brincando com duas criaturas prazerosas e, pelo que parecia, estava conseguindo satisfazer as duas. Por fim, August optou por algo mais tradicional para aquela fase do cortejo e estava praticando o missionário clássico com uma dama experiente, que não parava de elogiar a habilidade do rapaz.

Em outro momento, teria participado daquela orgia, tanto que lhe seria impossível esquecer que dia era e as responsabilidades inevitáveis de um membro do Clube dos

Cavalheiros Piedosos, mas a expressão de aborrecimento que mostrava quando confrontado com algo que escandalizaria qualquer um, foi mais do que significativo.

— Podemos conversar? — perguntou a Robert, agachando-se para que pudesse ouvi-lo, já que as coxas da garota aprisionavam sua cabeça.

— Tem que ser agora? — Ele a ergueu para dar-lhe um olhar desconfortável. — Não sei se percebeu, mas estou ocupado.

Adam não cedeu.

— Serão apenas cinco minutos.

Um suspiro escapou da boca de seu amigo, fazendo sua amante estremecer de prazer.

— É disso que preciso para que minha amiga fique satisfeita. Poderá esperar?

Adam foi direto.

— Não.

Quando algo lhe entrava na cabeça... Dedicou um olhar cortês à moça, que mostrava olhos decepcionados.

— Senhorita, me perdoa?

Ela bufou irritada, levantou-se e procurou outro dos cavalheiros que mantivesse os lábios livres. Quando Robert se levantou, desganhado e muito excitado, procurou um dos copos que um lacaios lhe estendia e colocou a mão nos ombros do amigo para conduzi-lo a outra das salas.

Não se preocupou em se vestir. Aqueles cinco jovens haviam se visto de todas as maneiras possíveis e sua intenção era voltar ao encontro encantador o mais rápido possível, desde que August não satisfizesse sua acompanhante antes que ele tivesse tempo de retornar.

A sala vizinha tinha uma pequena poltrona onde Robert desmoronou para saborear o vinho.

— Estou começando a pensar que deveríamos expulsá-lo do clube — disse ele no ar. — Desde que se casou, se tornou o cara mais chato de Londres.

Adam, andando de um lado para outro como um lobo enjaulado, não lhe prestou atenção.

— Tenho um problema. Um problema sério.

Isso fez seu amigo se incorporar, preocupado.

— Posso ajudar?

— Preciso do seu conselho.

Robert assentiu. Já fazia algum tempo que Adam não participava das reuniões, quando antes ele era um dos membros não só mais ativo, mas também mais resistente. Tentou encontrar uma explicação para seu problema e apenas uma lhe veio à mente.

— Será que essa parte da sua anatomia que faz nossas amigas tão felizes não consegue levantar a cabeça?

Adam bufou.

— É sobre Roxanne.

Pronunciar o nome da esposa num lugar tão sagrado fez com que ele cruzasse as pernas.

— Estou chocado que não chame sua esposa de *Lady* Dunwich. Dirigir-se a ela pelo primeiro nome é tão íntimo que deveria ser proibido.

Adam sentou-se para se levantar novamente, inquieto.

— Pensa coisas horríveis sobre mim.

— E desde quando se preocupa com isso?

— Estou preocupado com ela. E muito.

Seu amigo o observou andar de um lado para outro em direção à janela. Aquele cavalheiro à sua frente havia sido um dos mais arrogantes, insensíveis e desrespeitosos que já conheceu. E desde a maldita data do seu casamento, estava irreconhecível.

— O que o casamento fez contigo, meu querido amigo?

Ele mal respondeu.

— Esta noite acordei pensando nela, e quando cumprimos nosso dever de casal...

— Se refere a...

Nenhum dos dois usou o termo exato, apesar de serem fãs dele.

Adam caiu de volta na cadeira. Parecia desesperado, o que impressionou vividamente seu amigo.

— O que há de errado comigo, Robert? Por que sinto essas coisas por uma mulher que deveria desprezar?

Não sabia, mas os sintomas eram claros. Conheceu outros cavalheiros que enlouqueceram quando o amor bateu à sua porta, mas nenhum teve o mau gosto de se apaixonar pela própria esposa. Isso era proibido. Nem mesmo o Príncipe Regente tinha um senso de humor tão ruim.

Tentou consolá-lo.

— E Camille?

Adam bufou.

— Desde as corridas não quer me ver. Não que eu também tenha vontade.

Robert decidiu ir direto ao ponto, mesmo que isso significasse dizer a palavra proibida.

— Está me dizendo que está começando a... se apaixonar por sua esposa?

O rosto de Adam ficou mais lívido, mas ele não negou, como seria de esperar.

— Talvez seja apenas uma coisa temporária — se desculpou.

Isso era sério. E muito. Especialmente quando se tratava da família à qual *Lady Dunwich* pertencia.

— Além de ser de terrível mau gosto — argumentou Robert — é dramático para um cavalheiro sentir inclinações sentimentais pela mãe de seus descendentes. E ainda mais se ela é filha do perverso Andrew Blyton.

Adam colocou a mão no cabelo e seus dedos se perderam nos fios bagunçados.

— O que posso fazer?

Segundo diziam os poetas antigos, tirar a vida era a única solução possível para tal catástrofe, mas não podia

aconselhá-lo sobre algo assim. Tentou ser civilizado.

— Fale com ela.

Adam bufou novamente.

— Isso resolverá?

Claro que não, mas isso o ajudaria a se acalmar, e talvez, com o tempo...

— Deixe claro que para você, nada mais é do que uma transação comercial — não havia outro remédio — como manda a decência. E não mostre o menor sinal de prazer enquanto faz isso. Que fique claro que é uma mera obrigação, algo que até te repele. Entendeu?

Parecer indiferente entre as pernas de Roxanne? A última vez que se viram, sua intenção era desprezá-la, e acabou fazendo amor com ela de uma forma tão selvagem que ainda o atacava à noite e tinha sonhos tão tórridos quanto molhados.

— Isso vai funcionar? — ele conseguiu dizer. — Foi assim que nos conduzimos no início e vejam onde chegamos.

Robert estendeu a mão e a colocou no joelho dele. Era essencial que entendesse isso. Uma vez acesa a chama em um deles... quem não disse que outro membro do clube começaria a sentir algo romântico por uma mulher? O que seria deles? O que seria do bom gosto?

— Seja firme e retome seu comportamento de cavalheiro degenerado — aconselhou-o com firmeza, apesar de estar nu e ainda excitado. — É a única coisa que pode salvá-lo de um casamento feliz.

Adam assentiu.

— Falarei com ela esta noite.

Robert o encorajou.

— Lembre-se. Não ceda. A indiferença é sua arma. Inexpressividade, sua força. Não demonstrar emoções, sua salvação.

Adam parecia doente, ou pelo menos era isso que suas olheiras indicavam.

Levantou-se. Tinha que voltar. Roxanne voltaria em breve.

— Farei isso.

E partiu, apesar dos presságios sombrios que inundaram o coração de Robert.

CAPÍTULO 27

O prazer não tem mais segredo do que a dedicação, murmurou *madame* Camille, passando levemente as pontas dos dedos pela balaustrada encerada.

Se Roxanne queria subjugar a vontade de Adam Baxley, era necessário que ele caísse em suas armadilhas, que a desejasse tanto que sua ausência fosse dolorosa para ele, que fosse um castigo passar um dia sequer sem tocar um pedaço de sua pele, que se tornasse irresistível para ele.

Um leve gemido escapou de sua aluna, mas ela não disse nada.

Camille a levou até Old Street, para uma casa de aparência ameaçadora com acesso pelo primeiro andar.

Não tinha certeza de qual era a intenção dela, mas quando um cara mal-encarado as deixou passar e entraram em uma galeria, sabia qual seria a natureza de sua lição.

O interior era muito diferente. Embora um tanto antiquado, seus proprietários não pouparam despesas. O piso de madeira polida foi acarpetado com peças de qualidade, macias e de cores suaves. Havia quadros nas paredes e lustres com todas as velas acesas, tantas que parecia que a luz do dia inundava o interior. Móveis de qualidade e amplo espaço para criar uma sala de estar.

Elas podiam vê-lo de cima, da galeria superior pela qual haviam entrado na casa, de modo que tinham uma visão privilegiada do que estava acontecendo lá embaixo.

Nos confortáveis pufes e nos tapetes macios, uma profusão de corpos nus entrelaçados em busca de prazer, e

em todas as posições imagináveis.

Camille lhe dissera que aquele era um dos bordéis mais exclusivos de Londres, onde seu pai tentara resgatar algumas das prostitutas que trabalhavam lá, se o que Roxanne lhe disse fosse verdade.

Havia mais mulheres do que homens, mas todas se entregavam ao prazer de tal forma que o ar ficava embalsamado de gemidos, de suspiros silenciosos que às vezes se transformavam em gritos de êxtase quando alguém estava prestes a atingir o clímax.

Daquela altura, adquiria um ar de irreabilidade, como se contemplasse uma pintura em movimento onde sátiros e ninfas se entregavam sem reservas à sua natureza.

Roxanne sentiu-se incapaz de tirar os olhos da cadência rítmica daquelas evoluções, dos corpos nus e das contorções que alguns daqueles casais adquiriam para mergulhar mais fundo no gozo.

Camille falou novamente.

— A primeira regra para dar prazer é se concentrar no que sente.

Por um momento, pensou que sua professora havia cometido um erro.

— O que ele sente?

— Isso virá mais tarde. — Mal sorriu. — Amantes inexperientes baseiam seus encontros amorosos em fazer o outro sentir, e isso é um erro, pelo menos no início.

Essa reflexão a surpreendeu. Como poderia seduzir Adam se não colocasse todas as suas intenções em agradá-lo?

Desviou o olhar por um momento de um casal copulando em uma plataforma coberta de veludo. Ela estava com os braços abertos e os olhos fechados. Parecia dominada por um estado tão prazeroso que nenhum estímulo além do gozo poderia alterar qualquer um de seus sentidos.

— E como se faz? — perguntou.

Madame demorou alguns momentos antes de responder. Os gemidos dos amantes chegavam até ela como um coro celestial, ou pelo menos assim lhe parecia.

— Concentre-se nas sensações da sua pele — explicou, como um professor para um público atento. — Saboreie até extrair todas as nuances do gosto da sua boca. Explore com os olhos os recantos que compõem o corpo do seu amante, sem julgamentos, permitindo que seus estímulos se transformem em sensações. Coloque toda a sua atenção no que ouve, no som da sua boca quando beija a outra, nos sons de dois corpos se juntando, no que a garganta do seu parceiro grita. Embriague-se com os aromas do sexo.

Aquela ideia lhe era tão estranha... Gozar para que seu amante também o fizesse.

— Isso fará com que Adam me deseje? — perguntou, não sem descrença.

Camille lhe sorriu. Aquela primeira lição nunca era fácil de assimilar, mas se não fosse compreendida com toda a sua importância, nada do que fizesse valeria a pena.

— Isso lhe dará um prazer como nunca imaginou — lhe disse — e não há nada que excita mais um amante do que o prazer que produz no outro, qualquer que seja o meio de recebê-lo. Mas esta é apenas a primeira regra.

Roxanne teve que engolir em seco, pois os acontecimentos que estavam se produzindo diante de seus olhos, longe de chocá-la, apenas despertaram nela uma deliciosa curiosidade.

— E o segundo? — perguntou.

— Sinta suas emoções. Se atingir um nível exato de comunhão com o outro corpo, será capaz de prever o que suas mãos e sua boca, seu corpo e seu coração deverão fazer. Se conseguir isso, tornará seu encontro amoroso inesquecível.

Um dos homens atingiu o orgasmo com um gemido tão grande que Roxanne abriu a boca numa estranha

confusão.

— Tem mais? — lhe perguntou, sem conseguir tirar os olhos do rosto extasiado do sortudo.

Camille ficou satisfeita ao ver que sua aluna estava aprendendo sem reservas. Não era fácil. As mulheres eram educadas alheias às sensações do seu corpo. Qualquer outra pessoa ficaria chocada com o que estava acontecendo lá embaixo. Não Roxanne. Ela parecia tão curiosa quanto livre de preconceitos.

— Renda-se sem reservas — disse finalmente. — Tem que se aproximar do sexo da mesma forma que uma noviça diante de Deus. De braços abertos e nada a esconder. Não retenha nada, não esconda nada, não deixe de experimentar tudo o que deseja.

A garota não teve escolha a não ser olhar para ela. Havia observado o abandono ao qual aquelas pessoas se entregavam. O que aconteceria se ela se entregasse assim a um canalha como Adam Baxley?

— Isso me assusta — foi capaz de dizer.

Camille assentiu.

— O prazer assusta. É por isso que somos uma sociedade que tende à tristeza e ao desespero, porque não nos entregamos abertamente a isso.

Roxanne considerou essas palavras. Eram estranhas, mas tinham algo que as tornava reais, verdadeiras.

Procurou os olhos de Camille. A olhava com uma mistura de curiosidade e admiração.

— Você...? — Não poderia fazer essa pergunta à distância. — Coloca tudo isso em prática?

Madame assentiu lentamente.

— Assim como você fará. Me dedico de forma absoluta a cada cliente. Com tanta coragem como se minha vida dependesse disso. Mas há apenas uma barreira.

— Qual?

Olhou nos olhos dela, atentamente, para ter certeza de que a entendia.

— Após a explosão da paixão, reserve alguns segundos para acalmar sua alma e repita para si mesma o que realmente deseja. No meu caso, ter velhice garantida. Na sua, vingar-se de Adam Baxley.

A sobancelha de Roxanne se contraiu.

— O que quero é justiça.

Quando Camille respondeu, não havia nenhum traço de cinismo em seu tom.

— Tem certeza?

Percebeu que poderia haver um indício de verdade no que sua tutora acabara de dizer, mas não queria verbalizar isso.

— Sim, claro.

Camille assentiu novamente.

— Nesse caso, é fundamental que, depois de deitar-se com ele, se apegue a esse objetivo de justiça. Absolutamente essencial.

— Por quê?

A mão de Camille foi até seu ombro e descansou ali, como se quisesse que essas palavras ficassem gravadas nela.

— Porque se não fizer isso, o prazer pode se transformar em amor, e quando isso acontecer, estará perdida.

CAPÍTULO 28

Adam ficou surpreso com aquelas batidas na porta tão tarde. Seu criado já o havia atendido e, a menos que fosse algo urgente, seu valete geralmente não o incomodava àquela hora da noite.

Estava com as mangas da camisa dobradas até o cotovelo, embora o sono não parecesse pronto para aparecer. A conversa com Robert não lhe saía da cabeça, e ele chegara à conclusão de que, na manhã seguinte, sem qualquer desculpa, falaria com *Lady* Dunwich, como pretendia chamar sua esposa a partir desse momento, e deixaria claro os princípios que marcariam seu relacionamento, e todos eles tinham a ver com o distanciamento.

As batidas suaves se repetiram novamente, então Adam foi até a porta. Ao abri-la, estava com a maçaneta na mão, os olhos fixos e uma expressão no rosto que parecia ter visto um fantasma.

Repetiu mentalmente o sábio conselho que Robert lhe dera: “a indiferença é minha arma. Inexpressividade, minha força. Não demonstrar emoções, minha salvação”.

— Podemos conversar? — perguntou Roxanne, que esperava do outro lado com um candelabro na mão e a expressão mais inocente possível no rosto.

Adam a olhou de cima para baixo, e voltou a olhá-la da mesma forma.

Ela estava usando uma camisola longa de musselina, tão fina que suas formas podiam ser vistas através do

tecido. Sobre ela, um roupão do mesmo tecido, que acentuava o formato dos ombros e dava dimensão ao peito, cujo vale era visível. Seus cabelos estavam soltos, ondulados e selvagens, e a luz flamejante das velas trazia nuances à cor de seus olhos que tornava difícil parar de olhar para eles.

Diante da impassibilidade de Adam, ela pigarreou, incomodada, e só então ele reagiu recuperando a atitude séria.

— Não poderíamos esperar até amanhã para conversar?

Ela não hesitou. Afastou uma mecha de cabelo que caía sobre seu ombro, deixando todo o seu busto exposto.

— Eu gostaria de resolver isso o mais rápido possível.

Adam ainda duvidava disso, mas concluiu que lhe foi dada a oportunidade de esclarecer as coisas ali mesmo, sem ter que esperar até o dia seguinte, então ele se afastou.

— Entre.

Ela passou por ele, arrastando atrás de si um perfume delicioso com aroma de sândalo e tuberosa. Entrou debaixo da pele até arrepiar. “ A indiferença é minha arma ”, repetiu para si mesmo, mas isso teve pouco efeito sobre ele, principalmente quando ela andou pelo quarto, deixando a mão acariciar os móveis que encontrava em seu caminho, de uma forma tão doce que teve que engolir seco.

Ela se virou para encontrar seus olhos.

— Nunca estive no seu quarto antes.

Ele pensou na cama. Nos lençóis macios e quentes, no acolchoado fofo, na resistência daquelas quatro pernas sóbrias.

"Inexpressividade, minha força."

Ele limpou a garganta novamente e tentou fazer um gesto inofensivo que mal saiu.

— Disse que tinha algo urgente para discutir. — Ele manteve o máximo de formalidade possível, mas ela não

estava ouvindo.

Com passos lentos, continuou andando pelo quarto, e quando acariciou o travesseiro, quando seus dedos roçaram o tecido, um arrepio percorreu a espinha dele.

Roxanne olhou para uma pintura na frente da cama. Representava uma bela mulher nua deitada numa cama.

— Dânae? — perguntou, embora não houvesse chuva dourada.

Ele pensava na mesma coisa, no deus Zeus em forma de orvalho divino fertilizando entre as pernas da princesa argiva, causando-lhe um desconforto visível dentro da calça. “Não demonstrar emoções, minha salvação”.

— É Vênus — ele conseguiu articular. — Mas me disse, *milady*, que tinha algo para me dizer que não podia esperar.

Roxanne se virou e colocou a mão no pescoço.

— Está muito quente neste quarto?

E se livrou do roupão, que caiu a seus pés, deixando a camisola decotada presa apenas por duas alças leves, tão frágeis que podiam se desfazer com um suspiro.

Adam prendeu a respiração. Ele a queria. Ele a desejava de uma forma tão desprezível quando se tratava de sua esposa que até ele tinha um problema de consciência. Apontou para a porta, embora uma de suas mãos tremesse de desejo.

— Seja lá o que for, acho que devemos cuidar disso amanhã.

— Amanhã é o baile dos Wycombe. — Roxanne se aproximou dele, lentamente. — Acho que temos que chegar a alguns compromissos se ambos vamos comparecer.

Adam engoliu em seco, mas não saiu de onde estava.

— Por exemplo?

— Não tentará me humilhar.

Ele foi capaz de assentir.

— Me parece bem.

Ela deu outro passo.

— Se comportará de maneira civilizada.

— Não sei se saberei fazer isso — disse ele depois de não resistir a um gemido.

E mais um passo, tão perto que o perfume de Roxanne o invadiu, e tudo ao redor ficou invisível. Só ela. Apenas Roxanne.

— E fará amor comigo quando voltarmos para casa.

Uma das alças leves do vestido escorregou de seu ombro, deixando-o indefeso, e Adam não aguentou mais.

Ele se lançou sobre a boca dela como um homem sedento sobre uma taça de vinho congelada, mas ela o deteve colocando as mãos em seu peito, evitando que o alvo que eram seus lábios fosse conquistado.

Adam piscou, confuso. Ela não tinha ido para o quarto dele à noite e malvestida? Não concordaram em fazer amor? Não...? Mas Roxanne sorriu e foi ela quem o beijou, bem devagar. Lentamente. Como se precisasse sentir o toque suave da pele, o calor, a pulsação que gemia embaixo dela.

Ele aceitou e deixou que fosse feito. Os lábios de sua esposa, da mulher que ele havia rejeitado desde o primeiro momento, tocaram os seus, mediram-nos, beijaram-nos com tanta ternura que uma dor de desejo se alojou em suas entranhas como nunca antes.

As mãos que o detiveram começaram a tocar seu peito forte. Era algo leve. Como se Roxanne precisasse sentir antes de poder fazê-lo sentir. Uma daquelas mãos divinas alcançou seu pescoço e parou logo acima de uma poderosa artéria que batia no mesmo ritmo acelerado de seu coração. Foi então que um gemido escapou dos lábios de sua esposa, e ele teve a sensação de que nunca havia desejado ninguém enquanto ansiava pelo corpo de Roxanne naquele momento.

Mas ela, novamente, o conteve. Continha seu desejo, sua força, e o guiou por um mundo de carícias suaves e precisas, desinibidas, mas tão delicadas que sua pele reagia a cada uma delas de uma forma até então desconhecida.

Quando Roxanne se afastou alguns passos e o contato entre suas peles foi perdido, ele acreditou que o mundo se desfaria da mesma forma que foi criado. Mas ela manteve o olhar fixo nas pupilas dele, e abriu levemente os lábios inchados com beijos, para deixar a outra alça se soltar e a camisola cair no chão, deixando-a nua diante dele.

Adam ofegou. Havia algo no modo como ela se oferecia, no modo como o chamava, que a tornava tão atraente que não pôde evitar sair em sua busca.

Ela pegou a mão dele, reprimindo seu desejo, e o levou para a cama. Deitou-se lentamente, com uma das mãos sob os cabelos abundantes e a outra na barriga, numa postura muito semelhante à da Vênus pintada em frente, e que empalidecia diante da beleza exuberante de Roxanne.

Da melhor maneira que pôde, Adam livrou-se de suas roupas. O desejo lhe doía, o atormentava e ele nunca sentiu tanta necessidade de satisfazê-lo. Mas o sorriso da esposa lhe disse para não ter pressa, que não havia pressa, que a noite estava apenas começando.

Ao se deitar sobre o corpo dela, o fez bem devagar, sentindo como cada parte dele entrava em contato com sua pele deliciosa, e uma sensação desconhecida o envolveu, como se tivesse acabado de mergulhar no banho mais prazeroso possível.

Ela gemeu e abriu os lábios, então ele teve que beijá-la, e quando viu os arrepios de prazer no rosto dela, o mesmo que estava lhe dando, aquelas emoções inexplicáveis explodiram em seu peito, enchendo-o de algo muito parecido com a felicidade.

Se amaram olhando nos olhos, como se dessem fôlego um ao outro. E quando ele estava totalmente dentro, ela mordeu os lábios e jogou a cabeça para trás, sem conter o enorme prazer que sentia, e ele jurou a si mesmo que aquilo era o que sempre tinha buscado, embora não terminasse de compreendê-lo, embora não tivesse uma lógica que chegasse a entender.

Amaram-se com aquela paciência que desencadeou uma torrente de gemidos, com a calma de quem quer saborear cada um dos movimentos de uma mão, de um beijo, de uma carícia, de um corpo contra o outro.

Ela havia atingido o paroxismo duas vezes e abertamente quando ele finalmente se deixou fluir. Suas emoções foram destiladas em um líquido leitoso que a inundou de prazer, e quando finalmente terminou, teve que beijá-la, abraçá-la, e permaneceu dentro dela, tentando compreender aqueles sentimentos deliciosos que o dominavam.

CAPÍTULO 29

O amanhecer os surpreendeu amando-se novamente, como já haviam feito em cada uma daquelas vezes em que a sonolência deu lugar ao desejo.

Depois de permanecerem nos braços um do outro, ele pulou da cama nu, vasculhou uma gaveta e voltou com algo escondido em uma de suas grandes mãos. Roxanne o olhou com curiosidade e sentou-se na cama. Se sentia feliz. Talvez como nunca antes. Os lençóis bagunçados que cheiravam a sexo haviam se tornado seu feudo particular, um reino onde só os dois viviam.

— Gostaria que pegasse — disse ele, sentando-se de frente para ela.

Ele abriu a mão e mostrou-lhe um anel. Era muito simples. Um anel de prata de baixa qualidade e sem nenhuma gravação, que não fechava para poder ajustá-lo à espessura de cada dedo.

Roxanne o olhou. Sua pele ainda sensível sob o prazer do último orgasmo. Sob aquela súbita sensação de felicidade, estava muito confusa. Havia chegado até ali naquela noite com a ideia clara de subjugar Adam, de ganhar sua confiança, e parecia ter conseguido. Por que ela se sentia tão desconfortável então? Por que, naquele exato momento em que ele lhe oferecia um simples presente, não conseguia olhá-lo nos olhos, quando o tinha feito intensamente enquanto a fazia dele?

— As mulheres da minha família herdaram umas das outras um anel muito antigo e valioso — disse ele. — O Dunwich que herdará os títulos é dado à sua esposa como presente de casamento. Ofereci-o muito recentemente, antes de saber que você existia, a uma mulher que pensei que amava. Foi um erro.

Ela piscou várias vezes. Tinha que ser Camille. Estava lhe dizendo que não a amava mais? Recompôs um sorriso. Isso tornava tudo ainda mais difícil.

— Então não é esse anel.

Ele sorriu. O rosto que a assustara, agora parecia o mais encantador. Adam Baxley, com o cabelo despenteado e um lindo sorriso nos lábios, foi a coisa mais próxima da felicidade que já havia tocado com a ponta dos dedos. Adam pegou a mão dela.

— Aquele anel está impregnado pela dor e pelas mentiras. Muitas de suas possuidoras foram desgraçadas. Minha mãe é. Por isso quero te entregar este.

Ela o pegou com cuidado. O manteve perto dos olhos para apreciar sua simplicidade.

— É bonito.

Adam sorriu novamente.

— Foi um presente de aniversário da minha babá. Ela era a única pessoa que tenho certeza que me amava pelo que sou. Quando meus pais descobriram que eu gostava dela, imediatamente a mandaram embora, pois eu poderia me tornar um fraco, o que não poderia existir na natureza de um Dunwich. Eu tinha sete anos. Nunca mais tive notícias dela.

Essa história, que a tocou, explicava parte do comportamento de Adam. Uma criança criada sem amor, longe de todo carinho, esculpida para não ter escrúpulos.

— Por que está me dando isso? — perguntou. — É valioso para você.

Ele levou a mão aos lábios e deu um beijo profundo em sua pele que fez Roxanne experimentar outra daquelas

correntes que a percorriam quando ele estava por perto.

— Por isso — ele respondeu. — Porque este pode ser o início de uma tradição onde apenas os que foram felizes juntos cedam o anel.

Roxanne sentiu seus olhos brilharem. A felicidade que tentava dominá-la naquele momento foi corrompida quando sua mente recuperou a sanidade e a lembrou por que estava ali e quem Adam Baxley realmente era. Ele não era o homem gentil e delicado daquela noite, mas sim um homem sem coração. Não era o amante carinhoso e atencioso, mas um canalha. Não era o cavalheiro amoroso e gentil que a possuiu gentilmente, mas um canalha sem sentimentos.

Não poderia ser enganada por sua conversa. Possivelmente, a coisa do anel não passava de um estratagema e ela ainda era a mesma vítima com quem havia se casado.

Roxanne sorriu, mas seu olhar era diferente, nublado por sensações conflitantes e ofuscado por aquela luta entre a razão e o coração.

— Vou usá-lo na festa de Wycombe hoje à noite — disse, ajustando-o no dedo anelar.

Seus olhos brilharam e ele levou a mão dela aos lábios novamente.

— Um dia te contarei qual era o meu plano para a próxima vez que te visse — confessou, acompanhando o olhar malicioso com uma piscadela encantadora.

Ela mordeu o lábio, sedutora.

— Me amar?

Houve algumas batidas na porta e o mordomo entrou sem esperar permissão.

Ao ver os dois na cama de seu mestre, ele parou e olhou para o tapete.

— Sinto muito pela interrupção, milorde.

Adam ficou tão feliz que não pensou nada a respeito.

— Acontece alguma coisa?

O mordomo foi firme.

— O Sr. Sullivan está lá embaixo, milorde. Ele diz que é urgente. Encarregou-me que lhe transmita que é por esse assunto tão delicado que leva entre as mãos, que o entenderia.

Por um momento, o olhar de Adam se ofuscou, mas foi tão breve que Roxanne se perguntou se seria verdade.

— É meu secretário — pensou por um momento. — Diga ao meu valete para me ajudar a me vestir. Irei vê-lo imediatamente.

O servo fez uma reverência e saiu, mas não antes de lançar um olhar sinistro para Roxanne.

— Acho que ele não gosta de mim — ela exclamou.

Adam levantou-se. Era um assunto que não poderia ser adiado.

— Ele é uma boa pessoa, mas está sob as ordens dos meus pais e não está acostumado a identificar a felicidade quando ela está na sua frente.

Procurou uma camisa para se cobrir antes de se dirigir ao outro cômodo que compunha seus aposentos, onde seu valete já estaria o esperando. Roxanne acompanhava seus movimentos sem resistir àquela sensação gostosa que insistia em percorrê-la.

— Tem que ir? — suspirou.

Ele a agradeceu com um daqueles sorrisos que conseguiam desarmá-la.

— É algo sem importância, mas requer minha atenção. — Ele foi até a cama e deu-lhe um leve beijo nos lábios. — Esperará por mim?

— *Lady Albyn* quer que...

— Estou começando a odiar essa mulher.

Ambos riram. Parecia que as tempestades que os ofuscaram na noite anterior haviam se dissipado, pelo menos, no coração de Adam, porque no coração de Roxanne...

— Iremos juntos à festa — disse ela, torcendo um de seus cachos com o dedo — e na volta...

Ele mordeu o lábio. Se seu secretário não estivesse lá embaixo...

— Não podemos ficar sem festa?

Ela cambaleou, sabendo o efeito que estava causando no marido.

— Isso tornará nosso reencontro mais interessante.

— Gosto de como você pensa. — Ela bocejou e Adam percebeu que horas eram. — Durma um pouco. É muito cedo.

O olhar agradecido de Roxanne o encheu de prazer.

— Me dá um beijo antes de sair? — ela disse enquanto se aconchegava sob os mesmos lençóis que haviam abrigado seus gemidos de prazer.

Ele não teve escolha a não ser obedecer. A pegou nos braços e a beijou com tanta força que, quando se separaram, os dois tiveram que recuperar o fôlego.

A campainha de um relógio sinalizou a urgência. Adam se levantou e ajeitou a camisa para tentar esconder o que sua esposa conseguiu fazer com sua anatomia.

— Eu faria amor contigo de novo antes de sair por aquela porta — disse ele, indo em direção a ela — mas o dever me chama.

Quando ele finalmente saiu, mandando um beijo para ela antes de fechar a porta atrás de si, Roxanne sabia que não teria uma chance dessas e pulou da cama, segurando o lençol para cobrir seu corpo nu.

CAPÍTULO 30

Devia ser cautelosa porque Adam estava do outro lado da porta, no segundo cômodo que fazia parte dos aposentos pessoais do futuro conde, onde aparentemente o ajudavam a se vestir.

Roxanne olhou em volta. Pareceu-lhe que era o lugar ideal para a escrivaninha espanhola, uma peça de incrustações de madrepérola e casco de tartaruga de enorme valor. Abriu as gavetas uma por uma, tomando cuidado para não bagunçar nada. Variavam desde medalhas antigas, que certamente haviam sido dadas a algum ancestral heroico, até delicadas mechas de cabelo amarradas com fita, uma das quais pensou ter identificado como sendo do próprio Adam Baxley. Analisou tudo com atenção e depois depositou no mesmo lugar de onde as havia retirado.

As gavetas maiores continham documentos e correspondência. As cartas demoraram mais tempo do que tinha, já que o mordomo poderia entrar a qualquer momento, bastando bater algumas vezes na porta, como já havia feito. Até o marido poderia descobri-la bisbilhotando, que poderia ter a ideia de se despedir novamente antes de se encontrar com seu secretário.

A maioria das cartas eram solicitações de alguns de seus inquilinos, algumas cartas de amor datadas de alguns anos antes, quando era possível que Adam ainda tivesse um coração sobrando, e relatórios legais sobre esta ou aquela compra de terreno.

Tinha que haver alguma coisa. Qualquer coisa que o ligasse à conspiração da qual seu pai foi acusado, mas tudo parecia inocente, inocente demais para alguém como o futuro conde de Dunwich.

Uma das gavetas resistiu. Puxou-a com cuidado até perceber que estava trancada. Seu coração disparou em seu peito. Isso era um bom sinal, se chegasse a descobrir como abri-la.

Lembrou-se de que numa das gavetas menores vira algumas chaves minúsculas. As procurou até encontrá-las novamente e começou a experimentá-las. A primeira não se encaixou. A segunda entrou até metade. A terceira era a correta e fez um leve clique quando o ferrolho foi solto.

Engoliu porque sua boca estava seca.

Era possível que ali estivessem as provas necessárias para salvar a honra de seu pai e a dignidade de sua família.

Puxou suavemente a maçaneta dourada e a gaveta deslizou sem dificuldade.

O que ela encontrou lá dentro a deixou atordoada. Eram os planos para Claridon Cottage, bem como algumas antigas escrituras de venda. Ela os leu. Eram de seu pai. Um documento oficial que certificava a propriedade de seu pai sobre aquelas terras e aquela casa. Por que Adam tinha isso? Que interesse havia por terras que não valiam nada além do vínculo emocional?

Deixou-os onde estavam, fechou a gaveta e devolveu as chaves ao seu lugar.

Isso era desconcertante, mas não a ajudou em nada.

Olhou em volta novamente. Havia um grande baú onde provavelmente ficavam as roupas de cama, uma cômoda e uma mesa de cabeceira. Decidiu investigar tudo.

O baú, aliás, estava cheio de lençóis bordados e toalhas de algodão para quando levassem a banheira para o quarto, nos momentos em que o senhor precisasse de banho. Verificou cuidadosamente e não encontrou nada.

A cômoda era grande e pesada. Nas gavetas meio vazias havia camisolas, colchas e travesseiros, todos perfeitamente passados e perfumados com sachês de lavanda. Era evidente que a governanta daquela casa fazia um excelente trabalho.

Só lhe restava a mesa de cabeceira, que tinha uma pequena gaveta e uma porta. A essa altura, Roxanne estava completamente derrotada e sabia que não encontraria nada.

Na pequena gaveta havia um par de óculos e alguns livros de aventuras, o que lhe chamou a atenção, pois ela não sabia que o marido tinha esse hobby. Respirou fundo antes de abrir a porta, mas ela escapou no momento em que foi aberta, pois não havia nada dentro.

Sentou-se pesadamente na cama.

No dia anterior fez o mesmo com o escritório de Adam, aproveitando um descuido dos criados. Vasculhou cada gaveta de sua mesa, cada prateleira, cada porta onde um segredo pudesse ser trancado, e estava tão limpo quanto aquele quarto.

Olhou ao redor do quarto. Não havia um único canto onde não tivesse olhado, e tudo era tão inocente quanto...

De repente, algo lhe ocorreu.

A escrivaninha de seu pai tinha um compartimento secreto. E se aquela...?

Levantou-se novamente e foi até a rica mobília espanhola. A de seu pai era acionado pressionando uma alavanca próxima à base de uma das pernas. Procurou uma fonte, mas não conseguiu encontrá-la. Tateou toda a sua superfície, tentando localizar uma peça que não estivesse solidamente fixada à estrutura, mas não existia.

Com um bufo de desgosto, voltou para a cama, mas desta vez se jogou de bruços, enterrando o rosto no colchão.

E se todos estivessem certos e seu pai fosse culpado? Certa vez, alguém lhe dissera que quem comete um delito

raramente o confessa e sempre se declara inocente. E se esse fosse o caso do seu progenitor? Ainda se lembrava do dia em que o levaram. Havia pedido ao guarda alguns instantes para falar com ela antes de que o levassem para fora da casa e havia jurado que não era culpado de nada do que o acusavam.

Como não acreditar em um homem que havia sido tudo em sua vida até aquele exato momento? Como não culpar aquele que foi seu mais feroz detrator na tribuna?

Lembrou-se do que aconteceu naquela noite entre Adam e ela. Havia seguido cada um dos conselhos de Camille e abriu seus sentidos para desfrutar. O que as mãos de Adam, o corpo de Adam, conseguiram realizar foi nada menos que um milagre. Nunca pôde imaginar que algo assim pudesse ser sentido, aquela sensação de que só aquele momento preciso importava, a perda da dor, das preocupações, do medo.

E isso Adam Baxley havia conseguido, que uma vez saciado, havia continuado a ser gentil e terno com ela, sussurrando palavras em seu ouvido e acariciando seus cabelos como se realmente se importasse.

Aquela cama se tornou o santuário de algo chamado... amor? Seria possível que o que ela sentia pelo homem que aprendera a detestar fosse amor?

Virou-se de costas e olhou para o dossel da cama. Era de seda azul, com espirais bordadas, simples e viril. E uma ideia passou pela sua cabeça.

Saiu da cama novamente. Desta vez ajoelhou-se e, com enorme dificuldade, por ser muito pesado, colocou a mão entre a cama e o colchão e começou a percorrer o perímetro, procurando.

Estava prestes a desistir quando se deparou com alguma coisa. Uma superfície dura e quente com bordas.

Puxou até conseguir tirá-la. Era uma espécie de livro grande, de capa dura, sem qualquer sinal que o

identificasse. Teve medo de abrir a capa, porque algo lhe dizia que o que havia dentro mudaria tudo, mas o fez.

Longas colunas de números, adições e subtrações e nomes de mulheres apareceram diante dela, alguns dos quais ela já havia lido e alguns dos quais até conhecia.

O caderno caiu de suas mãos e seus olhos se encheram de lágrimas.

Acabara de perceber que havia sido feliz por alguns momentos, aqueles em que acreditara que Adam era inocente. Mas aquele livro de contabilidade escondido debaixo do colchão não deixava dúvidas.

Conseguiu se acalmar e escondeu o livro entre os lençóis para o caso de alguém entrar.

Encontrou papel e pena e começou a escrever uma longa carta para *madame* Camille.

CAPÍTULO 31

Todos compareceram ao baile anual de Wycombe. Haveria ministros, altos funcionários, todos os nobres do Reino que estavam em Londres naquela época do ano, esperava-se até mesmo que a rainha fizesse uma visita fugaz com o único propósito de dar sua aprovação a um costume que já estava em vigor há dez anos.

Roxanne passou o dia fora acompanhando *Lady Albyn*, que precisava de sua opinião para finalizar os preparativos para seu traje. Tinham comprado uma dúzia de luvas e a senhora ainda não estava satisfeita. Pegaram o conjunto de brilhantes que usaria no baile, pois queria garantir que o melhor joalheiro de Londres não tinha outros brincos à venda que pudessem ofuscar os dela, e pediu à sua costureira que viesse com urgência, pois afirmava que o vestido não estava absolutamente perfeito, como era necessário para um evento como aquele.

Roxanne tinha sido sua sombra o dia todo, tentando sorrir e seguir a conversa constante de sua protetora, embora sua cabeça fosse uma onda de pensamentos conflitantes e seu coração uma tempestade de sentimentos que a angustiavam.

Com o livro que descobrira e as declarações assinadas de uma longa lista de prostitutas, Adam Baxley estava perdido. Só precisava encontrar o caminho certo para que todos os seus esforços não caíssem em ouvidos surdos, já que a influência da família Dunwich era extensa, e uma

reclamação às autoridades poderia desaparecer ou tornar-se eterna se não fosse tratada adequadamente.

Ao meio-dia recebeu um bilhete na casa de *Lady Albyn*.

— Que coisa extraordinária que te escrevem aqui. E ainda mais quando se trata do seu marido.

Porque, na verdade, o bilhete era de Adam e estava assinado com um coração perfurado por uma flecha depois de seu nome.

Volte para casa logo, minha doce Roxanne. Meus dedos e meus lábios sentem sua falta.

Ela corou e imediatamente colocou-o no bolso.

— O que estão tramando? — *Milady* lhe perguntou, que ainda não havia perdoado a ousadia de Adam nas corridas.

— É só... assuntos domésticos.

Uma resposta que não satisfiz a sua anfitriã, mas que lhe deu paz para falar de outra coisa.

Ela não atendeu ao pedido do marido e chegou em casa com os minutos contados para Doris vesti-la e poderiam partir em direção à mansão Wycombe. Ela teve o bom senso de perguntar ao mordomo pelo marido e ficou tranquila ao saber que ele estava em seu quarto, terminando de se vestir, o que significava que eles não precisariam se ver sozinhos.

A criada lhe fez um excelente trabalho e, na hora marcada, desceu as largas escadas até o corredor.

— Está... linda.

Os olhos de Adam, que a esperava ao pé da escada impecavelmente vestido de preto, com uma camisa imaculada e um lenço no pescoço, não deixavam dúvidas de que falava a verdade.

Roxanne escolheu um vestido de seda verde, tão intenso que parecia emanar luz própria. O corte estilo

império, na moda, e o decote um pouco mais largo que o normal, já que ela queria exibir os longos brincos de esmeralda que brilhavam da mesma cor em seus olhos. O pescoço livre, sem nada. Seus braços usavam longas luvas brancas e seus cabelos estavam amarrados e enfeitados com uma tiara leve feita das mesmas pedras, o que dava ao conjunto um ar majestoso.

Assim que o viu, Roxanne sentiu aquele formigamento no estômago que a acompanhava desde criança e pensou que estava apaixonada pelo belo Adam Baxley. Agora ele era seu marido, seu amante e uma promessa de que o futuro poderia ser feliz. Mas isso não aconteceria porque a justiça tinha que ser feita e ele tinha que pagar pelo que havia feito. Essa foi a única maneira de recuperar a honra de seu pai. De fazer justiça.

Quando Roxanne o alcançou, ele pegou a mão dela e a beijou, depois a acompanhou até a carruagem, que já estava perfeitamente equipada os esperando.

Adam parecia tão feliz durante todo o trajeto que estava irreconhecível. Seus olhos brilhavam, seu sorriso era impossível de dissociar dos lábios, e não lhe soltou a mão em nenhum momento, fazendo planos para os próximos dias: uma visita à Linchester House, onde poderiam desfrutar da solidão do campo, um piquenique à beira do rio numa curva solitária que descobrira nos seus passeios a cavalo, até numa viagem pelo continente, porque dizia que a Espanha era cheia de lugares mágicos que falavam de amor e que queria que visitassem juntos.

Roxanne ouviu cada uma de suas palavras e as recebeu como uma flecha atirada direto em seu coração. Ela assentiu, incentivou-o a continuar falando e respondeu às suas constantes carícias com um sorriso e um olhar que pretendia ser afetuoso, mas que tinha todos os ingredientes da traição.

Quando chegaram à mansão, Adam a beijou antes de descenderem, e ela sentiu nos lábios o gosto amargo da

vingança, que no momento não era tão delicioso quanto ela havia sonhado.

Entraram na sala de braços dados. Muitos olhares se voltaram ao vê-los aparecer, pois formavam um casal perfeito. O escândalo das corridas repercutiu em Londres, mas naquele momento, vendo como o habitual olhar indiferente de Adam Baxley se tornara feliz, muitos duvidaram se aquela cena não seria uma maneira de provocar os ciúmes de uma esposa que talvez não o estivesse atendendo como ele exigia.

Seus sogros estavam lá. O conde, tão rígido como sempre, dedicou-lhes um aceno de cabeça à distância para retomar sua conversa com um general do exército e deixar de prestar atenção neles. A condessa estava rodeada de damas tão velhas e retorcidas quanto ela, e a dissecava através do monóculo, sem desviar o olhar, como se quisesse ter certeza de que a nora se comportaria como deveria.

— Que surpresa agradável — disse Robert, que saiu ao encontro do casal, abandonando a galanteria que dedicava à sua encantadora *Lady* Diana.

Adam iria responder quando *Lady* Albyn roubou sua esposa dele alegando que havia “verdadeiros cavalheiros” que queriam conhecê-la.

Ele a entregou com um sorriso satisfeito, embora não pudesse deixar de a olhar de vez em quando, como se precisasse ter certeza de que ela estava perto, de que partiriam logo, e de que cumpriria sua promessa de fazer amor quando chegassem em casa.

As danças se sucederam e Adam guardou a última, permitindo que um grupo de jovens elegantes desfrutasse da pista de dança conduzindo sua esposa, e ficando atento o tempo todo para garantir que nenhum deles se excedesse.

— Quem te viu, meu amigo — disse Robert, que não conseguia acreditar.

— Chegou a hora de amadurecer.

— E todos aqueles inconvenientes que disse sobre sua esposa?

Adam não conseguia parar de olhar para ela, enquanto dançava com um velho marquês que parecia encantado.

— Não sei o que fez, mas consegui que só queira estar com ela e que meu coração tenha se aberto a algo que acreditava impossível.

Robert sorriu maliciosamente.

— Amor ou desejo?

Ele não hesitou.

— Amor e desejo.

Na hora dos brindes, se retomou a antiga tradição de levantar a taça aos que haviam sido apresentados à sociedade naquele mesmo ano.

De longe, Adam lançou para sua esposa um olhar cheio de carinho, o que lhe dava ânimo, pois sabia que ela seria uma das que teria que brindar na frente de todos e parecia assustada.

Roxanne respondeu com uma expressão que não conseguia entender nem identificar: Medo? Desapontamento? Culpa?

Isso o deixou um pouco preocupado e concluiu que assim que terminassem os brindes, iriam para casa planejar as delícias que ele esperava oferecer à esposa nos próximos dias.

O círculo já estava formado. Os ministros e altos dignitários estavam na primeira fila junto com as damas, já que a Rainha havia dispensado a sua presença no último momento, como era habitual.

Lorde Wycombe fez o discurso de abertura para dar lugar a um cavalheiro muito jovem que elogiou o país com voz trêmula. Se seguiu o embaixador lombardo, que exaltou as virtudes inglesas, entrando um pouco no assunto da virtude. Quando chegou a vez de Roxanne, ela estava

visivelmente nervosa, e Adam lhe lançou outro olhar cheio de carinho para fazê-la entender que estava ao seu lado, que contava com ele.

Não ergueu o copo, mas manteve-o pressionado contra a barriga, como se tentasse conter o nervosismo que a dominava. Ela olhou para Adam por um momento, mas ele não viu nada tranquilizador em seus olhos. Olhou ao redor da plateia, como se quisesse ter certeza de que todos aqueles que precisavam ouvi-la estavam presentes, e fixou os olhos no Ministro da Justiça.

— Quero agradecer a todos por me receberem da maneira que me receberam — ela começou — especialmente sabendo que sou filha de Andrew Blyton.

Houve um murmúrio de aprovação não isento de banalidade.

— Meu pai foi acusado sem provas e morreu na prisão. Minha mãe cometeu suicídio uma semana depois. Perdemos tudo, embora eu tivesse dado tudo em troca pela vida dos meus pais.

O murmúrio inicial tornou-se um tanto sombrio e o conde de Dunwich empalideceu.

Lady Albyn, com um sorriso congelado nos lábios, aproximou-se para falar em seu ouvido.

— É de mau gosto discutir isso, querida.

Mas Roxanne não a ouviu. Dessa vez conseguiu separar do seu corpo aquele cálice amargo, como um cálice cheio de fel.

— Hoje descobri provas que implicam diretamente o culpado das acusações pelas quais meu pai foi condenado injustamente. Provas irrefutáveis que não deixam dúvidas sobre quem foi o vilão que cometeu o crime.

A condessa de Dunwich aproximou-se dela perigosamente por um lado da sala. Parecia uma tigresa, mas seu rosto estava tenso e sua pele estava tão pálida que parecia prestes a desmaiar. Roxanne continuou. Não podia deixar que a silenciassem.

— Neste momento, essas provas estão sendo apresentadas às autoridades, juntamente com vinte depoimentos de pessoas envolvidas no caso que exoneram meu pai de toda culpa. Divulgo-o para que todos saibam que foi apresentada uma queixa e para que o poderoso culpado não possa usar a sua influência para escapar à justiça. — Ela levantou a taça, dirigindo-se diretamente ao ministro. — Conto com sua bravura, milorde, e seu apego à honra.

A taça cheia de fel foi aceita pelo alto dignitário com um contido mau humor. Acabaram de desafiá-lo perante a sociedade inglesa e, se ele não desse a resposta adequada, seria outro escândalo.

— A sra. é ousada e arrojada — pigarreou, enquanto todos os olhos estavam voltados para ele — e as evidências que afirma ter serão avaliadas escrupulosamente. Pode nos dizer quem afirma ser esse suposto malfeitor?

Ela engoliu em seco. Não se atrevia a olhar para ele. Para Adam. Para o homem que sabia que amava. Que ele a amava, mas que não poderia sair ileso de sua culpa. Levantou a cabeça e com ela a voz.

— Suposto malfeitor, não. É o culpado e é meu marido. Adam Baxley.

CAPÍTULO 32

Dois meses depois.

— Ele apelou — exclamou Camille, largando a *Gazette*, exasperada, sobre a mesa onde Roxanne estava lendo.

Nos últimos dois meses, a situação de todos mudou profundamente. Adam Baxley foi preso naquela mesma noite por ordem do ministro. A acusação foi apresentada a todo o Tribunal e as provas eram sólidas. Libertá-lo teria desacreditado a ele e à Coroa, algo que não poderia ser permitido. Além disso, remover um canalha corrupto como aquele jovem lhe traria a simpatia dos mais rancorosos da sociedade.

Lady Albyn odiava os escândalos em que pudesse se envolver, já que amava os dos outros, e para ninguém passou despercebido que a causa de tudo isso era a moça que ela havia tomado sob sua proteção, então uma amizade que parecia inquebrável tornou-se volátil com a mesma espontaneidade que uma bolha de sabão num mês de verão.

A prisão de Adam foi um duro golpe para os condes de Dunwich, que só foram impedidos por sua educação rigorosa de acusá-la ali mesmo, na frente de todos, de ser uma desgraçada ingrata, mas teve suas consequências.

Roxanne Blyton não teve mais acesso a nenhuma das propriedades da família, e tanto sua criada e todos os seus pertences foram colocados na rua naquela mesma noite,

com a mensagem clara de que não deveria cruzar seu caminho novamente.

Ela já havia assumido isso e combinado com Camille que a acolheria enquanto procurasse um lugar para ficar, o que esperava conseguir em breve.

Aquilo foi um escândalo ainda maior: aquela que seria a futura Condessa de Dunwich, e uma Howard completa por parte de mãe, morava em um bordel e, segundo boatos, até se dedicava à profissão mais antiga do mundo.

Para Roxanne, tudo isso era irrelevante. A paz que ela tinha esperado encontrar após a prisão de Adam não tinha aparecido em lugar nenhum, e em seu lugar, tudo o que a atormentava era uma sensação de sufocamento que a fazia acordar à noite envolta em pesadelos e não a deixava descansar durante o dia.

O julgamento foi realizado logo como a única forma de silenciar uma sociedade que estava muito focada em cochichar e que já havia lançado um julgamento paralelo onde Adam e Roxanne eram culpados.

Ela pretendia não assistir a nenhuma das seis intermináveis sessões testemunhadas por todas aquelas mulheres que atestavam que Andrew Blyton nunca procurara outra coisa senão o seu bem, e pretendia afastá-las daquele modo de vida monstruoso.

O juiz a chamou para testemunhar no último dia. Tentou recusar, mas o promotor foi claro: se ela não atestasse o que havia encontrado e onde, era bem possível que Adam fosse absolvido.

Concordou, embora quando chegou ao tribunal de justiça todas as fibras do seu corpo tremessem.

Quando entrou em uma sala lotada, fez-se o silêncio. Adam estava de costas para ela, em mangas de camisa e com o cabelo agitado. Passou por ele sem querer olhá-lo e, enquanto os advogados lhe disparavam perguntas, conseguiu esquivar seus olhos, perdendo-os entre o chão de madeira.

Só quando desceu do banco para ir embora é que teve a ousadia de procurar seu olhar.

Adam estava mais magro e círculos profundos circundavam as órbitas dos olhos. O olhar azul brilhante estava embotado, embora ele não tivesse tirado os olhos dela nem por um único momento. Foi apenas um segundo. Algo instintivo quando ela permitiu que o advogado estendesse a mão para ajudá-la a sair do local, mas foi o suficiente.

O que ela viu nos olhos dele a desarmou. Esperava encontrar ressentimento, rancor, ódio profundo e mortal. Mas não houve nada disso. Ele enfrentou sua incompreensão, um coração partido e a necessidade de procurar maneiras de perdoá-la.

É claro que ele foi considerado culpado e ela recebeu uma compensação financeira pelos bens que haviam sido tirados de seu pai. A casa da família, que apesar dos anos não havia sido liquidada, foi-lhe devolvida, mas não Claridon Cottage, que havia sido vendida a um investidor estrangeiro.

Roxanne mudou-se imediatamente, deixando-se com o dinheiro necessário para sobreviver com simplicidade, como seu pai dizia que deveria ser a vida de uma pessoa honesta, e com o serviço indispensável, que era administrado com eficiência por Doris.

O restante do dinheiro foi distribuído entre cada uma das mulheres que participaram do processo, o que deu à maioria delas a liberdade de escolher que tipo de vida queriam continuar tendo. Aquelas que morreram, recompensou seus parentes, e Camille tornou-se uma boa amiga.

Indiferente às exclamações scandalizadas da sociedade, recebia a todas quando queriam vir falar do passado e tratou-as com a dignidade que mereciam.

Tinha sido com aquela naturalidade de velha amiga, como Camille havia se apresentado nessa tarde sem se

anunciar para lhe comunicar que Adam Baxley, na prisão desde então, havia apelado o resultado de seu julgamento.

Roxanne pegou o *Gazette* e leu a notícia, explicada na primeira página.

— Tem chance de ter sucesso?

Camille serviu-se de uma xícara de chá, pois Doris sabia que ela gostava e mandava servir assim que aparecia.

— Haverá um novo julgamento na Suprema Corte — disse-lhe — precisamente onde a sua família tem mais influência.

Os Dunwich declararam guerra contra ela. Procuravam qualquer momento para criticá-la e tinha certeza de que foram eles que espalharam o boato de que ela estava se dedicando a um estilo de vida contra o qual ela e seu pai sempre lutaram. Tinham fortuna, posição e influência, o que era necessário para vencer um novo julgamento onde não haveria mais nenhum ministro cuja honra estivesse em jogo.

— E o que acontecerá se ele for absolvido?

Camille colocou a colher no pires e recostou-se no sofá.

— Não deveria se preocupar com sua fortuna. O que lhe foi dado se deve à exoneração do seu pai. Não será tirado de você.

— Não foi isso que eu quis dizer, Camille. — Seu pulso tremeu. — Se ele for libertado... ainda sou sua esposa.

Sua amiga entendeu imediatamente. Como isso tinha passado despercebido por ela? Como marido, ele tinha todo o poder sobre ela. O poder de fazê-la voltar, o de aprisioná-la, o de machucá-la, o de se livrar dela para sempre. Tentou acalmá-la.

— Pode solicitar a anulação.

— Levaria anos.

Ela colocou a xícara sobre a toalha de mesa ricamente bordada e olhou a amiga diretamente nos olhos.

— Realmente quer se separar dele?

Roxanne franziu a testa.

— Não consigo te entender.

Camille respondeu, tomando cuidado para não machucá-la, mas conhecia muito bem a alma humana para que pudesse passar despercebido.

— Não nos apaixonamos por quem queremos. É possível que o ame, apesar de tudo.

Roxanne a olhou com os lábios ligeiramente entreabertos. Isso não era novidade para ela. Cada noite lembrava os dias onde tudo tinha se tornado amável e doce. Os olhares de carinho, as carícias acaloradas, os beijos apaixonados. Um suspiro escapou sem querer.

— E como vou saber?

— Vá vê-lo. — Pegou a mão dela. — Experimente o que sente quando o tenha à sua frente. Descubra se mentiu para si mesma todo esse tempo.

— E se for verdade? E se o amo?

Esperou alguns momentos para responder. Se a resposta fosse sim, qualquer alegria que pudesse existir no coração de Roxanne desapareceria para sempre. Um homem humilhado era um perigo, alguém como Adam Baxley poderia ser mortal.

— Se descobrir que o ama — disse lentamente — é quando você tem que se perguntar o que fazer.

Roxanne desviou o olhar. Parecia exasperada, mas no fundo dava para ver uma pitada de emoção, como se essa possibilidade pudesse ser verdade.

— Nunca vincularia voluntariamente meu destino a alguém que fez o que ele fez.

— Tem certeza?

— Sim.

Permaneceram em silêncio por alguns momentos. As coisas nunca saíam como planejado. Esse julgamento deveria ser o último, e Adam teria que pagar pelo que fez, mas... seria assim?

Camille sorriu, compreendendo.

— Vá vê-lo e faça a mesma pergunta a si mesma quando sair da prisão.

CAPÍTULO 33

A Prisão Fleet não era lugar para uma dama. Situava-se às margens de um dos afluentes do Tâmis, longe das regiões elegantes de Londres, e embora albergasse principalmente devedores e inadimplentes, aqueles nobres cujos crimes estavam ligados ao lucro também eram enviados para trás dos seus sólidos muros.

Quando o cocheiro deixou Roxanne nos portões, o porteiro não a deixou passar, então ela exigiu falar com o diretor. Houve uma agitação. Era incomum uma dama da aristocracia passar por aquelas paredes, muito menos trazer um pedido para ver um prisioneiro; isso era para os homens da família lidarem, não para as mulheres; teve que esperar até que outro guarda de aparência rude fizesse um gesto para que o acompanhasse.

O interior da prisão era bastante semelhante a um daqueles cortiços onde se aglomeravam os habitantes mais pobres da cidade, com a ressalva de que não podiam sair dali e que qualquer inconveniente era aplacado com o chicote.

Sabia que, se pagasse corretamente, poderia ter direito a certos confortos, como ter sua própria cela e algumas refeições por dia que, embora não fossem decentes, pelo menos consistiam em algo mais do que um pedaço de pão e uma sopa suja. Roxanne não tinha dúvidas de que os Dunwich teriam pago para que o filho estivesse nas melhores condições, mas, uma vez lá dentro, se perguntou se isso seria ao menos aceitável.

A conduziram por um corredor estreito e fedorento que dava para um pátio igualmente sujo. Havia vários pavilhões com janelas estreitas por onde se viam os olhares curiosos dos presos.

Acelerou o passo atrás daquele indivíduo e entraram em outro prédio. Parecia mais amigável e limpo, o que agradeceu. Fizeram-na esperar novamente num banco duro, até que um homem com o rosto contraído saiu ao seu encontro.

— *Lady Dunwich*, certo?

Ela se levantou.

— Venho ver meu marido.

O guarda, em resposta, apontou para uma porta aberta. Ela passou e sentou-se à mesa atrás da qual estava sentado o chefe da prisão, que cruzou as mãos sobre a mesa e fez um gesto sombrio.

— Quero que saiba o que vai encontrar antes de eu permitir que o encontre.

Esse esclarecimento a alarmou.

— Adam está bem?

— Ninguém que atravessa estas paredes com uma sentença nas costas está, e muito menos quem o faz com a atitude do seu marido.

Ela conhecia a natureza rebelde do homem com quem se casou. Tentou se acalmar.

— Tem sido... problemático?

— De jeito nenhum — ele esclareceu imediatamente.

— Quase não interage com ninguém e, segundo me disseram, não ataca quem zomba dele, algo muito comum entre o lixo.

Aquilo era totalmente incomum. O Adam Baxley que conhecia era como um galo de briga, sempre disposto a ter a última palavra e a ficar por cima dos demais. Aproximou-se um pouco da mesa, embora tentasse não deixar que o diretor percebesse o que se passava em sua mente.

— O que quer dizer então?

O homem fingiu estar vasculhando alguns documentos, até que tirou um deles que parecia uma lista de pedidos.

— O conde de Dunwich é seu sogro, não é?

— Assim é.

— Ele veio me ver no dia seguinte à sua prisão e exigiu as melhores condições para seu filho. Oferecemos-lhe a cela mais esplêndida da prisão, que possui duas salas, lareira e um colchão decente. Também oferecemos a possibilidade de contratar um criado para cuidar dele; há detentos dispostos a isso por algumas moedas e que fazem um bom trabalho. Ampliamos sua possibilidade de acessar o pátio sozinho em horas em que os outros detentos estão confinados. O pátio é a área mais perigosa, pois é onde as disputas são resolvidas. Ele achou excelente e não hesitou em gastar dinheiro.

Roxanne piscou.

— E qual é o problema?

Aquele homem a olhou atentamente antes de responder.

— Adam Baxley recusou tudo.

Embora a resposta não pudesse ser mais clara, ela não a entendeu, porque o homem com quem se casou nunca responderia dessa forma.

— Como que se recusou?

— Renunciou a qualquer privilégio e exigiu ser recolhido na área comum. Compartilha uma cela com outros trezentos presos, come a mesma comida ruim que os outros e coloca sua vida em perigo todos os dias quando sai para o pátio comum.

Não fazia sentido. Por que Adam faria algo assim? Estava habituado ao melhor desde que nasceu e não tinha hesitado em satisfazer todos os seus caprichos, por muito impróprios que fossem. Aquele homem devia estar errado.

— O que está me dizendo não tem explicação.

— Esperava que me esclarecesse.

Havia ido ali para ter certeza de que o odiava e que tinha feito a coisa certa. Tinha que deixar de lado todos aqueles sentimentos que a dominavam e se concentrar no que Camille havia lhe dito. Endireitou-se e aliviou a preocupação de seu rosto.

— Posso vê-lo?

— Claro. — O diretor levantou-se e foi até a porta. — Mandei que fossem buscá-lo, já que não é conveniente que uma dama cruze mais adiante. Mas devo avisá-la que vai ficar surpresa com sua aparência. A prisão sempre tem um preço, e ele não faz nada para aliviá-la.

Ao abri-la, Roxanne percebeu que havia alguns guardas do outro lado, possivelmente procurando Adam. Sentiu seu pulso acelerar e sua respiração se agitar.

— A deixo sozinha — disse o diretor. — Haverá alguns guardas do outro lado da porta. Só precisa levantar a voz.

— Obrigada.

Assim que saiu, dois dos guardas fizeram entrar um homem tão sujo que demorou a reconhecê-lo. Estava vestido com uma rígida blusa, de um tecido tão áspero que devia arranhar a pele, calças feitas do mesmo material, e estava descalço. Suas mãos estavam amarradas com algemas, assim como seus tornozelos. O empurraram para que se sentasse perto da porta, em um banco duro, e saíram, fechando-a atrás deles.

Roxanne não conseguia respirar e todo o ar contido em seus pulmões escapou num gemido angustiado.

Era Adam, diziam seus olhos, mas o resto tornava difícil acreditar. Ele havia perdido muito peso e tinha um rosto afiado. Olheiras profundas e lábios secos. Aquela blusa disforme dificultava ver em que estado ele se encontrava, mas pela forma como seus ombros ficavam visíveis sob o tecido, tudo sugeria que estava esquelético.

Ela sentiu vontade de chorar e se jogar nos braços dele, mas agarrou a pequena bolsa de pano e engoliu seco para se acalmar.

— Está aqui para ter certeza de que ainda estou atrás das grades, certo?

Quase agradeceu que sua voz petulante seguisse ilesa. Sua vontade de abraçá-lo, de beijá-lo e lhe dar conforto a atravessaram, mas não podia deixar-se levar.

— O diretor me disse que recusou todos os confortos.

— Está satisfeita com o que vê? — ele disse com uma careta cínica nos lábios.

Satisfeita? Tudo o que ela queria era cuidar dele, tratar suas feridas, devolver a carne aos seus ossos e confortar seu sono. Essa era a única coisa que pensava naquele momento... Isso e a necessidade de permanecer firme.

— Você não parece bem.

— O que esperava? Que isto fosse como um clube de cavalheiros?

— Se não quer que seus pais cuidem disso, eu posso pagar.

Adam encostou-se na parede. Um estremecimento disse a Roxanne que talvez um carcereiro tivesse abusado do chicote, mas conseguiu manter a expressão vazia.

— Facilitar para mim? — Ele sorriu. — O que aconteceu com sua necessidade de vingança?

— Justiça é o que eu queria — teve que olhar para o chão porque não conseguia encarar os olhos — para que a honra do meu pai fosse compensada.

— Custe o que custar.

Por que conseguiu deixá-la com raiva quando tudo o que ela queria sentir por ele era pena?

— Foi você quem cometeu esses crimes — disse em voz baixa para não encorajar os carcereiros do outro lado da porta. — Encontrei as provas debaixo do colchão onde tínhamos acabado de nos amar.

Ele bufou e desviou o olhar.

— Aqueles livros não são meus, disse no julgamento e repito agora.

— E por que estavam lá? Era a letra do seu secretário, e ele jurou perante o juiz que seguiu as suas ordens.

— Ele mentiu.

Se desafiaram um ao outro com olhos de fogo. Os dele eram confusos, porque continham uma mistura de ressentimento e admiração. Os dela, machucados.

— Por que faria isso? Ele é um bom homem, um homem fiel. Todo mundo mentiu menos você.

Um suspiro escapou entre os lábios de Adam. Ele levantou uma mão e as algemas moveram a outra. Ele as abaixou novamente, mas moveu o torso para frente para ficar um pouco mais perto dela.

— Roxanne — ele implorou — não tenho sido um bom rapaz, nem um bom marido, nem um bom filho. Não procuro desculpa, pois nunca me importei com outra coisa além de mim mesmo, até começar a te conhecer.

Um arrepio percorreu a espinha de Roxanne e ela teve que desviar o olhar dos olhos azuis dele.

— Não siga por aí.

— Acuse-me do que quiser — ele insistiu; — desonesto, crápula e aproveitador, mas nunca machucaria ninguém, muito menos uma mulher. Não sou quem você pensa. Não dirigi aquela rede de bordéis nem dei ordens para acabar com a vida daquelas pobres mulheres que reclamavam. Eu nunca faria algo assim.

Havia ido ali para encontrar paz, e a única coisa que a dominava agora era uma incerteza maior.

— Se não foi você, quem fez isso?

— Eu não sei. — Ele caiu contra a parede, exausto. — Se soubesse, teria declarado isso no julgamento.

Não podia continuar ali, havia sido um erro ir. Vê-lo era um tormento. Ouvi-lo, uma contradição.

Ela se levantou e alisou a saia. Ele seguiu o olhar dela como um cachorro sedento segue uma fonte de água.

— Só queria saber se estava bem — disse Roxanne antes de sair.

Adam assentiu, recuperando aquele temperamento doloroso.

— Eu estou.

— Tenha cuidado por favor.

— Por acaso você se importa comigo?

O que gritava sua mente e voava em seu coração era tão diferente que a haviam partido pela metade.

— Se eu puder, voltarei para vê-lo. — Ela bateu na porta com os nós dos dedos para que a abrissem.

— Não faça isso — sua voz era firme. — Nos próximos dias não vou conseguir parar de pensar em você e vou enlouquecer.

Um dos carcereiros abriu e se afastou para que ela saísse antes de ir em busca do preso. Roxanne ficou um instante ali, de pé, querendo se jogar em seus braços e beijá-lo como fizeram naquela última noite.

— Adam... — gemeu.

Mas o guarda pediu que saísse e Roxanne sabia que não tinha escolha senão obedecê-lo e esquecer Adam Baxley para sempre.

CAPÍTULO 34

Assim que entrou na carruagem, começou a chorar. O cocheiro perguntou-lhe se iam voltar para casa, mas a última coisa que queria era entrar naquelas quatro paredes para pensar em Adam, no que lhes teria acontecido se tudo tivesse acontecido de forma diferente, se ele não tivesse sido um canalha.

— Vamos dar um passeio — lhe disse, tentando não deixá-lo perceber que sua voz estava angustiada. — Em qualquer lugar, eu não me importo.

Não era um pedido comum, mas os bons condutores de carruagens de Londres estavam habituados às excentricidades dos seus senhores, então colocou os cavalos em movimento e dirigiu-se para uma parte mais elegante da cidade do que aquela que rodeava a prisão.

Adam negou mais uma vez sua culpa, como já havia feito no julgamento. O promotor também lhe disse que não conhecia um único criminoso que afirmasse ser um, mesmo tendo sido pego em flagrante. Tinha que ser isso. Tudo levava à culpa de Adam. Ela mesma tinha certeza desde que seu pai foi preso e morreu doente atrás das grades, numa prisão muito semelhante àquela que acabara de visitar.

Por que então duvidou naquele momento? Será que Adam a influenciou a tal ponto que a sua mera presença a fez duvidar de convicções firmemente estabelecidas há anos?

Tentou se acalmar. Uma birra não lhe faria bem, sabia, o médico lhe dissera que precisava de uma vida serena e longe de problemas. E o que era isso senão uma revolução dentro dela?

Decidiu esquecer. Não cabia a ela defender sua inocência. Haveria um novo julgamento e seria Adam quem teria que apresentar as provas necessárias para que um juiz da Suprema Corte acreditasse nele e determinasse sua liberdade.

Olhou pela janela. Conhecia aquela área ao sul de Saint James, onde muitas das boas famílias começavam a se afastar dos conglomerados urbanos para o leste. O trote leve dos cavalos estava lhe fazendo bem.

Algum dia Adam Baxley sairia de seus pensamentos? Estava começando a duvidar, porque estava se tornando cada vez mais presente. Às vezes aparecia em seus sonhos. Outras, simplesmente pensava nele a qualquer hora do dia, enquanto tentava costurar ou procurava algo para ler. A satisfação de ter conseguido justiça não existia e não existiu em nenhum momento, porque a única coisa que sentiu quando o levaram foi... dor.

Em breve, daria início aos procedimentos de anulação do casamento. Não seria fácil. Ela não podia afirmar que estava intacta, mas podia expor a vida licenciosa do marido e as razões pelas quais ele estava na prisão.

Uma sensação de desgosto encheu sua boca. Como poderia pensar nisso se o homem que a fez sentir algo inesquecível estava nas piores condições?

Pensou ter visto um rosto familiar atravessando a rua. Este era o secretário de Adam, um homem da mesma idade e excelente reputação com quem nunca havia falado, mas que lhe deu uma boa impressão pelo que lhe contaram sobre ele durante o julgamento.

Se lembrava perfeitamente dele por tê-lo visto em casa, e lhe disseram que estava muito afetado durante o julgamento, enquanto o promotor e o juiz o bombardeavam

com perguntas. Tentou defender Adam tanto quanto pôde, evitando questões delicadas e concentrando-se naquelas que destacavam a bravura e o caráter honrado de seu marido. Mas quando lhe perguntaram diretamente se a caligrafia que aparecia no caderno era dele, não teve escolha senão dizer a verdade.

Ela ainda se lembrava de como isso a comoveu quando Doris lhe contou. Tinha visto tudo desde o conglomerado onde o público estava sentado, e foi nesse momento que Adam perdeu a paciência e começou a insultá-lo, então o juiz não teve escolha a não ser expulsar todos os espectadores da sala e deixar somente aqueles mais próximos do processo.

Nunca tinha agradecido àquele homem. Por um lado, que tivesse sido fiel a seu esposo, e por outro, que tivesse confirmado as provas que o haviam levado à prisão. Aquilo era cabal? Sentir-se agradecida por duas coisas que se contradiziam? Pois assim estavam sua cabeça e seu coração, feitos uma confusão e sem possibilidade alguma de se desembaraçar.

Inclinou-se e abriu a porta que ligava o interior da carruagem ao assento do cocheiro.

— Pare por um momento. Quero cumprimentar alguém que conheço.

A ordem foi cumprida imediatamente, e Roxanne estava prestes a sair da carruagem, assim que a escada foi acionada, quando percebeu algo.

O jovem secretário estava parado em frente a uma chapelaria. Um desses estabelecimentos elegantes em bairros ricos onde os jovens da sua posição normalmente não eram atendidos. Ele parecia impaciente e a maneira como olhava para dentro dava a impressão de que esperava alguém que deveria sair a qualquer momento.

— Precisa que a ajude, *milady*? — disse seu laçao, que esperava junto à escada, vendo que sua senhora permanecia imóvel.

Ela não respondeu, não podia, porque uma pessoa que reconheceu instantaneamente tinha acabado de sair daquela loja, uma mulher, e pela maneira como pegou a mão dela e a beijou, suspeitou do que havia acontecido, e que Adam, o homem ela amava era inocente.

CAPÍTULO 35

O mordomo respondeu novamente com a mesma firmeza.

— Insisto, *milady*, que tenho ordens de não deixá-la passar em hipótese alguma.

Roxanne não se deixou intimidar.

— Pois eu vou entrar querendo ou não, então tem duas opções: ou se afasta, ou me obriga a te empurrar para entrar.

O rosto sombrio do servo estava vermelho de indignação, mas depois de pensar por um momento, percebeu que seria totalmente inapropriado discutir com uma dama, mesmo que ela não se comportasse como tal.

Ao final, se afastou da porta e deixou a passagem livre, que Roxanne aproveitou para acessar a mansão e ir direto para a sala privada, onde ela sabia que os donos daquela casa estariam naquele momento.

O mordomo tentou adiantar-se para avisar a seus senhores da inconveniente visita, mas o impulso que a animava a tomar aquela decisão era demasiado forte para deixar-se adiantar, pelo que, sem bater, abriu a porta da confortável estadia e se plantou ali, com a cabeça erguida e preparada para suportar todo tipo de impropérios.

— Como se atreve! — exclamou a condessa de Dunwich, sua sogra, ao levantar a cabeça e encontrar seus olhos determinados.

— Não consegui detê-la, *milady* — argumentou o mordomo, aparecendo logo atrás, com o rosto pálido e os olhos trêmulos.

O conde levantou-se imediatamente, deixando cair no chão o exemplar do *Gazette* que lia.

— Saia da minha casa imediatamente — ele ordenou com uma voz gelada. — Já causou danos suficientes a esta família sem nunca ter sido bem-vinda.

Mas Roxanne não aceitou. A audiência para o novo julgamento de Adam seria iminente e o tempo era essencial.

— Temos que conversar — argumentou.

A condessa também se levantou. Seu rosto estava vermelho de indignação. Aquela criatura maligna que ali estava, indignada e petulante, trouxera a ruína a sua família. Nela não havia nada da menina humilde e simples com quem acreditavam ter casado o filho. Ela era como o pai, tão determinada que não teria escrúpulos em alcançar seus objetivos, não importando o custo. Como ousava se aproximar deles? Como ousava pôr os pés na casa deles, quando foi avisada de que nada que tivesse a ver com sua família deveria ser permitido no futuro?

— Meu marido foi muito claro. — A voz da condessa era mais cortante que a lâmina de uma faca. — Saia da nossa casa e não ouse pisar novamente.

Mas Roxanne não saiu de onde estava. Parecia alterada, sim, mas firme como um monólito.

— Preciso de sua ajuda.

Isso irritou tanto a sogra que ela colocou a mão no peito.

— É uma descarada?

Ela continuou.

— Sempre soube que meu pai era inocente, mas várias coisas que ele me contou me fizeram pensar que o responsável pela trama do bordel pelo qual foi preso era Adam, seu filho.

O conde ergueu a mão para que a esposa a deixasse falar.

— Se fosse esse o caso — disse ele — por que concordou em se casar com ele?

— Para fazer justiça.

— E para se vingar.

Houve silêncio. O mordomo aproveitou para sair bem devagar, fechando a porta atrás de si.

Roxanne respirou fundo. Precisava da ajuda de seus sogros. Ela não era ninguém na obsoleta sociedade inglesa e *Lady Albyn* já não a protegia mais. Decidiu confessar tudo.

— Sim, também para se vingar. Admito e não tenho orgulho disso. Também não devem se sentirem culpados por terem negligenciado carinho quando ele era criança e por não cuidar dele quando ficou sem irmãos.

A condessa deu um passo em sua direção que o marido parou segurando-a pelo cotovelo. Ainda assim, levantou um dedo ameaçador.

— Não vou permitir que venha até minha casa e nos insulte.

Roxanne olhou nos olhos dela, mas não havia nenhum sinal de ressentimento neles.

— Estava errada e admito. Peço seu perdão e entenderei se não quiserem me oferecer isso, mas devemos salvar Adam.

As sobranceiras do sogro franziram-se na testa.

— O que está dizendo?

— Meu pai me deu três informações que me levaram a incriminar Adam. A primeira, que só vira uma vez o culpado daquela trama, de passagem, ao subir numa carruagem, e que tinha a certeza de que era seu filho.

— Meu filho nunca faria algo assim — a condessa quase cuspiu. — Não me sinto orgulhosa dele, mas ele não lucraria com o infortúnio dos outros.

— A segunda — continuou, sabendo o que isso significava para seus sogros — que uma das mulheres das que se aproveitaram lhe garantiu que o cafetão era um homem de excelente posição que havia caído em desgraça.

O conde soltou uma risada sarcástica.

— Acabou de descrever a maioria da aristocracia inglesa.

— E a terceira — fez uma breve pausa — que visitava com frequência uma mulher da vida. Tudo me levou a pensar que era Camille.

O conde e a condessa se entreolharam. Souberam desse relacionamento por meio de alguns amigos do filho e, se ele não tivesse se apressado, naquele momento estaria casado com aquela mulher indecente. Embora nos últimos tempos se perguntassem se não teria sido melhor do que fazer isso com Roxanne Blyton.

Foi a condessa quem respondeu, embora desta vez a sua voz parecesse menos tensa.

— Não pensa mais assim?

Ela colocou a mão no queixo. Tudo se encaixou, mas ainda faltavam algumas peças.

— A declaração de seu secretário no tribunal não lhe pareceu estranha?

— Se tivesse ido — acusou-a o sogro — saberia que o confrontei na frente do juiz.

— Mandei minha criada, mas ela foi expulsa como o resto dos participantes da sala quando Adam insultou aquele jovem. Embora eu saiba que o senhor foi autorizado a permanecer no julgamento por causa do parentesco. O que aconteceu?

O conde enfiou os polegares nos bolsos do colete. Ainda não confiava nela.

— Por que deveria te contar?

Roxanne o olhou sem tirar os olhos. Tinha que convencê-lo. Era a única maneira de salvar o homem que amava.

— Porque acho que sei como provar a inocência de Adam.

— Você? — A condessa quase cuspiu nela. — A mesma que o colocou atrás das grades?

Roxana suspirou. O ódio havia obscurecido sua razão e agora precisava consertar isso.

— Estava errada — disse com toda a humildade possível — e não me sinto exatamente bem com isso. Meu único interesse agora é compensar meu erro, tirar Adam da prisão e deixar os três em paz. Eu prometo. Pedirei a anulação do casamento e nenhuma indenização se conseguirmos salvá-lo. Ele e os senhores poderão começar de novo, sem obstáculos. Sem mim. Tenho certeza de que encontrarão a candidata adequada. Têm que acreditar em mim.

Os condes trocaram outro olhar conhecedor.

— Simplesmente se afastará? — assegurou-se a sogra.

Roxanne não hesitou.

— Sim.

Foi o conde quem falou.

— O que quer saber?

— A reação de Adam durante o julgamento, quando seu secretário confessou que ele ditava os valores que deveria anotar naqueles livros.

— Disse-lhe que era mentira.

— Os culpados sempre dizem isso.

— Adam ficou indignado — insistiu o sogro. — Acusou-o de mentiroso e ingrato, pois lhe dera uma casa e um emprego quando foi rudemente demitido por seu antigo senhor.

— Quando foi isso? — Era um fio para puxar. — Desde quando aquele homem trabalhava para Adam?

O conde pensou nisso por um momento. Sua memória não era mais o que costumava ser.

— Não me lembro.

— Mais ou menos desde o ocorrido com seu pai — interveio a esposa. — Foi nessa época. O que aconteceu?

Sim, tudo se encaixava. Seria necessário reunir evidências, mas as datas e as informações se ajustavam ao

que começava a tomar forma em sua cabeça.

— Passei por ele na rua há pouco — disse-lhes. — Estava prestes a cumprimentá-lo, mas algo me impediu. Acho que foi a atitude dele e que alguém como ele estivesse esperando em um lugar tão incomum como uma loja de chapéus femininos. Quem saiu de lá foi uma mulher. Alguém que já vi antes com outra acompanhante e que, pela forma como se comportou, não era adequado para um secretário e uma dama de boa reputação.

A condessa deu um passo em sua direção. O ressentimento foi substituído em seu rosto pela curiosidade.

— Quem era essa mulher?

Roxanne sorriu.

— Alguém de quem nunca poderíamos suspeitar.

O conde coçou o queixo e virou-se para a esposa.

— Se lembra, querida, quem era seu empregador anterior?

Mas ela tinha o olhar fixo na nora, porque ambas, em silêncio, haviam chegado à mesma conclusão.

— Se trata de... — disse lentamente.

Roxanne assentiu.

— Isso mesmo. Ele é quem está por trás de tudo. Que armou para meu pai e agora para Adam, e que saiu ileso de seus crimes.

CAPÍTULO 36

O guarda removeu as algemas, um privilégio da nobreza com o qual Adam não se importava.

Se recorreu a Suprema Corte, não foi por interesse próprio, mas porque os seus pais nunca o perdoariam se não o fizesse. Acreditavam firmemente em sua inocência, e recusar o conforto que sua fortuna fora capaz de lhe oferecer foi tão perturbador que não conseguia se lembrar de ter visto sua mãe chorar antes.

Naquela manhã, lhe deram água limpa e sabão, além de um pedaço de pano que não estava muito sujo para ele se limpar. Da mesma forma, deram-lhe as roupas com as quais entrou na prisão, que uma vez vestidas eram muito grandes devido ao peso que havia perdido, e permitiram que ele se arrumasse diante de um espelho tão pequeno que teve que se afastar para que seu rosto pudesse caber inteiro.

Quando se olhou, mal se reconheceu. Suas bochechas estavam encovadas como os olhos, as pálpebras sombreadas, os lábios rachados devido à desidratação e o cabelo estava tão comprido que teve que prendê-lo em um rabo de cavalo para não cobrir o rosto.

— Anime-se, é para hoje — discursou o guarda, usando a ponta de um pedaço de pau para cravá-lo nas costelas.

Recebeu o golpe em silêncio e saiu da sala atrás de dois fortes carcereiros que o levariam a Corte Suprema.

Atravessou Londres na escuridão, dentro de uma carruagem fedorenta e sem janelas, onde a pouca luz se filtrava pelas frestas da madeira. Chegou com os ossos quebrados, pois não havia banco para se sentar nem barra para se segurar, o que o fazia tropeçar de um lado para o outro do cubículo toda vez que as rodas encontravam um buraco ou uma pedra.

Quando abriram a porta, a luz lá fora era tão intensa que ele teve que cobrir os olhos para não ficar cego.

— Rápido! — O importunaram novamente, forçando-o a entrar no prédio judicial pela porta dos fundos, por onde entravam os criminosos que seriam julgados.

Já esteve lá uma vez, participando de audiências onde alguma pessoa famosa foi convocada. Ele o fez com o mesmo espírito de quem vai a um baile ou a uma corrida, só por diversão, sem perceber o sofrimento do preso, que naquele dia não era outro senão ele mesmo.

O empurraram por um corredor sombrio até uma sala estreita, onde o deixaram sentar-se num banco duro, esperando ser chamado. Minutos se passaram, e também algumas horas, e o alívio de poder sentar-se começou a se transformar em martírio quando a madeira cravou em seus ossos e os guardas não permitiam que se levantasse.

Se fosse por ele, teria poupado tudo aquilo. A Corte Suprema ditaria a mesma sentença e teria que passar por uma nova humilhação, embora isso era o menos importante.

Roxanne não compareceu às sessões de seu primeiro julgamento, assim que não viria a essa. Vê-la foi o único incentivo que lhe deu alguma esperança. Vê-la era, verdadeiramente, a única coisa que lhe importava.

Durante aqueles meses de cativeiro, conseguiu resolver muitas coisas em seu coração e em sua mente, e chegou à conclusão de que o único amor sincero que sentiu foi por aquela garota com aparência esquiva e olhar vivo com quem o forçaram a se casar.

Se soubesse disso então, teria aproveitado cada momento precioso que passaram juntos, e não os desperdiçado em bravatas e grosserias, como era tão comum nele.

Um funcionário da Chancelaria apareceu pela única porta que permanecia fechada.

— Lorde Dunwich, será convocado imediatamente.

Estava prestes a olhar em volta, porque já fazia muito tempo que não era chamado, então quase dissociou aquela dignidade de sua própria pessoa.

Ele assentiu e agradeceu, recebendo um olhar amargo de seus carcereiros.

Como havia anunciado, o indivíduo mal havia saído quando dois guardas vieram buscá-lo.

O trataram com respeito e um deles o ajudou a se levantar.

Engoliu em seco antes de começar a andar, num cortejo que atravessou um pátio e um longo corredor até finalmente entrar na sala de audiência onde seria julgado.

Mais uma vez, teve que levantar as mãos para proteger os olhos da luz ofuscante dos vitrais. Estes estavam tão acostumados à escuridão que se queixaram com uma dor surda que se assemelhava a um prego inserido de um só golpe em sua cabeça.

Sentiu como pegaram seus braços para acompanhá-lo e como uma voz gentil lhe disse para se sentar, tratando-o como milorde. Quando finalmente conseguiu abrir os olhos, descobriu-se naquela grande sala que conhecia, de frente para o público, sentado na mesma tribuna onde estavam os juízes, embora rodeado de fortes medidas de segurança.

Esses três juízes o olharam com curiosa seriedade, ao que ele respondeu com uma inclinação de cabeça. Isso pareceu dar o sinal para iniciar o julgamento, e um advogado leu as acusações e a sentença sobre as quais deveriam deliberar.

Ao fazer isso, se sentiu livre para olhar ao redor. Viu Camille na tribuna superior, parecendo muito preocupada. Na outra ponta, seus olhos encontraram os de Doris, a criada de Roxanne, que no outro julgamento não havia faltado uma única vez. Ele lhe sorriu e a garota colocou um lenço nos olhos.

Na parte inferior, onde nobres e familiares tinham direito de acesso, estavam seus amigos. James e August estavam sentados lado a lado, John um pouco atrás, Archibald acompanhando *Lady Albyn*, que não podia perder uma diversão, e Robert Carlisle, seu confidente mais íntimo, na primeira fila. Ele deu-lhe um sorriso fraco e seu amigo respondeu com um gesto corajoso.

Seus pais também estavam lá. O conde e a condessa optaram por um lugar discreto numa das extremidades do primeiro banco. Estavam imaculadamente vestidos de preto e com as mãos entrelaçadas. Sua mãe estava muito pálida, mas mantinha a cabeça erguida e orgulhosa como sempre. Seu pai tentava fingir que era indiferente a tudo isso, embora o brilho em seus olhos negasse.

Adam respirou fundo. Isso não seria nada mais do que uma pantomima. O tribunal já teria estudado as acusações e as provas contra ele e, se nenhum novo material fosse fornecido a seu favor, a sentença seria rubricada em poucos minutos e ele seria devolvido à prisão.

— Obrigado, secretário — disse o decano dos juízes com voz profunda — e agora, se não houver novidades...

Uma comoção no fundo da sala o fez parar. O rosto do velho juiz enrugou-se, pois não estava habituado a ser interrompido. Ouviu-se a voz de um guarda dizendo que não era mais possível passar e a de uma mulher exigindo entrada.

O magistrado pediu ordem e pediu para ser consultado. Um dos guardas se aproximou para lhe dizer algo em voz baixa. Ele consultou os outros dois enquanto o público se perguntava o que estava acontecendo. No final,

concordou em dar permissão, deixando claro que era apenas por causa do relacionamento próximo.

Dessa forma pouco ortodoxa, Roxanne entrou na sala do tribunal e, assim que lhe foi permitida a passagem, procurou Adam, concentrou-se nos olhos dele e sorriu-lhe.

Ele pareceu surpreso, pois não esperava vê-la, mas mudou de ideia imediatamente, porque só isso já teria valido a pena o apelo e outros mil semelhantes.

— Sente-se, *Lady* Dunwich, e serei obrigado a repreendê-la por estar atrasada.

Ela passou pelos sogros e lhes lançou um olhar tranquilizador.

— Peço desculpas ao tribunal — disse, diante do banco das testemunhas, sem se sentar em um — não foi um descuido. Os motivos relacionados ao caso me detiveram mais do que eu esperava.

O juiz sênior parecia confuso.

— Seu advogado não...

— Não tive tempo de consultá-lo, mas peço sua permissão para apresentar novas informações.

O homem arregalou os olhos. Uma mulher, uma dama, dirigindo-se à Corte de Sua Majestade.

— Isso é completamente incomum — ele conseguiu articular — especialmente quando se trata da senhora, que foi quem forneceu a prova definitiva para sua condenação.

Roxanne assentiu. Tinha uma vontade imensa de olhar para Adam, de verificar se estava bem, se não a odiava, mas precisava convencer aqueles homens de qualquer maneira, mesmo que tivesse que quebrar todas as convenções.

— Se Vossas Excelências me permitirem explicar — fez uma profunda reverência — terão as informações necessárias para tomar a sábia resolução que considerarem apropriada.

Com uma expressão sombria, o juiz encarregado do julgamento consultou os outros dois. Falaram em voz baixa

por alguns minutos. Parecia que não conseguiam entrar em acordo, então ele mesmo tomou uma decisão.

— Sente-se — indicou o banco das testemunhas — e faça o juramento.

Roxanne deu um suspiro de alívio, embora isso fosse apenas o começo. Precisava convencê-los e não seria fácil.

Ela subiu até a plataforma que lhe foi indicada e, ao erguerem a Bíblia diante dela, se atreveu a olhar para Adam. Como sempre, aquele choque percorreu suas costas, uma sensação que já ousara nomear, embora fosse a última vez que o veria.

Ela lhe sorriu e ele retribuiu. Se sentiu feliz apesar de tudo. Mesmo que não pudesse conseguir nada ou piorar as coisas. Com aquele sorriso, qualquer esforço como o que fez nos últimos dias foi recompensada.

— Que novas evidências pode fornecer? — insistiu o magistrado.

Ela limpou a garganta e começou o discurso que havia preparado.

— Meu pai...

O juiz a interrompeu imediatamente.

— Já julgamos seu pai anos atrás, *milady*.

— Preciso apresentar os fatos para que sejam compreendidos.

— Faça de outra forma que não ofenda a nossa inteligência.

Houve risadas na plateia e os outros dois juízes se parabenizaram.

Roxanne olhou para o público. Estavam todos lá. *Lady* Albyn a olhava com uma sobrancelha levantada, não sabia se estava assustada ou impressionada, e o secretário de Adam, com a boca tão apertada que os dentes deviam estar doendo.

— *Lady* Diana Aldrich — ela começou a dizer — é uma dama pouco conhecida na sociedade, apesar de sua beleza. A verdade é que não é estranho, pois o seu título é

inexistente. Nasceu em Crawley, seus pais são vendedores de manteiga e ela fugiu com um vendedor de meias quando tinha quinze anos.

Uma linda mulher que estava na plateia levantou-se.

— Isso é uma mentira grosseira!

Era ela, Diana, a pessoa com quem tudo começou.

Roxanne não permitiu que se defendesse. Procurou na pasta um documento que colocara ao seu lado e que passara despercebido a todos, e entregou-o ao guarda.

— Aqui está a declaração assinada pelos pais dela. Me acompanharam e podem testemunhar e reconhecer sua filha se Vossa Excelência desejar chamá-los.

Mais uma vez, os juízes trocaram olhares entre si. O presidente do tribunal falou.

— O que isso tem a ver com este caso?

Roxanne não se intimidou, embora algumas risadas tenham sido ouvidas novamente entre o público.

— A srta. Morris, por ser este o seu verdadeiro sobrenome, descobriu que para sobreviver em Londres era necessário algo mais do que vontade, e teve de recorrer aos seus encantos, que não desagradaram ao seu amante. Dessa forma, ambos conheceram um aristocrata que passava por uma situação delicada. As dívidas de jogo estavam prestes a tirar-lhe os seus vastos bens, pelo que ele poderia acabar na prisão se não respondesse aos seus credores.

A bela Diana não se sentou e seu rosto estava vermelho de fúria.

— O que está dizendo é mentira — gritou.

Mas Roxanne não vacilou. Vasculhou os documentos novamente e entregou alguns ao guarda de novo.

— Estas são as declarações assinadas de três desses credores, que poderão explicar detalhadamente o que acabo de afirmar. Também me acompanharam e estão esperando lá fora, daí o meu atraso.

Isso estava começando a ficar interessante e a provocação desapareceu de repente. *Lady* Diana, igualmente indignada, abriu caminho entre a multidão a caminho da saída, demonstrando sua irritação em cada gesto.

— Continue — disse o magistrado, e depois voltou-se para o capitão da Guarda — e não deixe ninguém sair desta sala.

Isso fez a mulher empalidecer e olhar em volta como se procurasse outra saída. Os guardas reuniram-se às portas para cumprir as ordens.

Naquele momento, Roxanne chamou a atenção de todos. Um único erro, uma frase inconsistente e seu argumento entraria em colapso. Olhou para Adam em busca de força. Seus olhos estavam brilhantes e se sentia incapaz de afastá-los dela.

— O vendedor de meias — continuou — cujo nome é Daniel Sullivan, convenceu o jovem aristocrata a conseguir dinheiro fácil através de casas de prostituição. Só era necessário dobrar certas vontades e ele mesmo se livraria dos rivais. Desta forma, foi forjada uma rede de bordéis onde as mulheres eram tratadas com mão pesada e onde aquelas que protestavam desapareciam durante a noite.

O decano voltou-se para seus companheiros.

— Daniel Sullivan... Esse nome não está no arquivo?

— Isso mesmo, milorde — esclareceu Roxanne. — Se trata do secretário do meu marido — apontou para a segunda fila. — Ele está sentado ali.

O mencionado acima não se mexeu. Sabia que não havia saída. Só podia esperar que aquela maldita mulher estragasse tudo.

— Mas... — o juiz parecia confuso.

— Entenderá imediatamente.

Pigarreou.

— Prossiga.

A parte mais difícil ficou e suas pernas começaram a tremer.

— Meu pai — continuou — e deixe-me incluir agora, suspeitava de tudo isso, mas não tinha certeza de quem estava por trás. Uma visita de Adam, meu marido, a um dos bordéis o confundiu. Por isso envolveram o meu pai. É por isso que convenceram os Dunwich a testemunhar contra ele, lhe mostrando provas falsas. Sabiam que sua forte moral os impediria de proteger um canalha, mesmo que fosse um velho amigo. Não hesitaram em convencer o filho a fazer o mesmo e estavam errados.

— Que evidências tem disso? — perguntou outro dos juízes.

Roxanne se virou para olhar os condes, duas pessoas que a detestavam. Eles mantinham aquela antiga dignidade, mas havia uma expressão de admiração em seus olhos.

— Aqui estão meus sogros — apontou para eles. — Poderão explicar como o verdadeiro responsável por tudo isso os envenenou com ideias falsas que conseguiram convencê-los.

O conde assentiu e o magistrado não teve escolha senão concordar.

— Continue, *milady*.

Sentia uma cólica terrível na barriga, mas precisava de um pouco mais, só um pouco mais.

— Quando meu pai foi condenado, tudo parecia finalmente resolvido, mas aquele grupo de canalhas não confiava em Adam. Ele era muito impulsivo, muito temperamental, para não se perguntar se o que fora instado a declarar era verdade. Então lhe deram alguém para vigiá-lo de perto, o próprio Daniel Sullivan — apontou para ele — seu secretário a partir daquele momento, que ficaria encarregado de conduzi-lo e corrigir quaisquer pensamentos de piedade para com meu pai e minha família — encolheu os ombros e Adam achou que estava deliciosa. — Então eu

apareci e comecei a fazer perguntas, e, novamente, foram forçados a fazer algo para evitar suspeitas e plantar evidências para implicar Adam, como o livro que descobri, quando os verdadeiros culpados são Daniel Sullivan — apontou para um cavalheiro sentado na primeira fila — e lorde Robert Carlisle.

O murmúrio da plateia foi estrondoso. *Lady Albyn* colocou a mão no peito, tão chocada quanto encantada com a nova notícia.

— Isso não é possível! — ouviu dizer.

Robert não vacilou. Ele sabia quando um jogo estava perdido, e esse era um desses momentos.

Roxanne teve que se segurar na cadeira, escondendo o fato de que sua visão estava começando a ficar turva.

— Não só os credores o reconhecerão — acrescentou, continuando a salientar —, mas do outro lado daquela porta estão à espera várias mulheres que trabalharam para ele e a partir de hoje não têm medo dele. Testemunharão quem são e o que fizeram, assim como os seguranças de dois dos seus bordéis, que permanecem em um refúgio seguro e falarão em tribunal se lhes for concedida imunidade.

O juiz sênior teve que usar o martelo para silenciar a multidão.

— Se tudo o que diz é verdade...

— É — Roxanne não o deixou terminar, firme, e entregou os documentos ao guarda — e nesta pasta há provas de tudo e muito mais. Adam Baxley é inocente e merece ser libertado.

Já estava feito. O que aconteceu a seguir só Deus sabia. Seria necessário colher o depoimento de cada uma dessas testemunhas, debater, deliberar. Olhou para Adam. Daria qualquer coisa por um último beijo, mas jurou aos sogros que se afastaria, renunciaria aos seus votos e deixaria Londres, para nunca mais vê-lo.

Sentiu vontade de vomitar.

Se não saísse dali o mais rápido possível, daria um último espetáculo. Estava tonta e tudo girava.

Enquanto o juiz batia o martelo sem parar para acalmar toda aquela gente, tentava levantar a voz.

— E agora, se me derem licença, não estou me sentindo bem e preciso...

Mas não conseguiu terminar a frase, porque perdeu a consciência e caiu estendida no chão.

CAPÍTULO 37

Quando abriu os olhos, não reconheceu o quarto onde estava. As paredes eram revestidas de um amarelo muito claro e os móveis eram tão leves que pareciam não se apoiar nas finas pernas de madeira.

— Acho que está acordando — ouviu uma voz familiar, mas teve dificuldade em identificá-la.

Estava deitada em uma cama tão confortável que a última coisa que queria era acordar. Estava com sono, muito sono, e se lhe dessem um pouco mais de tempo, adormeceria novamente até...

De repente, sua cabeça se encheu de acontecimentos ocorridos na Corte Suprema, fazendo com que seus dedos se contorcessem nos lençóis macios de algodão.

— Adam! — conseguiu articular, e seus lábios pareciam tão secos que doíam.

— Vou buscar água — disse a mesma voz de antes — aquela da nascente é tão fresca que vai te fazer bem.

Ela finalmente conseguiu focar os olhos e reconheceu Doris, que a olhava de uma forma estranha, um misto de preocupação e curiosidade. Foi lhe dizer que não era necessário, que estava bem, que só precisava descansar um pouco mais, mas naquele momento ouviu a outra voz.

— Diga-lhes que avisem o médico e mandem a cozinha preparar algo para comer. Estará com muita fome.

Este segundo tom, mais nítido e alongado, reconheceu instantaneamente. Era a voz da sogra, a condessa de Dunwich.

Virou a cabeça e a viu ali, sentada em uma poltrona ao lado da cabeceira da cama, toda vestida de preto, como sempre, com os cabelos bem presos sob a touca e uma expressão taciturna no rosto.

— Bom dia — lhe disse quando a viu a olhando.

Roxanne tentou sentar-se, mas não teve forças suficientes e caiu de costas no colchão macio.

— Não tente. Perdeu muito sangue. Precisa descansar e recuperar as forças.

Olhou em volta novamente. A luz entrava pelas grandes janelas, que tinham apenas uma leve cortina.

— Onde estou? — perguntou.

A sogra colocou a mão na testa dela para se certificar de que não estava com febre.

— Em Linchester House — respondeu. — Estes são os seus quartos. Adam ordenou que fossem redecorados ao seu gosto. “Algo simples e despretensioso”, acho que foi isso que disse. Eu gosto. É agradável, embora nunca tivesse optado por algo tão pouco solene.

Roxanne olhou em volta novamente. Sim, era verdade, aquele era o mesmo quarto onde passaram a estranha noite de núpcias, o mesmo onde acordou e Doris lhe contou sobre a existência de Camille.

Parecia que uma eternidade se passou desde então, quando a verdade é que haviam se passado apenas alguns meses.

Olhou novamente para a sogra, cuja expressão de aço parecia mostrar uma pitada de compaixão.

— O que aconteceu comigo?

A mulher recostou-se na cadeira e entrelaçou os dedos.

— Desmaiou durante o julgamento. Uma hemorragia. O médico conseguiu contê-la, graças a Deus, mas recomendou que a levássemos para um lugar tranquilo. Está inconsciente há onze dias.

Onze dias! Seus olhos se arregalaram, pois de repente se lembrou de algo importante. O mais importante. Colocou a mão na barriga. Angustiada.

— Calma. — Sua sogra havia entendido seu medo. — Seu bebê está bem. Foi apenas um grande susto.

Um gemido de angústia escapou dela. Sabia que algo estava errado nos últimos dias, mas o médico que a tratava garantiu-lhe que era normal para um bebê pela primeira vez.

Ela não contou a ninguém, nem mesmo ao marido. Pensaria no que fazer. Encontraria uma maneira de fazer as coisas funcionarem.

A imagem de Adam no banco dos prisioneiros não lhe saía da cabeça desde que abrisse os olhos, mas não ousara dizer o seu nome. Olhou para a sogra. Ela parecia examinar cada gesto seu. Falou com cuidado.

— Adam...?

Apesar de toda a sua resposta, respondeu com uma pergunta.

— Se lembra do que prometeu a mim e a meu marido quando veio nos ver?

Tinha o direito de exigir isso. Eles lhe forneceram os meios para completar sua investigação. Não deveria se sentir mal por isso.

Assentiu, a amargura subindo em sua garganta.

— Eu mantenho minha promessa, mas deve me dizer se Adam...

— Ele foi considerado inocente — a consolou — e todas as acusações contra ele foram retiradas. Robert Carlisle assumiu o seu merecido lugar, assim como aquele secretário bastardo e aquela mulher que se autodenominava *Lady Diana*.

Não pôde evitar um suspiro de alívio.

— Obrigada, Senhor — sussurrou.

A condessa insistiu.

— Quanto à sua promessa...

— Deixe-me descansar esta manhã — disse ela, tentando parecer determinada, embora a verdade fosse que nem tinha forças para se mover. — Pedirei à Doris que prepare minhas coisas e partirei hoje mesmo. Agradeço por ter sido paciente comigo e ter cuidado de mim esses dias, mas não vou mais te incomodar.

A condessa levantou-se com aquela dignidade com que fazia tudo e alisou as vestes negras.

— Adam quer agradecer pessoalmente.

Estava ali? Essa ideia horrorizou Roxanne. Se o visse novamente, tudo seria muito mais difícil. Inclusive duvidava se não cometeria alguma inconveniência.

Se ela aprendeu alguma coisa naquele tempo, foi que o amava, de uma forma tão ousada que só poderia deixá-la enormemente infeliz ou infinitamente feliz, e a segunda possibilidade lhe era absolutamente proibida.

Tentou se recompor, sem sucesso.

— Uma despedida... Diga-lhe que não é necessário.

— Receio que tenha insistido.

Sem mais delongas, se virou e saiu do quarto. A ouviu conversando com alguém do outro lado da porta, a voz de Adam, e estremeceu.

Não estava pronta para vê-lo, muito menos para dizer adeus. Por que simplesmente não a deixavam ir? Faria isso com bastante discrição para que ninguém descobrisse e então Adam Baxley seria apenas uma lembrança, um nome escrito nos papéis de anulação do casamento, uma lembrança de algo que nunca deveria ter acontecido.

Alguns passos determinados a fizeram olhar naquela direção, e lá estava ele, mais uma vez, impecavelmente vestido, com aquele laço impecável no pescoço e o olhar fixo nos olhos dela. Ele havia recuperado algum peso, embora os sinais de cativoiro ainda fossem visíveis. Estava com as mãos atrás das costas e caminhou até ficar perto da cama, de onde a olhou com as sobrancelhas franzidas,

exatamente da mesma forma que fez no primeiro dia, quando se conheceram na capela do casamento.

— Tememos por você — disse sua voz viril e bem timbrada.

Ela teria a voz no corpo? Porque desde que o tinha visto, aquela corrente magnética estava empenhada em atravessá-la como um raio inesperado numa noite de tormenta.

Limpou a garganta antes de falar.

— Vejo que está melhor.

Em resposta, ele sentou-se na beira da cama, quando o que ela precisava era que fosse embora para que ela pudesse começar a esquecê-lo.

— Como está se sentindo?

Sorriu, embora soubesse que era estranho.

— Não sou fácil de vencer.

— Já percebi.

Tinha que esclarecer tudo para ele. Que estava esperando um filho e que permitiria que o visitasse sempre que quisesse, que assinaria tudo o que lhe fosse apresentado desde que mantivesse o escasso legado do seu pai, que...

— Adam, eu...

Ele colocou um de seus longos dedos logo acima dos lábios dela.

— Não fale. O médico disse que deve descansar o suficiente antes mesmo de pensar em sair da cama.

Isso não era possível. Tinha que partir naquele mesmo dia, o mais rápido possível; se não, ficaria louca.

— Esta noite posso pegar uma carruagem e...

As sobrelhas de Adam franziram um pouco mais.

— Onde está planejando ir?

— Para minha casa. Em Londres.

Ele cruzou os braços.

— Para uma cidade barulhenta e onde será assaltada por visitantes inoportunos a todo momento? — Ele balançou

sua cabeça. — Não acho que seja o lugar certo para se recuperar.

Não queria incomodá-lo, mas não tinha outra casa além daquela. Doris cuidaria dela, e Camille e as meninas, com quem ela havia forjado uma sólida amizade, independentemente do que a pudica sociedade inglesa pensasse.

Ela tentou fazer com que ele a entendesse.

— Não quero mais te incomodar ou seus pais. Já tiveram paciência suficiente.

Ele, pela primeira vez, pareceu concordar.

— Não podemos ficar em Linchester, claro.

Um suspiro escapou dele. Finalmente conseguiu escapar do magnetismo dos olhos dele, que a controlavam.

— Assim que Doris chegar...

— Iremos para Claridon Cottage — disse ele triunfante — mas não hoje, quando puder andar com seus próprios pés.

Conhecia a natureza engraçada de Adam por trás daquela aparência indiferente.

— Não brinque.

Ele manteve o olhar fixo nos olhos dela, um olhar que se suavizou até que se aproximou. Gentilmente pegou as mãos dela e se aproximou um pouco mais.

— Aquele americano que comprou... — ele fez um gesto sarcástico com a cabeça. — Bem, é um velho amigo que estava pronto para atender meu pedido. Ele adquiriu em meu nome. Queria que fosse meu presente de casamento. O que nunca te dei. Ele investiu até que eu conseguisse falar com meu pai e cuidou de toda a papelada. Agora está em seu nome. É tua.

Seus olhos se encheram de lágrimas. Era verdade? Ele realmente comprou para ela o lar feliz de sua infância?

— Mas... — as palavras não saíram.

— Foi a única coisa que restou do seu pai. — Ele beijou a mão dela. — Achei que gostaria de mantê-lo e me

parece o lugar perfeito para criar nosso filho.

Nosso filho? Queria dizer...? Estava dizendo...?

— Adam.

Ele se aproximou e deu um beijo suave em seus lábios. Muito leve, porque o médico lhe disse para não alterá-la.

— A única coisa que me arrependo é de ter perdido meu tempo te odiando em vez de te amar — disse ele, sem conseguir soltar a mão dela. — Não sei o quanto o futuro nos reserva, mas tenho certeza de que não tenho o suficiente para agradecer o que fez por mim e para amá-la como merece.

Roxanne estava feliz. Absolutamente feliz.

— Não deveria se sentir obrigado — disse, dessa vez, com um sorriso nos lábios que acreditava ser indelével.

— Acha que é isso?

Ela tentou se sentar e ter forças para beijá-lo.

— Realmente me ama?

Ele a ajudou a se deitar novamente.

— Dê-me tempo para convencê-la.

— Tempo? — Isso era o que lhe sobrava, embora o sono estivesse conseguindo dominá-la novamente. — Tem todo o tempo do mundo.

CAPÍTULO 38

Dois anos depois.

— Tem certeza? — Adam perguntou com os olhos arregalados.

— Completamente — respondeu Roxanne, radiante. — O médico esteve aqui esta manhã e confirmou.

Ele soltou um suspiro. Mais dois filhos. O sonho de uma casa cheia de pirralhos correndo começava a se realizar em um ritmo muito bom.

Tinham pouco tempo, pois em uma hora seus pais chegariam e aquela mansão londrina deveria voltar a ser um lugar respeitável. Havia um pacto tácito entre os antigos condes e os dois: poderiam fazer o que quisessem, desde que eles não descobrissem.

Roxanne estava convencida de que tanto o velho conde quanto a astuta condessa estavam cientes de suas aventuras, mas decidiram fingir uma ignorância que estavam longe de sentir para salvaguardar o ar de respeitabilidade que era tão importante para eles.

— Estão todos lá embaixo — disse Doris exultante, aparecendo pela porta com o pequeno lorde Dunwich nos braços.

Ele lutou até se libertar e correu em busca de sua mãe, pela qual sentia adoração.

— Andrew! — Adam exclamou, contendo o riso. — Não seja rude. Mamãe está delicada.

O pequeno lorde afastou-se cuidadosamente e a olhou com seus imensos olhos azuis. Ele era uma cópia em miniatura de seu pai. Até mesmo seu sorriso travesso havia encontrado um modelo em seu filho.

— Está doente? — Ele perguntou, um tanto preocupado.

Roxanne não pôde evitar. O pegou nos braços e começou a fazer cócegas entre as costelas, o que era uma das coisas que mais poderia divertir o menino. Não quis ter amas de leite ou preceptoras. Ela o educaria sempre que possível e, quando precisasse de conhecimentos que não estavam ao seu alcance, procuraria um tutor que fosse gentil e tivesse valores como os deles.

— Senhora — Doris se aproximou apressadamente — não sei se no seu estado...

Adam concordou, e tirou-o dos braços dela, rindo, para deixá-lo entre os da ex-criada, que agora atuava como governanta, embora às vezes parecesse a babá pela adoração que tinha pelo jovem senhor.

— Dóris tem razão. E ainda mais agora que sabemos que dois estão a caminho.

A notícia que sua esposa acabara de lhe dar o deixou ainda mais feliz. Aquele jantar de véspera de Natal seria especial por vários motivos, e outra foi o fato de ela ter recebido todas as honras que havia recebido do falecido sogro, de modo que Roxanne recebeu o título de marquesa de Blyton.

Para ela, isso pouco importava. A única coisa significativa era que todos estavam bem e que a gravidez parecia estar indo maravilhosamente bem.

— Vamos descer então — concordou.

Sentou-se, segurando a enorme barriga com uma das mãos, e teve que apertar os rins para descansar.

— Te levo no colo — disse Adam rapidamente, muito sério.

Ela riu.

— Nem pense nisso, não quero assustar meus amigos e fazê-los pensar que me tornei uma mulher mimada.

Ele a pegou pela cintura, aproximando sua testa da dela.

— Porque não me deixa.

O sorriso de Roxanne era delicioso.

A paternidade combinava bem com Adam. Passava todo o tempo com ela e o filho, agora que o velho conde decidira deixar-lhe a gestão das terras da família.

Abaixo podia se ouvir um pequeno tumulto de vozes femininas. Roxanne sabia que estavam sendo bem cuidadas e que o champanhe estava sendo servido generosamente.

— Decidiu seguir em frente com nosso casamento — disse ela ao marido, beijando levemente seu nariz. — Deveria ter pensado melhor sobre isso.

Ele não se conteve e a abraçou com mais força, embora a barriga dela fosse um claro inconveniente. Se fundiram em um beijo terno e caloroso, daqueles que sempre terminavam com os dois se amando apaixonadamente na cama.

Doris pigarreou e, quando a olharam, ela gesticulou discretamente em direção à porta.

O ar dos pulmões de Adam escapou.

Por ele, mandaria todo mundo para casa e ficava com a esposa, ali, no quarto, aproveitando o tempo até a hora do jantar.

De repente se lembrou.

— Me enviaram um bilhete — ele piscou, — se atrasarão um pouco.

— Acha que eles querem nos dar tempo para desfrutar nossos amigos?

— Se me contassem, não acreditaria. — Conversaram sobre isso várias vezes. — Não sei o que consegue fazer com eles, mas comem na sua mão.

— Só estou dizendo o que penso. Acho que era disso que precisavam.

Decidiram atender seus convidados e saíram para o amplo salão. Lá embaixo, no grande salão, um grande grupo de mulheres os esperava, que a parabenizaram em voz alta por sua aparência de grávida.

Uma delas, de cabelos ruivos volumosos, segurava um doce deliciosamente embrulhado.

— Andrew! — chamou o pequeno lorde. — Me disse que não gostava de chocolate, certo?

Os olhos do menino se arregalaram, mas ele olhou para a mãe com expectativa, buscando sua aprovação.

Ela não teve escolha a não ser sorrir.

— Corra, tia Camille tem algo para você.

Dóris mal teve tempo de colocá-lo no chão quando o menino se jogou escada abaixo, agarrando-se desajeitadamente no corrimão, até cair nos braços de *madame* e receber beijos de cada uma das amigas de sua mãe.

Ao lado dela, Adam apertou sua mão.

— Eu te amo — ele disse baixinho, incapaz de parar de olhar nos olhos dela.

Ela sorriu. Ainda sentia aquela corrente percorrendo suas costas quando estava ao lado dele.

— Não se arrepende de ter casado com uma Blyton? Não somos pessoas convencionais, como já viu.

Ele a beijou levemente. Tinham de atender seus convidados, que haviam chegado à mansão vindos de todos os bordéis de Londres. E tinham que se despedir deles antes que seus bons pais chegassem para a ceia de Natal.

Ele piscou para ela.

— Só me arrependo de não ter conhecido você antes. E, agora, vamos parabenizar nossos amigos.

E desceram devagar, tanto quanto a barriga protuberante permitia, e tão felizes por terem certeza de que o futuro seria perfeito se estivessem juntos.

Obrigado por ler este romance.
Se gostou, pode me ajudar a divulgá-la deixando uma
resenha na Amazon.

Escaneando este QR code com seu celular pode entrar
direto na avaliação.



^[1] Castelo de Malmaison é um palácio francês (nota da tradutora).